

---

# **Ataques Terroristas em Cabo Delgado (2017-2020): as causas do fenómeno pela boca da população de Mocímboa da Praia**

---

**Coordenação**

**Geraldo Luís Macalane  
Jafar Silvestre Jafar**



**Universidade Rovuma**

**Extensão de Cabo Delgado**

**Pemba, 2021**

---

# **Ataques Terroristas em Cabo Delgado (2017-2020): as causas do fenómeno pela boca da população de Mocímboa da Praia**

---

Coordenação

Geraldo Luís Macalane  
Jafar Silvestre Jafar

## **Pesquisadores Participantes**

Alex Samuel Artur

Amissé Muamede

Calawia Salimo

Crissantos A. M. Reveque

Misha M. Mandama

Mouzinho M. Lopes

Selemane Mitalage

Sérgio Sauale

Sufiane A. Mote

**Universidade Rovuma  
Extensão de Cabo Delgado  
Pemba, 2021**

## **Ficha técnica**

**Título:** Ataques Terroristas em Cabo Delgado (2017-2010): as causas do fenómeno pela boca da população de Mocímboa da Praia.

**Autores:** Geraldo Luís Macalane (Coordenador), Jafar Silvestre Jafar (Coordenador-Adjunto), Alex Samuel Artur, Amisse Muamede, Calawia Salimo, Crissantos Reveque, Misha M. Mandama, Mouzinho M. Lopes, Selemane Mitalage, Sérgio Sawale e Sufiane A. Mote

**Foto capa:** Fotógrafo anónimo (Retrato de chegada e recepção, na Praia de Paquitequete, de centenas de deslocados fugindo de ataques terroristas em Mocímboa da Praia. Pemba, 26/10/2020).

**Revisão Linguística:** Geraldo Macalane e Amisse Muamede

**Design e Formatação:** Jafar Silvestre Jafar e Crissantos Arnaldo Matias Reveque

**Impressão e Encadernação:**

**Local e ano de publicação:** Pemba, 2021

## **Notas biográficas dos autores**

### **Geraldo Luís Macalane (Coordenador)**

Doutor em Linguística Descritiva Teórica pela Universidade Eduardo Mondlane e Mestre em Linguística Descritiva Portuguesa pela Universidade do Porto. É membro de Associação de Linguística das Universidades da SADC e da Academia de Línguas Africanas; autor de diversos livros, dentre os quais Manuais em L1 Cinyanja (1ª a 7ª classes), Minidicionário Cinyanja-Português e Português-Cinyanja; Co-autor da obra "O Português moçambicano: Estudos e Reflexões" e autor do livro "A Variação paramétrica das interrogativas parciais em Cinyanja". Actualmente é Director da Universidade Rovuma, Extensão de Cabo Delgado. As suas áreas de interesse são: Sintaxe e Semântica do Português e das Línguas Bantu. E-mail: [gmacalane@unirovuma.ac.mz](mailto:gmacalane@unirovuma.ac.mz)

### **Jafar Silvestre Jafar (Coordenador-Adjunto)**

Doutor em Pós-Colonialismos e Cidadania Global pela Universidade de Coimbra; Mestre em Ciências de Cooperação Internacional e Desenvolvimento pela Sapienza University of Rome. Estudou Geopolítica e Relações Internacionais na Sociedade Geográfica de Roma. É docente de História Moderna e Contemporânea e de Estudos Contemporâneos na Universidade Rovuma. Coordenou vários projectos e é autor de muitos trabalhos, dentre os quais "Impacto da globalização económica contemporânea em Monapo e Palma, Mocambique" e "Relações económicas sino-africanas na era global: dragão devora elefante com pauzinhos". As suas áreas de pesquisa são: globalização económica contemporânea, capitalismo extractivista, impacto das multinacionais no Sul Global e desenvolvimento comunitário. E-mail: [jjafar@unirovuma.ac.mz](mailto:jjafar@unirovuma.ac.mz)

### **Alex Samuel Artur**

Mestre em Ciências Políticas e Estudos Africanos e Licenciado em Ensino de História pela UP; docente de História de Mocambique e Antropologia Cultural de Mocambique na Universidade Rovuma, Extensão de Cabo Delgado. Coordenou o Projecto de Pesquisa sobre “Danças e Instrumentos tradicionais do Povo Maconde: o Mapiko”, financiado pelo FNI. Actua nas áreas de saberes locais e políticas públicas. E-mail: [aakellalex9@gmail.com](mailto:aakellalex9@gmail.com)

### **Amisse Muamede**

Mestre em Jornalismo e Estudos Editoriais pela Universidade Pedagógica de Maputo; Licenciado em Ensino de Português pela Universidade Pedagógica, Delegação de Nampula. É docente de Didáctica de Língua Portuguesa, Técnicas de Expressão em Língua Portuguesa e Práticas Pedagógicas na Universidade Rovuma, Extensão de Cabo Delgado. E-mail: [muamedeamisse@yahoo.com.br](mailto:muamedeamisse@yahoo.com.br)

### **Calawia Salimo**

Doutorando em Linguística, Teoria e Prática na Universidade Federal de Santa Catarina, no Brasil e Mestre em Linguística Bantu pela Universidade Pedagógica, Delegação de Nampula. É docente afecto ao Departamento de Letras e Ciências Sociais na Universidade Rovuma, Extensão de Cabo Delgado, onde lecciona as disciplinas de Sociolinguística, Fonética e Fonologia do Português. É autor de muitos trabalhos, dentre os quais se destacam “Preposição *com* no português moçambicano (PM): uma análise qualitativa” e “Aquisição fonológica infantil de consoantes líquidas em coda e em onset no português europeu”. Academicamente actua nas áreas de Sintaxe, Fonologia, Morfologia e Sociolinguística. E-mail: [calawiasalimo@gmail.com](mailto:calawiasalimo@gmail.com)

### **Crissantos Arnaldo Matias Reveque**

Mestrando em Desenvolvimento do Território e Gestão Urbana na Universidade Lúrio e Licenciado em Ensino de Geografia pela UP-Nampula. É docente afecto ao Departamento de Geociências na Universidade Rovuma, Extensão de Cabo Delgado, onde lecciona as disciplinas de Geologia Geral, Geomorfologia, Cartografia Aplicada. Organizou e participou em vários eventos académicos. As suas áreas de interesse são: Estudos ambientais e Geoprocessamento, Planeamento territorial urbano e rural e Educação Ambiental. E-mail: [creveque@unirovuma.ac.mz](mailto:creveque@unirovuma.ac.mz)

### **Misha A. M. Mandama**

Mestre em Ensino de Inglês pela Universidade Pedagógica de Maputo e Licenciado em Educação e Arte (Linguistics) na Universidade de Dar Es Salam, na Tanzania. É docente na Universidade Rovuma, Extensão de Cabo Delgado, onde lecciona as disciplinas de Inglês Técnico, Inglês Básico, Didáctica do Inglês, Fonética e Fonologia da Língua Inglesa. As suas áreas de interesse são: Didactica, Fonetica e Fonologia da Lingua Inglesa. E-mail: [mishamandama@yahoo.com](mailto:mishamandama@yahoo.com)

### **Mouzinho M. Lopes**

Doutorando em Estudos Africanos no ISCTE-IUL - Lisboa e Mestre em Ciências Políticas e Estudos Africanos pela Universidade Pedagógica. Lecciona as disciplinas de História de África e Ciência Política na Universidade Rovuma, Extensao de Cabo Delgado. É membro do NATAS Research Project – Lisboa. As suas áreas de interesse são as seguintes: governação, representação política e políticas públicas. E-mail: [manhalomouzinho@gmail.com](mailto:manhalomouzinho@gmail.com)

### **Selemane Mtilage**

Mestrando em Ensino de Língua Inglesa na Universidade Pedagógica de Maputo. Lecciona as disciplinas de Inglês III, Sintaxe, Fonética e Fonologia de Inglês na Universidade Rovuma, Extensão de Cabo Delgado. As suas áreas de interesse são: Sintaxe, Fonética, Fonologia e semântica do Inglês e do Português. E-mail: [selemane.mtilage89@gmail.com](mailto:selemane.mtilage89@gmail.com)

### **Sérgio da Conceição Fernando António Sauale**

Mestre em Administração Pública e Pós-Graduado em Desenvolvimento Económico Regional e Local pela Universidade Católica de Mocimboa do Ouro. É Licenciado em História pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. As suas áreas de actuação são: Cooperação Internacional; Políticas de Desenvolvimento Local e Finanças Descentralizadas; Migrações Transfronteiriças; Género, Paz e Segurança; Participação e Consulta Comunitária E-mail: [sergiosawale@gmail.com](mailto:sergiosawale@gmail.com)

### **Sufiane Cátia Mário Rafael de Mote Abdurremane**

Licenciada em Sociologia pela Universidade Pedagógica, docente de Epistemologia das Ciências Sociais, Estratificação e Mobilidade Social e Antropologia Cultural na Universidade Rovuma, Extensão de Cabo Delgado. Tem como áreas de interesse as seguintes: Gestão de riscos e protecção social; Bem-estar, saúde pública e políticas de género. É Membro das associações AMEA e AMOVIDA. E-mail: [smote@gmail.com](mailto:smote@gmail.com)

## Índice

Ficha técnica .....	ii
Notas biográficas dos autores .....	iii
Índice de imagens .....	x
Índice de gráficos .....	xi
Índice de quadros.....	xii
Índice de Mapas .....	xiii
Lista de Abreviaturas e Acrónimos.....	xiv
Dedicatória.....	xv
Agradecimentos.....	xvi
Resumo .....	xvii
Introdução .....	18
PRIMEIRA PARTE.....	22
CAPÍTULO I - PROBLEMA, QUESTÕES E OBJECTIVOS DA PESQUISA.....	23
CAPÍTULO II - OPÇÕES TÉCNICO-METODOLÓGICAS .....	26
2.1 Tipo de pesquisa .....	26
2.1.1 Classificação com base nos objectivos.....	26
2.1.2 Classificação com base nos procedimentos .....	26
2.1.3 Classificação quanto à abordagem .....	27
2.2 Métodos da pesquisa .....	28
2.3 Técnicas de colecta de dados .....	28
2.3.1 Observação.....	28
2.3.2 Análise documental .....	29
2.3.3 Entrevista semiestruturada .....	29
2.4 Universo da pesquisa.....	29
2.5 Amostragem e sua caracterização.....	30
2.6 Descrição do trabalho de campo.....	30
2.7 Procedimentos de análise de dados .....	35
2.8 Limitações do estudo.....	35



CAPTÍULO III - ANÁLISE DE DADOS.....	37
3.1 Surgimento do grupo de terroristas .....	37
3.2 Origem dos integrantes do grupo terrorista .....	40
3.3 Papel das crianças, jovens, adultos e idosos no grupo de terroristas.....	41
3.4 Empatia da população de Mocímboa da Praia com os homens armados .....	42
3.5 Mecanismos para convencer a população a integrar ao grupo de terroristas.....	44
3.6 Mensagens difundidas pelos terroristas .....	45
3.7 Conhecidos integrando no grupo de terroristas .....	47
3.8 Actividades desenvolvidas antes da integração ao grupo de terroristas .....	48
3.9 Razões para frequência de ataques em Mocímboa da Praia.....	49
3.10 Formas de actuação, meios usados e grupo alvo dos homens armados.....	51
3.11 Situações de perigo experimentadas pela população .....	58
3.12 Acolhimento das Forças de Defesa e Segurança pela população .....	61
3.13 Mecanismos de resiliência face aos ataques armados .....	64
3.14 Acções desenvolvidas pelo governo face aos ataques terroristas .....	65
CAPÍTULO IV - O DISTRITO DE MOCÍMBOA DA PRAIA: PERFIL GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E SÓCIO-CULTURAL.....	74
4.1 Localização geográfica .....	74
4.2 Breve Historial .....	75
4.3 Divisão administrativa.....	79
4.4 Características físico-geográficas .....	80
4.5 Características demográficas .....	81
4.6 Aspectos culturais e etnolinguísticos .....	82
4.7 Características económicas e sociais .....	84
4.8 Migrações, contactos, hetero-identidades e conflitos sociais.....	88
4.9 Contestações e queixas da população .....	91
CAPÍTULO V - REVISÃO DE LITERATURA.....	93
5.1 Conceito de Terrorismo .....	93
5.2 Terrorismo e Insurgência .....	96
5.2.1 Tipos comuns de insurgentes .....	97

5.2.2 O Extremismo Religioso .....	98
5.2.3 Fundamentalismo e Radicalismo Islâmico .....	99
5.2.4 Tipos de Terrorismo .....	101
5.3 Breve Historial do Terrorismo .....	102
5.4 Terrorismo no Mundo Contemporâneo .....	107
5.5 Terrorismo na África Contemporânea.....	110
5.5.1 Por que terrorismo em África? .....	114
5.5.2 Quais são os principais grupos terroristas em África?.....	115
5.6 Formas e Fontes de Financiamento do Terrorismo .....	121
5.6.1 Estado patrocinador.....	122
5.6.2 Narcotráfico .....	123
5.6.3 Tráfico de seres humanos e <i>smuggling</i> .....	123
5.6.4 Doações e extorsões.....	123
5.6.5 Organizações sem fins lucrativos .....	123
5.6.6 O Contrabando e o descaminho.....	124
5.6.7 A Contrafação de produtos e de documentos e crimes financeiros .....	124
5.6.8 Empresas de fachada.....	125
5.6.9 Os sequestros .....	125
5.6.10 Cibercrime .....	126
5.7 Terrorismo em Moçambique.....	127
5.7.1 Características do Grupo de Al-Shabaab de Mocímboa da Praia .....	129
5.7.2 Relação com outros grupos .....	129
5.7.3 Questões étnicas, o que se sabe? .....	130
5.7.4 Causas do Terrorismo .....	132
5.7.5 Formas de actuação dos grupos terroristas.....	135
Conclusões.....	137
Recomendações .....	139
Bibliografia.....	141

## **Índice de imagens**

Imagem 1 - Pesquisadores e deslocados dos ataques armados no Posto Administrativo de Mapupulo, Cidade de Montepuez .....	32
Imagem 2 - Pesquisadores e deslocados durante o trabalho de campo no Bairro de Ncoripo, Cidade de Montepuez.....	32
Imagem 3 - Pesquisadores durante o trabalho de campo, acompanhados pelo Representante dos deslocados e o seu adjunto, no Posto Administrativo de Impire, distrito de Balama.....	33
Imagem 4 - Pesquisadores com um deslocado e chefe de um agregado familiar constituído por 5 membros, que produz e vende carvão vegetal para sobreviver, no Bairro Milamba C, Posto Administrativo de Mapupulo, distrito de Montepuez.....	33
Imagem 5- Destruição do edifício do Aeródromo de Mocímboa da Praia .....	55
Imagem 6- Destruição da Igreja Católica de Mocímboa da Praia .....	55
Imagem 7 - Edifício do Governo do Distrito de Mocimboa da Praia destruído .....	56
Imagem 8- Autocarros da Transportadora Nagy Investimentos queimados .....	56
Imagem 9 - Edifício do Comando Distrital da PRM de Mocimboa da Praia destruído ....	57
Imagem 10 - Estação de serviços destruída, em Mocímboa da Praia-Sede .....	57
Imagem 11 - Centro de Saúde (A), Hospital Rural em reabilitação (B).....	84
Imagem 12 A e B - Salas de aulas.....	85
Imagem 13 A e B - Abastecimento de água .....	85
Imagem 14 – Energia eléctrica (A) e posto de abastecimento de combustíveis (B) .....	86
Imagem 15 - Actividade pesqueira .....	87

## **Índice de gráficos**

Gráfico 1 - Origem dos homens armados .....	70
Gráfico 2 - Conhecido integrando o grupo de homens armados .....	70
Gráfico 3 – Motivos pelos quais residentes de Mocímboa ingressam no grupo de homens armados .....	71
Gráfico 4 - Razões da frequência de ataques armados no distrito de Mocímboa da Praia .....	71
Gráfico 5 – Grupo-alvo dos homens armados .....	72
Gráfico 6 - Mecanismos de resiliência perante ataques .....	72
Gráfico 7 - Habitantes de Mocímboa da Praia por sexo .....	81
Gráfico 8 - Estrutura etária dos habitantes de Mocímboa da Praia .....	82
Gráfico 9 - Religião dos habitantes em Mocímboa da Praia .....	83

## **Índice de quadros**

Quadro 1 - Resumo do trabalho de campo (30 de Outubro a 27 de Novembro).....	31
Quadro 2 - Resumo dos resultados encontrados.....	67

## **Índice de Mapas**

Mapas 1 - Localização geográfica do Distrito de Mocímboa da Praia .....	75
Mapas 2 - Divisão administrativa de Mocímboa da Praia .....	79

## Lista de Abreviaturas e Acrónimos

AQIM	Al-Qaeda do Magrebe Islâmico
EI	Estado Islâmico
EUA	Estados Unidos da América
FDS	Forças de Defesa e Segurança
FNI	Fundo Nacional de Investigação
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
GSPC	Grupo <i>Salafista</i> para Pregação e Combate
INE	Instituto Nacional de Estatística
MAE	Ministério de Administração Estatal
MICOA	Ministério de Coordenação de Acção Ambiental
MUJAO	Movimento para a Unidade e Jihad na África Ocidental
RENAMO	Resistência Nacional de Moçambique
SDAE	Serviço Distrital de Actividades Económicas
SDEJT	Serviço Distrital da Educação, Juventude e Tecnologia
UniRovuma	Universidade Rovuma
UP	Universidade Pedagógica

## **Dedicatória**

A todos os homens e todas as mulheres afectados(as) pelos ataques terroristas, em Cabo Delgado.



## **Agradecimentos**

A materialização da pesquisa foi possível através do envolvimento e empenho de diversas entidades nacionais e internacionais, públicas e privadas, às quais endereçamos os nossos sinceros votos de agradecimento.

Agradecemos aos financiadores que disponibilizaram recursos, sem os quais, não teríamos “pés para caminhar”. À Secretaria do Estado na Província de Cabo Delgado pelo apoio para que o acesso aos locais de colecta de dados fosse fácil.

Agradecemos ainda aos Governos da cidade de Pemba e distritos de Balama, Namuno e Montepuez, bem como aos chefes dos Postos Administrativos de Mapupulo, pelo acolhimento do grupo de pesquisadores durante a colecta de dados.

Endereçamos nossa gratidão aos guias locais pela ligação com os deslocados de Mocimboa da Praia e pelo exercício de interpretação do Português-Swahili/Kimuni e vice-versa; Ainda nossa gratidão vai para os técnicos da UniRovuma-Cabo Delgado, pelo apoio nos serviços administrativos associados à pesquisa.

Ao Centro de Línguas, nosso primeiro espaço para idealização e construção do projecto, pela disponibilidade em nos acolher sempre que precisávamos.

À todos que, directa e indirectamente, dedicaram algum esforço a pesquisa, vão os nossos agradecimentos.

Obrigado a todos e todas.

## Resumo

Mocímboa da Praia constitui um dos distritos de Cabo Delgado, rico em recursos naturais e banhado por uma costa, fazendo com que maior parte da população pratique a pesca e o comércio. Desde 2017, até aos dias actuais, Mocímboa da Praia tem sido o alvo principal dos ataques terroristas, perpetrados por grupos armados, localmente designados por "*Al Shabaab*". As consequências deste fenómeno são incomensuráveis, partindo desde a destruição de infraestruturas públicas e privadas, bem como de casas, saque a estabelecimentos comerciais, mortes e abandono de aldeias inteiras. O presente trabalho de pesquisa, intitulado "Ataques terroristas em Cabo Delgado (2017-2020): as causas do fenómeno pela boca da população de Mocímboa da Praia", teve como objectivo principal compreender as causas, a evolução do fenómeno e os mecanismos de resiliência, a partir das narrativas da população de Mocímboa da Praia. O trabalho foi de natureza qualitativa, tendo-se recorrido para colecta de dados a entrevista semiestruturada, a análise documental e a observação, actividades que tiveram lugar 4 distritos, nomeadamente: Pemba, Montepuez, Balama e Namuno, onde foi aplicado o *snow ball*, como técnica de amostragem. Esta técnica permitiu a participação, no processo de trabalho de campo, de 206 pessoas, das quais 94 mulheres, tendo sido realizadas no total 83 entrevistas, subdivididas em 58 individuais e 25 grupais. Os dados da pesquisa permitiram constatar que Mocímboa da Praia tornou-se no epicentro dos ataques terroristas, devido à sua localização geoestratégica, a ocorrência de conflitos étnicos (principalmente entre Makondes e Mwanis), a difusão do extremismo islâmico e a aderência de um número significativo de jovens locais ao grupo terrorista. A maior parte destes jovens foi convencida a se juntar ao grupo sob promessas de melhor emprego, pagamento de valores monetários e bolsas de estudo nas escolas corânicas estrangeiras. Constatou-se ainda que as Forças de Defesa e Segurança de Moçambique têm feito esforços em manter a ordem e tranquilidade. Neste processo, em alguns casos, a relação com a população não tem sido pacífica, devido ao excesso de zelo que caracteriza as Forças de Defesa e Segurança. Para sua sobrevivência, as populações realizam algumas acções de resiliência, como a fuga para as matas, deslocações para locais considerados seguros e prática de algumas actividades económicas, tais como a pesca, a agricultura e o comércio.

**Palavras-chave:** Mocímboa da Praia, Terrorismo, Cabo Delgado, Resiliência

## **Introdução**

A História da Humanidade mostra claramente que o terrorismo não é um fenómeno novo. Este fenómeno remonta à antiguidade, chegando à contemporaneidade por via de metamorfoses, que transcorreram séculos em diferentes e vários quadrantes geográficos, cujas motivações, dependendo do contexto, podiam ser de natureza económica, social, religiosa, ideológica e política.

No mundo contemporâneo, particularmente no período pós-guerra fria, no Médio Oriente, emergiram dois movimentos terroristas de inspiração jihadista, baseada no radicalismo islâmico, designadamente o *Al Qaeda*, *Taliban* e *Estado Islâmico*. O primeiro ganhou notoriedade mundial quando atacou as Torres Gêmeas e o Pentágono, nos Estados Unidos da América, em 2001, e o último pelas suas células espalhadas no mundo e os ataques armados esporádicos que vêm perpetrando na Oceania, Ásia, Europa e provavelmente em África.

No último quartel, surgiram muitos grupos terroristas em Africa, dentre os quais o *Ansar Dine* (Mali), o *Al Shabaab* (Somália e Etiópia), o *Boko Haram* (Nigéria), *Janjaweed* (Sudão), o Exército de Resistência do Senhor (Uganda), Seleka (República Centro Africana). Além destes grupos, Nkwi (2015), considera que existem em África mais grupos terroristas, por exemplo, o *Al Qaeda no Magreb Islâmico* (AQIM) e Movimento para Unidade e Jihad na Africa Ocidental (MUJAO).

Nesta onda, desde Outubro de 2017 a 2020, a província de Cabo Delgado, no Norte de Moçambique, tem vindo a sofrer ataques terroristas dos "Al Shabaab". Os ataques iniciaram no distrito de Mocímboa da Praia e expandiram-se para outros distritos, nomeadamente: Macomia, Quissanga, Ibo, Muidumbe, Nangade, Palma e Meluco.

As consequências deste fenómeno são multidimensionais, partindo da destruição de residências particulares e edifícios de entidades públicas e privadas; paralisização dos serviços básicos de educação e saúde; saque a estabelecimentos comerciais; estagnação económica devido à falta de circulação regular de pessoas e bens; morte de

cerca de mil pessoas; até ao deslocamento de mais de quinhentas mil pessoas para várias zonas da província e do país.

Face a este fenómeno, a resposta do Governo de Moçambique, desde o início, foi e continua a ser de colocar contingentes das Forças de Defesa e Segurança (FDS) para combater os terroristas e proteger as populações. Todavia, olhando para a dinâmica do fenómeno, fica claro e evidente que a presença das FDS nas zonas afectadas não impede a expansão e intensificação dos ataques terroristas.

Curiosamente, a avaliar pela origem do grupo, caracterizada pela penetração de um grupo islâmico de inspiração jihadista, recrutamento e radicalização de jovens e o tempo de frequência e/ou permanência dos terroristas no distrito de Mocimboa da Praia, pode-se considerar este distrito como o epicentro do fenómeno.

Partindo deste facto, o presente trabalho de pesquisa, com o título “Ataques terroristas em Cabo Delgado (2017-2020): as causas do fenómeno pela boca da população de Mocímboa da Praia”, analisou, dentre vários aspectos, as causas e a origem do fenómeno; descreveu as formas de actuação e meios usados pelos terroristas, a empatia das populações com os terroristas, a relação entre as FDS e as populações locais, os mecanismos de resiliência das populações afectadas, tanto em Mocimboa da Praia como nas zonas de chegada como deslocados.

A pesquisa caracteriza-se por ser básica, explicativa, qualitativa, histórica e fenomenológica, que, através de entrevistas semi-estruturadas individuais e grupais, bem como da técnica de amostragem *Snow Ball*, envolveu 206 pessoas em quatro distritos, nomeadamente: Balama, Montepuez, Namuno e Pemba, para os quais se deslocou parte significativa da população de Mocímboa da Praia.

O processo de entrevistas semi-estruturadas decorreu de Outubro a Novembro. No total, foram realizadas 83 entrevistas, das quais 58 individuais e 25 grupais; das 206 pessoas entrevistadas, das quais 94 foram mulheres. Além disso, o trabalho de pesquisa foi também alimentado pelas técnicas observação não-participante e análise documental. O processamento dos dados baseou-se na análise de conteúdo.

O presente estudo, que foi realizado por uma equipa multidisciplinar, composta por docentes pesquisadores da Universidade Rovuma, Extensão de Cabo Delgado, num período de três meses (meados de Outubro/2020 a meados de Janeiro/2021), constitui um suporte empírico importante para (1) agregar valor ao debate sobre o terrorismo em África; (2) facultar a compreensão das percepções das populações de Mocímboa da Praia sobre as causas dos ataques terroristas neste distrito; (3) permitir a produção de uma obra científica útil, para a compreensão das causas dos ataques terroristas em Mocímboa da Praia; e (4) fornecer elementos que podem auxiliar na tomada de medidas apropriadas por parte das entidades governamentais, com vista a combater o terrorismo de inspiração *jihadista* na Província de Cabo Delgado.

Portanto, a pesquisa nasce da necessidade de contribuir, em termos científicos, para a compreensão das causas dos ataques terroristas, com base nas percepções da população do distrito de Mocímboa da Praia, bem como dar subsídios às entidades competentes, de modo a adoptarem estratégias para o combate e prevenção do terrorismo no país.

De entre vários resultados encontrados, destaca-se o facto de que o processo de radicalização de jovens em Mocimboa da Praia iniciou em 2012; o grupo terrorista é composto por pessoas de várias etnias e nacionalidades; no geral, as relações entre as FDS e as populações locais não são boas, sendo caracterizadas por extorções, agressões, violações de privacidade e de integridade física; apesar do sofrimento imposto pelos atacantes, as populações afectadas encontram mecanismos de resiliência que variam desde a fuga para as matas em Mocímboa da Praia ao desenvolvimento de pequenos negócios e actividades económicas para a sobrevivência nas zonas de chegada, enquanto deslocadas.

A maioria dos entrevistados não só diz que o Governo de Moçambique não prestou atenção aos primeiros sinais de recrutamento, radicalização e treinamento de jovens, como observa que as FDS não têm a capacidade militar para conter a onda dos

ataques. E, partindo deste facto, sugere-se que o Governo deve melhorar os treinos militares e/ou pedir apoio militar a outros países.

As populações sugerem ainda que o governo deve desenvolver planos de formação técnico-profissional de jovens para geração de auto-emprego ou trabalharem nos grandes projectos que têm vindo a ser implementados na região. Além disso, o Governo deve melhorar o controlo das fronteiras terrestres e marítimas para evitar a entrada de pessoas estranhas no país.

Em termos de estrutura, o presente trabalho apresenta cinco capítulos, subdivididos em duas partes: na primeira, encontra-se o primeiro capítulo, que aborda o problema, as questões e os objectivos da pesquisa; o segundo capítulo, que apresenta as opções técnico-metodológicas; e, por último, o terceiro capítulo, que se dedica à análise e apresentação dos discursos e/ou das narrativas das populações de Mocímboa da Praia sobre o fenómeno em estudo. Por sua vez, a segunda parte contém dois últimos capítulos, quarto e quinto. O quarto capítulo descreve o perfil do distrito de Mocímboa da Praia, em termos geográficos, históricos e sócio-culturais, enquanto o quinto ocupa-se da revisão de literatura sobre o terrorismo, da antiguidade à contemporaneidade, sem perder de vista os contextos, dimensões e dinâmicas.

## **PRIMEIRA PARTE**

## **CAPÍTULO I - PROBLEMA, QUESTÕES E OBJECTIVOS DA PESQUISA**

A província de Cabo Delgado, rica em recursos naturais que coexistem com elevados índices de pobreza, vive, desde Outubro de 2017, ataques armados, perpetrados por grupos terroristas. Este cenário tem consequências sociais e económicas incomensuráveis, desde a perda de vida de pessoas, a destruição de infra-estruturas, até à deslocação de várias famílias dos seus locais de origem para zonas consideradas seguras, dentro e fora da província.

De facto, o terrorismo islâmico é um fenómeno actual que, desde o início do século XXI, sobretudo a partir de 2011, vem ameaçando a segurança e a paz a nível mundial. Com efeito, nos últimos vinte anos, o continente africano tem vindo a ser alvo de ataques terroristas de inspiração *jihadista*, provocando impactos económicos e sociais profundos nos países afectados.

É nesta ordem de ideias que a presente pesquisa tem como tema "Ataques Terroristas em Cabo Delgado (2017-2020): as causas do fenómeno pela boca da população de Mocímboa da Praia", pois das várias explicações dadas em relação às razões dos ataques nesta província, ainda não há uma abordagem focalizada no distrito de Mocímboa da Praia.

Estudos recentes apontam, de forma hipotética, causas de vária ordem, nomeadamente: pobreza, distribuição desigual da riqueza, afinidade ideológica e religiosa (Maquenzi e Feijó, 2019; Habibe, Forquilha e Pereira, 2019). Aliás, Maquenzi e Feijó (2019) defendem a tese, segundo a qual o baixo nível de escolaridade e assimetrias regionais fazem com que indivíduos que estão em situação de vulnerabilidade resolvam aliar-se aos grupos radicais islâmicos.

Na mesma perspectiva, Fonseca e Lasmar (2017), afirmam que uma parte significativa dos voluntários recrutados para pertencerem ao grupo radical são atraídos por promessas de um salário pela luta. Normalmente, essas pessoas não possuem grandes expectativas profissionais e vêm na luta uma forma de renda.



Portanto, o terrorismo em Cabo Delgado pode estar associado às questões económicas e étnico-religiosas, cujas consequências se resumem em (i) insegurança/medo, (ii) paralisação das instituições económicas e sociais; (iii) perdas fiscais; (iv) estagnação económica e (v) deslocação das populações afectadas para zonas seguras.

Embora os ataques terroristas tenham abrangido grande parte dos distritos da Província de Cabo Delgado, nomeadamente, Macomia, Quissanga, Meluco, Muidumbe, Nangade, Ibo, Metuge, Palma e Quissanga, o processo de radicalização e os ataques iniciaram no distrito de Mocímboa da Praia, o qual tem sofrido incursões de forma recorrente, razão pela qual a pesquisa se orientou pelas seguintes questões: (1) Terão os ataques terroristas em Cabo Delgado causas internas ou causas externas? Ou uma combinação de causas internas e externas? (2) Quais são as percepções das populações de Mocímboa da Praia sobre as causas dos ataques levados a cabo por terroristas neste ponto do país? (3) Quais são as formas de actuação do grupo terrorista a nível local? (4) Como é que se financiam? Como fazem as suas transacções financeiras? (5) Qual é o nível de aceitação da presença dos terroristas no distrito?

De forma geral, a pesquisa tem como objectivos, por um lado, compreender as percepções das populações de Mocímboa da Praia sobre as causas dos ataques terroristas no distrito e, por outro, mostrar o panorama geral da guerra em Mocímboa da Praia e das acções de resiliência por parte das populações afectadas.

Para tal, constituem objectivos específicos do estudo: (1) colher as percepções das populações sobre o surgimento do grupo terrorista em Mocímboa da Praia; (2) identificar as causas dos ataques terroristas em Mocímboa da Praia; (3) explicar as razões por que Mocímboa da Praia constitui o epicentro dos ataques terroristas; (4) descrever as formas de actuação dos terroristas, as rotas e meios de fuga; (5) identificar as fontes de financiamento dos terroristas e os meios usados para as transacções financeiras; (6) caracterizar as condições socioeconómicas da população do Distrito de Mocímboa da Praia; (7) descrever o tipo de empatia manifestado pelas populações de Mocímboa da Praia face à presença no terreno das Forças de Defesa e

Segurança e dos terroristas; (8) avaliar a questão dos Direitos Humanos na relação entre as populações afectadas pelos ataques, em Mocímboa da Praia, e as Forças de Defesa e Segurança; e (9) descrever as acções de resiliência no seio das populações afectadas pelos ataques, em Mocímboa da Praia e nos locais de acolhimento.

## **CAPÍTULO II - OPÇÕES TÉCNICO-METODOLÓGICAS**

O presente capítulo apresenta e justifica as opções técnico-metodológicas que foram seguidas para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa. Assim, apresenta-se o tipo e o método de pesquisa, as técnicas de colecta de dados e a amostragem; descreve-se o processo de trabalho de campo; e indicam-se os procedimentos usados no processo de análise de dados.

### **2.1 Tipo de pesquisa**

A presente pesquisa é classificada com base nos objectivos, abordagem e procedimentos adoptados.

#### **2.1.1 Classificação com base nos objectivos**

Trata-se de uma pesquisa explicativa, pois, por um lado, visou compreender e explicar as causas dos ataques terroristas em Mocímboa da Praia, por meio das percepções das populações do distrito e, por outro, baseou-se na análise e explicação do panorama geral dos ataques em Mocímboa da Praia e as acções de resiliência por parte das populações afectadas. Para o alcance destes objectivos, foram analisados dados colectados em locais de acolhimento dos deslocados, na província de Cabo Delgado, por meio de entrevistas individuais, colectivas e observação não-participante.

#### **2.1.2 Classificação com base nos procedimentos**

No que concerne aos procedimentos usados, é uma pesquisa de campo na medida em que, para além da realização de entrevistas individuais e colectivas aos informantes residentes no distrito de Mocímboa da Praia, actualmente em locais de acolhimento dentro da província de Cabo Delgado (Pemba, Mueda, Balama, Namuno e Montepuez), também foi feita a observação das condições de vida dos mesmos.

É importante esclarecer que, primeiramente, os distritos de Namuno e Balama não estavam inclusos como locais de colecta de dados. Contudo, por causa da falta de segurança, provocada pelos ataques terroristas intermitentes nas proximidades do distrito de Mueda, no período de colecta (entre 9 e 14 de Novembro de 2020), não foi possível fazer o trabalho de campo em Mueda. Para contornar esse obstáculo, foram incluídos os centros de acolhimentos de deslocados dos distritos de Balama e Namuno. Ainda, na impossibilidade de observar as condições socioeconómicas dos informantes em Mocímboa da Praia, recorreu-se ao relatório do INE (2017) e informação fornecida pelos entrevistados.

### **2.1.3 Classificação quanto à abordagem**

A presente pesquisa orienta-se por uma perspectiva qualitativa. Faz o cruzamento de aspectos da abordagem qualitativa e as características de estudo de campo. A complexidade do fenómeno em estudo nesta pesquisa (Ataques terroristas em Cabo Delgado) justifica a opção pela perspectiva qualitativo-explicativa. É uma pesquisa qualitativa, na medida em que procurou compreender, por meio de entrevistas, as percepções das populações de Mocímboa da Praia sobre as causas dos ataques terroristas no distrito, explorando suas percepções, sentimentos e emoções. Depois da verificação das principais tendências de orientação e similaridade das informações colectadas, seguiu-se a interpretação dos conteúdos convergentes e divergentes. Portanto, procurou-se explicar o conteúdo das respostas, considerando a orientação da pesquisa.

Em princípio, quanto maior é a convergência de respostas maior é a confiabilidade da informação. Não obstante, houve casos em que foi tomada em consideração a informação com menor convergência entre os entrevistados, sempre que se revelasse útil.

## **2.2 Métodos da pesquisa**

Mais acima explicou-se o caminho adoptado para o alcance dos objectivos que serviram de referencial na análise de dados. Esta actividade baseou-se no método histórico. A aplicação do método histórico consistiu no estudo da génese e evolução dos ataques armados, entre 2017 e 2020, na província de Cabo Delgado, considerando o distrito de Mocímboa da Praia como epicentro. Esse método, conforme mostram os resultados, permitiu analisar os ataques terroristas sob várias perspectivas. Paralelamente, empregou-se o método fenomenológico, que permitiu estudar o espectro de guerra, através do contacto com as populações de Mocímboa da Praia, deslocadas para os distritos de Pemba, Montepuez, Namuno e Balama.

## **2.3 Técnicas de colecta de dados**

Para a colecta de dados, foram usadas três técnicas, designadamente, a observação não-participante, análise documental, entrevistas semiestruturadas individuais e colectivas (grupos focais).

### **2.3.1 Observação**

À partida, o estudo definiu a observação como técnica de colecta de dados para obter informações relativas à habitação, vias de acesso, fontes de abastecimento de água, distância para os serviços públicos, tais como escolas, hospitais e esquadras de polícia, incluindo as actividades económicas mais predominantes. São questões que, na percepção dos pesquisadores, podem influenciar sobremaneira nas causas de conflito naquele distrito.

Porém, devido a dificuldades de acesso ao local, foi feita a observação não-participante em todos os locais onde se desenvolveu o trabalho de campo. Esta técnica, ora readaptada, consistiu no registo dos aspectos relacionados com o estado emocional, o *modus vivendi* dos deslocados nos locais de acolhimento.

### **2.3.2 Análise documental**

Esta técnica consistiu na consulta e análise de relatórios anuais de actividades, planos anuais dos sectores, como Serviço Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia (SDEJT), Serviço Distrital de Actividades Económicas (SDAE) de Mocímboa da Praia e relatório final do 4º Recenseamento Geral da População e Habitação no INE – Delegação de Cabo Delgado.

A escolha desta técnica justifica-se pela necessidade de buscar dados que nos permitam comprovar certas realidades associadas ao terrorismo em Mocímboa da Praia, enquanto epicentro. Ao mesmo tempo, a técnica em alusão permite a operacionalização de alguns objectivos específicos da presente pesquisa.

### **2.3.3 Entrevista semiestruturada**

A entrevista semiestruturada consistiu na submissão de guiões às pessoas afectadas pelos ataques armados no Distrito de Mocímboa da Praia, de forma individual, numa primeira fase, e em grupos focais, a posterior. Os grupos focais foram formados de acordo com as variáveis sexo e faixa etária. A escolha da técnica de grupos focais justifica-se pelo facto de permitir a interacção directa e aprofundamento da informação sobre os ataques terroristas no Distrito de Mocímboa da Praia.

## **2.4 Universo da pesquisa**

O universo da presente pesquisa é a população do Distrito de Mocímboa da Praia. Tendo em conta a realidade actual, este universo encontra-se disperso, residindo em diferentes distritos da província de Cabo Delgado. Esta foi a razão pela qual a pesquisa escalou Balama, Namuno, Cidade de Pemba e Montepuez.

## **2.5 Amostragem e sua caracterização**

O tipo de amostragem definido para esta pesquisa é aleatório simples. O tamanho da amostra foi definido com base na técnica de *snow ball* (Silvano, 2001), que parte do princípio de inclusão progressiva, segundo o qual o pesquisador não define previamente o número de entrevistados, até que se obtenha todo (ou parte considerável) do conhecimento existente na comunidade sobre o objecto em estudo (Onwuegbuzie Leech, 2007). Desta forma, o pesquisador entrevista tantas pessoas quantas for possível, até atingir a saturação, que é o momento em que o estudioso reconhece não ter mais capacidade de obter dados, mesmo que continue a entrevistar mais pessoas (Glaser e Strauss, 1967; Minayo, 2017).

## **2.6 Descrição do trabalho de campo**

O Trabalho do campo foi realizado durante os meses de Outubro e Novembro, nos quatro distritos acima referidos, envolvendo dez pesquisadores.

Para uma melhor organização, os pesquisadores dividiram-se em dois grupos, cada um dos quais era constituído por cinco elementos. Um grupo deslocou-se do distrito de Montepuez para os distritos de Namuno e Balama. Outro partiu de Montepuez para a cidade de Pemba. Seguidamente, ambos os grupos regressaram ao distrito de Montepuez, para dar continuidade ao trabalho do campo.

Essas deslocações foram feitas com auxílio de duas viaturas privadas, alugadas para o efeito. Cada grupo fez-se transportar por uma viatura. Em cada distrito, o trabalho de campo iniciou com a apresentação dos pesquisadores aos governos distritais, que, por seu turno, passaram credenciais e indicaram responsáveis locais dos deslocados.

Aos deslocados foram informados sobre o objectivo, a natureza da informação a recolher através da entrevista; foi-lhes solicitado que eceitassem a gravação da entrevista, tendo os pesquisadores garantido a confidencialidade e protecção das informações obtidas.

Antes de serem aplicados, os instrumentos de recolha de dados (a entrevista semiestruturada e a observação) foram previamente testados, com o objectivo de perceber se se adequavam ao processo de recolha de dados, com vista a dar respostas às questões de pesquisa. A testagem permitiu que algumas questões ambíguas fossem clarificadas e fosse verificada a consistência das respostas em relação aos objectivos da pesquisa.

Excepcionando a cidade de Pemba, onde o trabalho do campo levou dez dias (primeira fase, de 10 a 14 de Novembro, e segunda, de 16 a 20 de mesmo mês), nos outros três distritos o trabalho de campo foi realizado em cinco dias (distrito de Balama, de 10 a 14 de Novembro; Namuno, de 16 a 20 de Novembro; e Montepuez, na primeira fase, de 30 de Outubro a 1 de Novembro, e na segunda, de 23 a 27 de Novembro). A recolha de dados era feita em dois períodos, designadamente manhã e tarde, o correspondente a 8 horas de trabalho por dia. A extensão do tempo de contacto com os deslocados dos ataques armados permitiu maior compreensão do fenómeno, resultante da maior familiaridade e amizade criada com o grupo-alvo.

#### **Quadro 1 - Resumo do trabalho de campo (30 de Outubro a 27 de Novembro)**

Semana	Local	Entrevistas			Participantes		
		Individual	Grupal	Total	Homens	Mulheres	Homens/Mulheres
30/10-01/11	Cidade de Montepuez	20	0	20	8	12	20
10-14/11	Balama e Pemba	8	3	11	27	36	63
16-20/11	Namuno e Pemba	19	11	30	36	31	67
23-27/11	Montepuez (Cidade e Mapupulo)	11	11	22	41	15	56
<b>Total</b>		<b>58</b>	<b>25</b>	<b>83</b>	<b>112</b>	<b>94</b>	<b>206</b>

Fonte: Autores, 2020

No total, foram feitas 83 entrevistas (25 grupais e 58 individuais), envolvendo 206 pessoas provenientes de Mocímboa da Praia (112 homens e 94 mulheres), sendo alguns nativos e outros residentes por motivos de trabalho. Essas entrevistas foram realizadas nos centros de acolhimento, nas salas de aula das escolas primárias, nas residências dos entrevistados e dos familiares que os acolheram.



**Imagem 1 - Pesquisadores e deslocados dos ataques armados no Posto Administrativo de Mapupulo, Cidade de Montepuez**



Fonte: Autores, 2020.

**Imagem 2 - Pesquisadores e deslocados durante o trabalho de campo no Bairro de Ncoripo, Cidade de Montepuez**



Fonte: Autores, 2020

**Imagem 3 - Pesquisadores durante o trabalho de campo, acompanhados pelo Representante dos deslocados e o seu adjunto, no Posto Administrativo de Impire, distrito de Balama**



Fonte: Autores, 2020

**Imagem 4 - Pesquisadores com um deslocado e chefe de um agregado familiar constituído por 5 membros, que produz e vende carvão vegetal para sobreviver, no Bairro Milamba C, Posto Administrativo de Mapupulo, distrito de Montepuez**



Fonte: Autores, 2020



Em todos esses locais, existiu sempre a preocupação em realizar entrevistas num ambiente que garantisse alguma tranquilidade e privacidade da conversa, como forma de evitar interferências que pudessem afectar negativamente à relação entrevistador-entrevistado.

Para registar as informações durante as entrevistas, foram feitas gravações de voz e registos nos blocos de notas. As gravações facilitaram memorizar tudo o que o entrevistado tivesse dito e a sua transcrição, enquanto as anotações facilitaram ao entrevistador guiar a formulação e colocação das perguntas, conforme as respostas já dadas e, por outro lado, a análise dos comportamentos observados, confrontando-os com as informações recolhidas por outros meios.

Embora os guiões de entrevista estivessem em português, em muitos casos, as entrevistas foram conduzidas na língua em que os entrevistados se sentiam cómodos, entre *Mwani* e *Suahili*. Contudo, em alguns casos foi notória a timidez e sensação de insegurança por parte de certos entrevistados, tendo sido necessária a mobilização de estratégias para a reconquista da confiança.

Outro facto que merece destaque neste ponto tem a ver com a gestão de emoções. Em Paquitequete, por exemplo, muitos dos entrevistados clamavam pelo apoio alimentar e vestuário. Na altura do trabalho de campo, existiam casas com mais de 30 membros do agregado familiar a dependerem de uma única pessoa, bem como jovens de ambos os sexos que não estavam integrados ainda em escolas. Estas e outras situações, derivadas do terrorismo, em alguns momentos, causavam choros durante a entrevista. Para minimizar o impacto dessas situações sobre o trabalho, era preciso parar com a entrevista e passar à consolação e encorajamento dos informantes.

O trabalho de campo terminou no mês de Novembro. Assim como se fez quando se iniciou a recolha de dados empíricos, ao sair das diferentes zonas agradeceu-se aos deslocados dos ataques armados contactados, aos guias, aos líderes religiosos e às autoridades locais.

## **2.7 Procedimentos de análise de dados**

Depois da recolha de dados, passou-se para um conjunto de procedimentos que tinham em vista compreender o conteúdo da informação obtida durante o trabalho de campo. Neste processo, primeiro, fez-se a transcrição, sistematização das gravações e das notas de registo sobre o tema em estudo, usando códigos como forma de garantir a confidencialidade dos informantes. Segundo, fez-se a categorização da informação, tendo em conta os objectivos da pesquisa. Nesta etapa, procurou-se perceber, a partir das falas dos entrevistados, elementos considerados relevantes e agrupá-los em categorias, segundo as características, semelhanças e significados das informações. Neste contexto, as categorias foram definidas depois da recolha da informação das entrevistas, observações e das análises dos documentos. Terceiro, fez-se a apresentação, análise e interpretação da informação recolhida através das entrevistas, da observação e estudo documental. Neste processo, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, frequente em pesquisas de natureza social.

Os procedimentos acima descritos estão conforme a perspectiva de Bardin (1997), segundo a qual o processo de transcrição, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, promovidas pela análise de conteúdo, é organizado em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação.

## **2.8 Limitações do estudo**

O tema em estudo - *Ataques Terroristas em Cabo Delgado (2017-2020): as Causas do Fenómeno Pela Boca da População de Mocímboa da Praia* – atrai atenção à comunidade académica, à sociedade, aos políticos e governantes.

Assim como qualquer outro trabalho científico, ao longo da pesquisa, os autores sentiram algumas limitações relacionadas com a indisponibilidade de alguns deslocados em fornecerem informações; dificuldade de deslocação ao distrito de Mueda;

impossibilidade de efectuar viagem ao distrito de Mocímboa da Praia; e inaccessibilidade a alguns documentos relacionados com o distrito de Mocímboa da Praia.

A primeira limitação que tem a ver com a indisponibilidade de alguns deslocados fornecerem informações deu-se quase em todos os distritos escolhidos para a realização do trabalho de campo. Quando a equipa de pesquisadores se fazia presente às residências e centros de acolhimento, para realizar as entrevistas, não encontrava alguns deslocados. Os familiares justificavam essa ausência, afirmando que estes tinham saído à procura de géneros alimentícios, de residência para se alojar ou de actividades para a sua sobrevivência. Mesmo nas entrevistas agendadas para salas de aulas das escolas primárias, alguns deslocados convidados não se faziam presentes por razões anteriormente mencionadas.

No que diz respeito à segunda limitação, relacionada com dificuldade de deslocação aos distritos de Mocímboa da Praia e Mueda, tal se justificou por questões de segurança, pois se tratava de um período em que decorriam ataques armados nos distritos de Mocímboa da Praia e Muidumbe, dificultando deste modo a realização do trabalho de campo. O que se fez foi identificar outros distritos que acolhiam maior número de deslocados, provenientes do distrito de Mocímboa da Praia.

A terceira e última dificuldade teve a ver com a inaccessibilidade de alguns documentos. Em consequência desta situação, os pesquisadores não tiveram a oportunidade de observar relatórios anuais, planos estratégicos de desenvolvimento do Distrito de Mocímboa da Praia e outros documentos, devido aos ataques armados.

### **CAPTÍULO III - ANÁLISE DE DADOS**

O presente capítulo faz a apresentação e análise da informação colhida do trabalho de campo, realizado pela equipa de investigadores da Universidade Rovuma – Extensão de Cabo Delgado, nos distritos de Pemba, Montepuez, Balama e Namuno.

Conforme se referiu na parte metodológica, durante o trabalho de campo foram efectuadas 58 entrevistas individuais e 25 grupais, tendo sido abrangidos 206 indivíduos, oriundos de Mocímboa da Praia. Face a esta organização das entrevistas, as respostas que a seguir vão ser objecto de análise pertencem tanto a pessoas, como a grupos, algumas das quais foram devidamente codificadas e transcritas para este texto, dada a relevância da informação que veiculam. A seguir, apresentam-se as perguntas do questionário, as tendências das respostas e a respectiva análise.

#### **3.1 Surgimento do grupo de terroristas**

Sobre a questão número 1 “Em sua opinião, quando é que surgiu o grupo de homens armados em Mocímboa da Praia?”, dos 86 (oitenta e seis) entrevistados, 30 (trinta) responderam que tudo começou quando um grupo de indivíduos, designado por Al Shabaab pela população local, introduziu uma seita muçulmana na região, diferente da religião que era praticada pela população local. A seguir, transcreve-se o depoimento de um dos informantes:

*"Antes dos ataques existia um grupo de indivíduos designado Al Shabab pela população local. Este grupo praticava a religião muçulmana diferente da praticada localmente". – A1*

Em resposta à mesma questão, 12 (doze) afirmaram que o tribalismo foi o primeiro sinal, seguido da proliferação de mesquitas e madrassas, sendo que nalgumas se praticava treinos de artes marciais, com recurso a armas brancas, como se pode constatar na seguinte transcrição do discurso de um dos entrevistados:

*"Antes dos ataques constatei os seguintes fenómenos:*

*Primeiro, existiram sinais de tribalismo (diziam que os macondes vieram de carro e sairão a pé);*

*Segundo, houve proliferação de mesquitas e madrassas. Muitos jovens locais aderiram ao radicalismo islâmico. Em algumas mesquitas, principalmente de Nanduadua, praticava-se treinos de artes marciais usando facas e catanas". – A2*

Ainda em resposta à questão número 1, houve 9 (nove) informantes que disseram que primeiro registaram-se movimentos estranhos de homens que se faziam transportar por viaturas e no dia 4 de Outubro de 2017 registou-se o primeiro ataque à Vila, conforme aparece patente no excerto abaixo:

*"Em 2017, no dia 4, antes do ataque, o primeiro secretário, o administrador e um empresário tinham ido ao congresso e nós estávamos no grupo de protocolo. Estávamos a organizar os grupos culturais e colocar bandeiras para receber aqueles dirigentes. No seu regresso, quando já nos encontrávamos na aldeia Awasse, vimos um Canter com um movimento estranho, mas não percebemos o que estava acontecendo. Depois de regressarmos à vila, às zero horas ouvimos disparos no quartel e eu fui avisada por um tio do quartel para não sair de casa, porque havia bandidos munidos de catanas". – CR3*

No entanto, houve quem considerasse o carácter complicado da tribo mwani como a génese da guerra em Mocímboa da Praia, pois em conversas membros desta tribo acusavam as pessoas que vinham de estarem a auferir os seus salários de borla e que por causa disso um dia tinham que sair. A transcrição que se segue elucida esta afirmação:

*"Aquele tribo é complicada. Quando estivéssemos a conversar, os nativos diziam "Um dia vocês vão sair. Vocês estão a trabalhar, a receber de borla". Quando iniciaram os ataques, as zonas de tribos não muanis sofreram muito. Houve troca de balas em MdP entre as FDS e os Insurgentes. Depois do primeiro ataque, houve uma relativa acalmia. Mas, em 2019, reiniciaram os ataques; desta vez, iniciaram das aldeias para Vila". J1*

Outros informantes, em número de 7 (sete) destacam algumas acções de propaganda levadas a cabo por sheiks como indícios do conflito armado, conforme aparece vincado na seguinte fala de um dos entrevistados:

*"Antes do ataque de 2017, houve muitas gravações do Sheik Abdul Rogo que abordavam acerca do estado laico que caracterizava Moçambique e os actuais insurgentes podem ter sido seus seguidores/simpatizantes. No mercado, ouviam-se essas gravações, vendidas em CDs pelo senhor Hassam Vipodozi, que também explicava o teor da mensagem para poder convencer a se aliarem ao grupo dos terroristas". – M1*

As afirmações anteriormente apresentadas constituem respostas à questão sobre quando é que tiveram início os ataques de homens armados à Vila de Mocímboa da Praia, tendo os informantes se referido à data 04 de Outubro, bem como a certos sinais, dentre os quais se destaca a proliferação de mesquitas e a introdução de seitas muçulmanas radicais.

Alguma literatura existente sobre o conflito armado em Cabo Delgado aponta que esta situação iniciou a 05 de Outubro de 2017, precedida de vários sinais, conforme testifica o seguintes excerto:

O primeiro ataque em Cabo Delgado teve lugar a 5 de Outubro, na Cidade de Mocímboa da Praia (...) não restam dúvidas de que os homens que atacaram Mocímboa da Praia em Outubro de 2017 pertenciam a uma seita islâmica existente em Cabo Delgado, conhecida apenas por Al-Shabaab. A seita já existia antes 2017 e líderes Muçulmanos e outros discutiam sua presença e o que deveria ser feito, antes desta seita enveredar pela violência armada (Morier-Genoud, 2020).

Comparando o conteúdo destes excertos com os depoimentos dos entrevistados anteriormente descritos, pode-se depreender em linhas gerais que os ataques armados na Vila de Mocímboa tiveram, de facto, seu início no dia 05 de Outubro de 2017, movidos por uma seita muçulmana conhecida por A-Shabaab, cuja existência era já antes conhecida por líderes muçulmanos, nos períodos anteriores aos ataques.



### 3.2 Origem dos integrantes do grupo terrorista

Relativamente à questão “Na sua percepção, qual é a origem dos homens armados que atacam Mocímboa da Praia (estrangeiros, nacionais, etnia dos nacionais)?”, as respostas também foram diversas. Com efeito, do total dos entrevistados, 51 (cinquenta e um) consideraram que estes pertencem a diferentes etnias, tal como aparece nas seguintes falas:

*“Os homens armados surgem de diferentes pontos do país, isso porque nota-se a existência de jovens que falam as línguas Kimwani, Makonde, Macua, Swahil, Jaua, até a própria língua oficial portuguesa”. – M1*

*“De todo o canto, changane, macua, manhungue, tanzaniano, maconde, mwani, em todo o canto de Moçambique. Quando estava-se pegar outras pessoas, estavam a dizer que estavam a sair da Zambézia; outros de Balama; outros eram macuas de Nampula, Nacala. Aquele tempo em que militares pegavam Al Shabaab, quando lhes perguntavam donde estavam a sair diziam que vinham de Balama, outros diziam ser de Nampula e vinham fazer esse trabalho aqui”. – P1*

*“Existem mwanis, macuas, macondes e estrangeiros”. – A1*

*“A maior parte são Mwanis e em menor número macuas e macondes”. – A2*

*“Existem pessoas de diferentes origens”. – A3*

*“Há estrangeiros brancos, alguns deles são tanzanianos e vieram de Arusha. A maioria dos moçambicanos são muânis. Muitos falam swahili, macua de Nacala, Changane. E por vezes tentam falar português”. – CR3*

*“Não sabemos bem, mas ouvimos que estão misturados, uns vens de Somália, Bangladesh, Tanzanianos. Tem jovens de MdP. Inicialmente, eles faziam negócios na Vila, até outros conseguiram fazer casa de alvenaria, mas ninguém sabia de onde vinha o dinheiro. Eles andavam com facas grandes”. – J7*

Os excertos acima revelam que os homens armados são diferentes origens, tanto nacionais como de outras nacionalidades. Morier-Genoud (2020) também confirma este

facto, mas destaca que o ataque do dia 05 de Outubro foi levado a cabo por jovens maioritariamente locais, como indica o excerto seguinte:

Reportagens de jornalistas, entrevistas, imagens e vídeos, tudo dá a indicação de que muitos dos insurgentes eram da própria Cidade de Mocímboa da Praia. A maioria cresceu aí, alguns vieram de outros distritos de Cabo Delgado e poucos apresentavam um 'sotaque estrangeiro', mas muitos já viviam naquela cidade antes dos ataques. Muitos residentes locais identificaram os atacantes e disseram que estes pertenciam a uma seita religiosa, conhecida por Al-Shabaab. De acordo com as declarações, a seita tinha uma mesquita no bairro Nanduadua e estava no processo de construção de outra mesquita nova perto da primeira (pgs. 2-3).

A ilação que se pode tirar das fontes anteriores é de que o grupo armado, numa primeira fase, era constituído na sua maioria por jovens naturais de Mocímboa da Praia, ou que já viviam na Vila há algum tempo, e que com o passar do tempo foram-se integrando nas fileiras dos insurgentes indivíduos provenientes de outras regiões de Cabo Delgado e de outras províncias, bem como do estrangeiro.

### **3.3 Papel das crianças, jovens, adultos e idosos no grupo de terroristas**

A divisão social do trabalho é uma das características de qualquer organização, incluindo os grupos terroristas. Este pressuposto levou à colocação da seguinte questão: "Qual é o papel das crianças, jovens, adultos e idosos (homens e mulheres)?"

À volta desta questão, mais de 100 (cem) informantes afirmaram não saber, mas um número significativo de informantes 47 (quarenta e sete) deu as respostas que se transcrevem a seguir:

*"Apenas são jovens. Não usam crianças e é provável haver mulheres, uma vez que elas usam máscaras. As mulheres geralmente ficam a cozinhar e lavar roupa dos homens. As mais bonitas e jovens são para os chefes a até chegaram a levar para fora do país".*

CR2

*"Os brancos não iam atacar, mas ficavam com os capturados, investigavam e faziam selecção ou dispensavam alguns capturados. Eram responsáveis em controlar os capturados". CR3*

*"As mulheres consideradas feias fazem trabalhos e as bonitas são consideradas rainhas. Os jovens e algumas crianças participam nos ataques". A2*

*"Os jovens eram levados para o treinamento de guerra, as crianças imitam o que os adultos fazem, as mulheres são se fazem trabalhos domésticos e casarem com os homens que estão na base dos homens armandos". M1*

Pelos depoimentos acima transcritos, fica-se com a ideia de que no seio do grupo armado existe alguma organização de tarefas baseada na idade e no género, sendo que os jovens e menores constituem massa guerreira, enquanto as mulheres se dedicam principalmente a trabalhos domésticos. Esta informação foi facultada por pessoas que, tendo sido raptadas, tiveram a sorte de fugir do cativeiro dos terroristas. As fontes escritas até aqui consultadas nunca trouxeram esta informação, constituindo assim um dado muito importante a reter, por revelar a forma como este grupo armado se organiza nas suas bases.

### **3.4 Empatia da população de Mocímboa da Praia com os homens armados**

Relativamente à questão "Será que esses homens armados são aceites em Mocímboa? Porquê?", todos os informantes presentes nas entrevistas grupais responderam afirmativamente, argumentando nos seguintes termos:

*"Historicamente a população não esta a favor com a governação do próprio estado, pois eles acham-se de serem isolados, a título de exemplo os jovens têm acesso à promoção de emprego, e se for alguma empresa a se instalar esses são excluídos para o acesso a trabalho, eis a razão que apoiam a oposição ou qualquer grupo que vai ser contra o governo". M1*

*"Alguns apoiavam o grupo de insurgentes porque pensavam que estes não fariam mal aos nativos". A1*

*"Nas zonas de sua forte influência (Bairro Milamba e Nanduadua), as populações apoiavam insurgentes. Estes criticavam a actuação do Conselho Municipal, dizendo que o Município arranca mota e aplica multa às populações". A2*

*"Sim, por que alguns têm familiares que são membros do grupo terrorista, em algumas vezes depois dos ataques os terroristas distribuem comida obtida do saque aos seus familiares". A3*

*"Haviam nativos que mostravam os insurgentes casas dos funcionários públicos, e diziam "entrem esta casa, aquela casa... porque são de funcionários". Uma vez, em pleno dia de ataques, eu estava escondido em casa de um amigo, eram 13 horas, eu vi dois jovens insurgentes, um com AKM outro com uma granada. Eles vieram na vizinha, que era casa dos familiares deles, apanharam um balde virado, eles tiraram sacola deles; tira algo que estava na sacola poem no balde e taparam. Dali, um levou a sua AKM e o outro a sua granada, reparam pelos lados e saíram". J1*

Os excertos acima apresentados revelam algum apoio dado pela população aos insurgentes, justificado quer pela falta de postos de trabalho, quer pelo descontentamento face à actuação irregular da polícia municipal, quer ainda por existirem no grupo dos homens armados familiares de alguns populares. Neste último caso, o apoio é mais activo, chegando algumas famílias a receber comida resultante de saques feitos a estabelecimentos comerciais.

No entanto, houve no seio dos entrevistados aqueles que disseram não existir qualquer auxílio da população aos insurgentes, excepto nos casos em que alguns populares possuem filhos ou parentes no grupo terrorista, sendo disso prova a seguinte afirmação:

*"Ninguém gosta deles, como gostar se eles atacavam escolas, tribunais, edifícios do Governo; matam pessoas, queimam casas. Os que gostam são aqueles que têm filhos ou parentes no grupo". J8*

Apesar de existir esta divergência de opiniões, os dados colhidos do campo revelam ter havido certa simpatia da população de Mocímboa da Praia em relação aos insurgentes, pelo menos no princípio e as semanas seguintes dos ataques, facto que se pode justificar, não só por muitos dos atacantes serem “filhos” da região, mas também pela estratégia por eles manifestada, que consistia na aparente protecção dos civis e ataque a alvos militares. A passagem que se segue, extraída de Morier-Genoud (2020), elucida tal situação:

Um cidadão falou a jornalistas que cruzou com o líder da seita Al-Shabaab e quatro homens armados, enquanto este e seus amigos iam à mesquita, às 05h00 da manhã do dia do ataque. O líder disse àqueles crentes que não eram os seus alvos e que ele e os seus homens armados iam atrás das forças armadas; que o objectivo deles não era de atacar civis, a menos que estes fossem denunciá-los à polícia (...) uma idosa também cruzou com os insurgentes de manhã, que a mandaram voltar para casa” (pp. 3-4).

### **3.5 Mecanismos para convencer a população a integrar ao grupo de terroristas**

Sobre a pergunta “Na sua opinião, como é que os homens armados convencem as pessoas de Mocímboa a integrarem no seu grupo?”, o problema económico foi o mais referenciado, por todos os informantes, conforme indicam as seguintes transcrições:

*“Eles davam valores económicos, valores monetários. Por causa disso, muitos jovens que não faziam nada, só passavam o dia a jogar cartas, de repente tornaram-se comerciantes”. J1*

*“Oferecem dinheiro”. A1*

*“Oferecem dinheiro e usam a religião”. A2*

*“Prometem emprego, dinheiro e acabar com os porcos (pessoas que praticam a religião cristã e o islão atrofiado)”. A3*

*“Eles convencem de que haverá boa vida quando se ingressar no grupo que esta a treinar para lutar contra governo”. M1*

Contudo, para além dos que afirmaram não saber, em número de 17 (dezassete), houve quem apontasse outros argumentos (5 informantes), como se pode constatar abaixo:

*"Aqueles programa deles é mau, cada qual tinha programa deles, uns vendiam peixe, vendiam carvão, vendiam paus...eles entraram a maneira assim, ninguém sabia, as pessoas pensavam que eram pessoas normais". J6*

Este último posicionamento mostra a capacidade de infiltração dos insurgentes no seio da população, fazendo-se passar desta feita por pescadores, vendedores de carvão, entre outras formas. Por esta via, os terroristas conseguem conquistar a simpatia de alguns segmentos da população, que inocentemente se vêem envolvidos neste grupo.

### **3.6 Mensagens difundidas pelos terroristas**

A difusão de mensagens de propaganda para atrair mais simpatizantes constitui uma das características de grupos terroristas. Com vista a obter uma percepção aprofundada sobre este fenómeno, foi colocada a seguinte questão: "Que tipo de mensagens os homens armados difundem no seio da população?"

Em resposta a esta pergunta, surgiram declarações diversas, algumas das quais se transcrevem a seguir, emitidas por uma representatividade de 49 (quarenta e nove) informantes:

*"Eles muitas vezes reúnem com esses muanis, e não é com qualquer um. E dizem 'não queremos outra religião, só queremos a religião muçulmana. Se encontrarmos um cristão, que não é muçulmano, vamos cortar cabeça, vamos chamar de porco'. No dia que atacaram o edifício do Conselho Autárquico, rasgaram a bandeira e deixaram uma carta escrita em árabe e dizia 'Mocímboa é só para os naturais de Mocímboa' ". J1*

*"No dia de Id Il-fitri, eles diziam 'Nós somos muçulmanos, vocês não podem fugir'. Mas as pessoas não sabiam qual era o coração deles". J4*

*"É difícil perceber o que lhes leva a matar, pois alguns vídeos referem que não querem o governo da Frelimo, somente quer difundir a religião muçulmana, porém, em contrapartida, matam até os muçulmanos tornando assim ambiguidade na sua mensagem". M1*

*"Dizem que o governo explora as pessoas, não querem a religião cristã e o islão diferente do seu, a população deve sair de Mocímboa da Praia". A2*

Analisando o conteúdo dos extractos acima, pode-se constatar que a principal mensagem difundida pelos terroristas diz respeito à necessidade de implantação em Mocímboa da Praia de uma seita religiosa muçulmana radical e que as pessoas que praticam uma religião diferente, seja cristã seja uma orientação muçulmana diferente da praticada por este grupo radical tinham que ser eliminadas. O mesmo destino era dado aos membros do governo da Frelimo.

A aversão por parte de grupos terroristas ao poder estatal e a outras religiões é outra característica referida em muitas fontes. Dos vários autores, destacam-se Mosca (2020) e Morier-Genoud (2020).

Mosca afirma que "os vídeos de gravações de insurgentes revelam um claro objectivo contra o poder. O discurso islâmico radical é, em parte, substituído, ou complementado, com frases de revolta perante a situação de pobreza e discriminação".

Por seu turno, Morier-Genoud elabora o problema de forma mais profunda, nos seguintes termos:

Eles desencorajam a educação formal em instituições públicas (escolas, universidades, etc.); não respeitam os princípios islâmicos [ortodoxos]; permitem casamentos sem o consentimento da família da rapariga; carregam consigo facas que simbolizam jihad; não aceitam diálogo; incitam a violência e contestação contra os professores do Islão; prometem realizar ataques contra Ahle Sunnat Wal Jammāt.

Portanto, a partir destas fontes, pode-se constatar que os terroristas que atacam Mocímboa da Praia não possuem uma agenda clara, mas, no meio de toda esta zona de

penumbra, parece sobressair a intenção de implantação na região de uma doutrina religiosa muçulmana de cariz radical, por meio da subjugação ou eliminação das instituições estatais, bem como da religião muçulmana clássica.

### **3.7 Conhecidos intengrando no grupo de terroristas**

Sobre a pergunta “Conhece alguém de Mocímboa que integra o grupo dos homens armados? Como ele foi para lá? Quando ingressou?”, 152 (cento e cinquenta e dois) informantes, que correspondem à maioria, disseram não conhecer ninguém. Contudo, existiram 46 (quarenta e seis) entrevistados que responderam afirmativamente, facto que pode ser testemunhado através dos seguintes depoimentos:

*"Sim, conheço um comerciante que vendia cerveja e outros produtos. Inicialmente, ele não deixava barba; mas de um momento para outro ele deixou de vender cerveja e passou a vender cremes (e outras coisas) e passou a criar barba para ameaçar. Quando foi descoberto, a sua casa foi destruída pelas FDS que o Governo mandou. Conheço um amigo que desapareceu, mas não sei se juntou-se a eles (insurgentes)". J1*

*"Conheço alguns jovens que vendiam discos relacionados a religião islâmica". A2*

*"Conheço um vizinho, ele sempre aparecia suzo dos treinos". A3*

As declarações acima apresentadas confirmam a presença no grupo de terroristas de indivíduos de Mocímboa, bem conhecidos pelos informantes, aqui caracterizados como comerciantes, amigos, jovens e vizinhos. A presença de pessoas de Mocímboa da Praia nas fileiras dos insurgentes pode ser justificada pela convicção de solução de problemas económicos, como, aliás, se referenciou num dos pontos anteriores.

Respondendo à questão “Na sua forma de pensar, o que influenciou o ingresso de residentes de Mocímboa no grupo de homens armados?”, um número significativo de informantes (58) evocou razões associadas à pobreza, conforme testificam os seguintes depoimentos:

*"Dinheiro, emprego e a religião". A1*



*"Ofereciam dinheiro. Por exemplo em cada oração os crentes recebiam 600,000 Mt". A2*

*"A maior parte dos que ingressaram eram analfabetos e pobres. Isto facilitou a sua mobilização. Também os insurgentes usaram a religião para enganarem as pessoas". A3*

Todavia, para além do factor pobreza, foram apontadas outras razões, como as que a seguir se apresentam:

*"Pode ser por causa de falta de emprego, alguns foram aliciados com dinheiro, e outro queria vingar por que acharam os militares está contra eles, muito mais depois de primeira ataque". M1*

*"Existem aqueles que se enquadraram no grupo dos homens armados através da religião e há outros que entraram no grupo como emprego e receberam pagamento por isso". CR1*

Diferentes das primeiras declarações que se referem à pobreza como factor fundamental para o ingresso de populares de Mocímboa no grupo armado, estes últimos depoimentos acrescentam a vingança aos militares e a religião como outras causas do fenómeno.

### **3.8 Actividades desenvolvidas antes da integração ao grupo de terroristas**

Em relação à questão "Na sua opinião, o que os residentes de Mocímboa da Praia que ingressaram no grupo de homens armados faziam antes?", houve registo de várias respostas, algumas das quais se transcrevem abaixo:

*"Os jovens não faziam nada e via-se que o seu nível de escolaridade era baixo e eram totalmente desocupados, sem negócio. Alguns eram comerciantes". CR1*

*"Dois jovens que eu conheci vendiam roupa usada". CR3*

*"Até porque como aquela zona ali é costeira, muitos eram pescadores. Mas também muitos jovens não faziam nada, era normal irem ao mercado a jogar cartas, dama e xadrez, não faziam nada. Mas, de repente, sobretudo a partir de 2017, surgiram muitos*

*comerciantes jovens; uns vendiam coisas, abriram m-pesa, faziam táxi mota...coisas assim. Acho existia um financiamento. São estes que receberam financiamento que foram ao mato. Até havia um jovem de m-pesa que sempre tinha saldo a qualquer momento, se alguém quisesse ou depositar ou levantar 5 ou 10 mil, ele tinha sempre saldo, vivia no bairro Trinta. Esse jovem foi um aluno da Escola Secundária Januário Pedro, ele cometeu uma indisciplina, parece que queria bater um Professor ali e foi suspenso. E ele foi se integrar no grupo dos insurgentes". J1*

Os depoimentos anteriores, feitos pela esmagadora maioria dos informantes, indicam que, antes de se juntarem aos homens armados, algumas pessoas dedicavam-se a pequenos negócios, outros eram pescadores e outros ainda nada faziam. No entanto, a última declaração de J1 (pertencente a 15 entrevistados) mostra que houve muitos comerciantes jovens emergentes, a partir do ano de 2017, cuja fonte de financiamento era duvidosa, o que leva a supor que foram estes que se juntaram ao grupo terrorista.

### **3.9 Razões para frequência de ataques em Mocímboa da Praia**

Conforme é sabido, Mocímboa da Praia constitui o epicentro de ataques armados. Com vista a perceber esta particularidade, foi colocada a seguinte questão: "No seu ponto de vista, porque Mocímboa da Praia tem sofrido ataques de forma frequente?"

Em resposta a esta pergunta, muitos disseram não saber. Contudo, registaram-se alguns depoimentos, feitos por 31 (trinta e um) informantes, que se transcrevem abaixo:

*"Houve fácil aceitação dos homens liderados por Abdala Likonga, Massud Bonomar, também porque foi lá em Mocímboa da praia onde foi o primeiro ponto de entrada sendo assim, culminou o acesso as informações acerca do distrito, no que diz respeito às áreas mais protegidas, ou seja, onde tem a força de defesa e segurança do governo, assim a polícia respectivamente, outrora linguagens seria as saídas e entradas no distrito – Vila Municipal". M1*

*"Mocímboa da praia é um corredor pela existência do porto e aeródromo e ao dominarem Mocímboa será fácil receberem material bélico via marítima ou aérea". CR1*

*"A maioria que estão no grupo dos homens armados são filhos de Mocímboa da Praia. Então eles é que dizem para o grupo ir de novo lá. Alguns saem da zona de Nanduadua, Milamba". CR3*

*"Bem, na minha opinião ainda não estou a sugerir alguma coisa ou... das sugestões que foram a surgir é que para eles querem ocupar aquela zona ali serem deles, só essa parte que estou a ouvir, fora disto aqui ainda não acompanhei nada, só falam que epá eles querem ocupar ali escolheram aquele distrito para serem deles". P1*

Os depoimentos acima apontam diversas causas pelas quais Mocímboa constitui o epicentro de ataques de homens armados. A primeira fala (M1) refere-se à aceitação de que este grupo goza na região como principal factor; a segunda (CR1) enfatiza a localização geográfica; a terceira (CR3) aponta o facto de os homens armados serem filhos de Mocímboa da Praia; e a última (P1) destaca a intenção dos terroristas de ocupar a zona. Portanto, daqui se pode depreender que são vários os factores que contribuem para que Mocímboa da Praia se constitua no epicentro de ataques armados. A literatura existente já se refere a esta questão, como é o caso de Mosca (2020), que afirma que "a zona mais abrangida pelo conflito está também identificada como um território de fluxos e tráficos diversos (droga, minerais, madeira e marfim) em que existe envolvimento de pessoas ligadas ao poder, tanto civis, como militares".

Como forma de aprofundar este ponto foi colocada a seguinte pergunta: "No seu ponto de vista, quais são as causas dos ataques armados aqui em Mocimboa da Praia?", houve registo de muitos informantes que afirmaram não ter conhecimento. Contudo, dos poucos que se pronunciaram sobre o assunto, foi possível extrair as seguintes declarações:

*"Não sei. Esta é a preocupação de todas as pessoas. As pessoas querem saber as causas pelas quais Mocímboa da Praia tem sofrido frequentemente ataques". J3*

*"Não sei. Fala por aí que é porque os jovens não têm trabalho. Mas neste país ha muita gente desempregado, mas não faz confusão. O que os terroristas fazem é crime, matar, capturar pessoas para o mato". J8*

Tal como se pode depreender a partir destas respostas, as pessoas entrevistadas manifestaram muita reserva em relação à questão, facto que hipoteticamente pode ter a ver com a complexidade que caracteriza a pergunta e conseqüente receio dos informantes em se pronunciar.

Relativamente à pergunta "O que poderia ser feito para combater os homens armados em Mocímboa da Praia? Como e porque?", o comportamento dos informantes foi o mesmo que na questão anterior, ou seja, muitos preferiram dizer que não sabiam. Todavia, houve quem se pronunciasse, cujas transcrições se apresentam a seguir:

*"O governo é que sabe". A2*

*"O governo deve declarar o estado de emergência e pedir apoio internacional." M1*

*"Houve ideia de criar um grupo de resistência local, mas em Mocímboa não aconteceu". CR1*

Os depoimentos acima mostram que os informantes não têm certeza do que se deve fazer para acabar com os homens armados em Mocímboa da Praia. Com efeito, das três declarações, apenas uma é que apresenta de forma clara a estratégia que deve ser seguida, que consiste em o governo declarar o estado de emergência e pedir apoio internacional.

### **3.10 Formas de actuação, meios usados e grupo alvo dos homens armados**

Foi colocada a questão "Como é que os homens armados fazem para entrar em Mocimboa?" que, embora não tivesse sido produtiva, em virtude de a maioria dos entrevistados afirmarem não ter conhecimento, houve algumas declarações registadas, como as que a seguir se apresentam:

*"Primeira vez eles iniciaram no posto Administrativo de Awassi, vindo das matas, armados com armas brancas e outros instrumentos contundentes, e com um homem que teria amarrado supostamente sequestrado por eles, a PRM escalada naquele posto pensavam que como fosse população qua vinha apresentar uma pessoa que teria saqueado num determinado lugar, furtando ou cometido um crime. À chegada dos homens armados até no comando da de Awassi, um dos Agentes da PRM questionou o que teria acontecido com aquele homem amarrado, já não houve mais comunicação apenas espancamento dos Agentes da Lei e Ordem até a morte dos mesmos e apoderando das armas, desde naquele dia já iniciava o uso complexo das armas". M1*

*"Na primeira vez os AA vinham a pé. Mas na segunda e terceira vezes vinham de carros. Esses carros eles tinham roubado na primeira vez". J4*

*"Eles entram de madrugada". A1*

*"Eles usam as mesmas fardas dos militares, cercam a cidade. Aparecem de meia-noite em algumas casas e fazem reféns os donos para obterem informações e comida". A2*

A narrativa de M1 descreve a estratégia de disfarce usada pelos homens armados para se fazerem à zona, facto que culmina com assaltos surpresa a unidades policiais. O depoimento de J4 indica os meios usados pelos terroristas, para entrarem na zona, sendo que por vezes aparecem a pé e outras vezes fazem-se transportar por viaturas, algumas das quais roubadas aquando dos assaltos. As declarações de A1 e A2 referem-se à madrugada e à meia-noite, respectivamente, como tempo privilegiado para a entrada na zona. No entanto A2 apresenta mais um dado novo, que é o facto de os malfeitores usarem as mesmas fardas que os militares das FDS.

Portanto, a conclusão que se pode extrair dos vários depoimentos é que os homens armados recorrem a diversas estratégias para entrar e atacar.

Relativamente à pergunta "Quais os meios utilizados pelos homens armados para entrar e sair de Mocímboa, depois dos ataques? E para onde vão?", a grande maioria dos entrevistados (em número de 181) respondeu nos seguintes termos:

*"Carros". A1*

*"Carros e motorizadas". A2*

*"Usam viaturas locais". A3*

*"Entravam a pé, encapuzados para não serem reconhecidos. Depois dos ataques entravam no mato". J7*

*"Ao entrarem eles usam motorizadas, carros de militares roubados ou mesmo a pé. Também ao sair eles saem com os mesmos meios usados na entrada ou carros apreendidos na vila de Mocímboa da Praia depois do ataque". M1*

Com base nestas respostas, fica claro que os homens armados entram, tanto a pé como fazendo-se transportar por motorizadas e viaturas, algumas das quais roubadas ou apreendidas durante os ataques, e regressam usando os mesmos meios. Apesar de ainda não ter sido feito nenhum estudo de quantificação de viaturas e motorizadas, civis ou militares, roubadas aquando das incursões, levadas a cabo pelos insurgentes contra a Vila de Mocímboa da Praia, as declarações anteriores apontam o facto dos terroristas usarem diversos meios de transporte nos ataques.

Quando colocada a questão "Como é que os homens armados atacam?", que pretendia saber do *modus operandi* dos insurgentes, obtiveram-se as seguintes respostas:

*"Os homens armados chegam um dia antes, escolhem uma casa, depois sequestram toda família trancando assim dentro da casa, para permitir que não haja suspeitas e acesso da situação que nessa família se encontra. A mulher é libertada no mesmo dia para fazer compras de produtos alimentares, para o consumo no período de estadia com o dinheiro deles, a família trancada no quarto a mulher na cozinha e toda refeição feita era consumida por todos num único prato para evitar o envenenamento dos terroristas". M1*

*"Eles quando vêm atacar, vêm a pé, e tem os seus pontos de referência; distribuem-se em certos pontos. E quando iniciam ataque, eles iniciam no meio da Vila, começam a*

*atacar homens da polícia e FDS e depois vão para os bairros. Os insurgentes do lado de Mueda ficam escondidos no mangal. Sempre o tiroteio termina do lado da praia". J1*

*"Eles cercam a cidade e depois atacam". A2*

*"A estratégia deles que eles usavam, primeiro se espalhavam nas aldeias em cada canto, mesmo numa certa noite, então eles lá indicavam a pessoa para já iniciar com os disparos, então a partir daquilo mesmo, em cada lado você estava acompanhar e não ter onde fugir". K1*

Os vários depoimentos acima transcritos descrevem as estratégias usadas pelos insurgentes durante os seus ataques à Vila de Mocímboa da Praia, sendo que na maioria dos casos eles distribuem-se por pontos estratégicos e cercam a cidade. Contudo, existem também relatos de que os malfeitores se infiltram nas famílias, horas antes dos ataques, e encarceram todos os membros, usando as mulheres como cozinheiras.

Em qualquer região onde se vive a insurgência armada, existem sempre alvos preferenciais, daí ter-se colocado a seguinte pergunta: "Na sua opinião, qual é o grupo alvo dos homens armados aqui em Mocimboa? Porquê?"

Respondendo à questão anterior, alguns informantes referiram-se a instituições do Governo, FDS e a polícia, como se pode constatar nas seguintes transcrições:

*"Eles dizem que pretendem atacar instituições do governo e forças Armadas de Defesa e segurança". A1*

*"Polícia e militares. No primeiro ataque eles cruzaram comigo e informaram-me para não correr e regressar a casa". A2*

Outros apontaram funcionários públicos, membros do partido no poder, cristãos e infraestruturas, conforme elucidam as seguintes declarações:

*"Eles atacaram a zona de Nagi Investimentos, Aeródromo e a Via de Palma é porque existiam quartéis nesses locais. Casas dos funcionários, membros do Partido Frelimo, cristãos, edifícios públicos e privados". J1*

*"Eles querem sempre jovens, podem ser homens ou mulheres". CR3*

As diferentes falas acima transcritas trazem à superfície os alvos humanos e materiais perseguidos pelos insurgentes, embora todos os informantes não tenham respondido à pergunta "porquê?". Assim, a partir destes depoimentos, pode-se perceber que os homens armados visam os seus ataques a FDS, polícia, funcionários públicos, membros do partido no poder, cristãos, jovens, bem como infraestruturas do Estado e económicas.

**Imagem 5- Destruição do edifício do Aeródromo de Mocímboa da Praia**



Fonte: Fonte: CDD, 26 de Abril de 2020

**Imagem 6- Destruição da Igreja Católica de Mocímboa da Praia**



Fonte: Agência Ecclesia, 06/07/2020



Ataques terroristas em Cabo Delgado (2017-2020): as causas do fenómeno pela boca da população de Mocimboa da Praia

---

**Imagem 7 - Edifício do Governo do Distrito de Mocimboa da Praia destruído**



Fonte: Anónima, 21/12/2020

**Imagem 8- Autocarros da Transportadora Nagy Investimentos queimados**



Fonte: Anónima, 21/12/2020

**Imagem 9 - Edifício do Comando Distrital da PRM de Mocímboa da Praia destruído**



Fonte: Anónima, 21/12/2020

**Imagem 10 - Estação de serviços destruída, em Mocímboa da Praia-Sede**



Fonte: Anónima, 21/12/2020

A perseguição às FDS e à polícia pode justificar-se pelo facto de serem as entidades que garantem a ordem e segurança pública, sendo, por isso, os alvos primários a

abater. Quanto aos funcionários públicos e membros do partido no poder, por serem os agentes responsáveis pelo funcionamento das instituições do Governo, são igualmente alvos a eliminar. No que se refere aos cristãos, a razão principal prende-se com a diferença de religião, uma vez sabido que as pretensões do grupo terrorista passam pela implantação da religião islâmica radical. Relativamente aos jovens, a perseguição pode ter como fundamento a necessidade de reforço das fileiras dos insurgentes. Finalmente, o ataque a infraestruturas do Estado pode explicar-se pelo objectivo que os jihadistas têm de implantar o estado islâmico, que é contrário a instituições de cariz ocidental.

### **3.11 Situações de perigo experimentadas pela população**

Procurou-se saber o seguinte: “Alguma vez já estive em situação de perigo de vida devido aos homens armados? Se sim, como é que aconteceu?”, os informantes exprimiram diversas declarações que descrevem experiências por eles vivenciadas, as quais se transcrevem a seguir:

*“Numa das vezes já fui capturada e nos levaram até à base dos homens armados. Para fugirmos foi quando eles estavam rezando e aproveitamos fugir até irmos a Quissanga. Na base havia muita gente capturada, incluindo grávidas, mas lá não matam, apenas quando tenta escapar deles”. CR2*

*“Foi no dia 27 de Julho, eu estava na minha casa quando eles entraram no período das 9 horas. Eu tinha mandado crianças irem entornar lixo e eles estavam a vir do outro lado da escola e quando me viram, vieram ao meu encontro. Disseram que eram do al-shabaab e iam levar as crianças (de 9 e 5 anos) e daí saímos até “Bujo”, onde eles estavam e ficamos a obedecer às suas ordens e procuravam saber o que fazíamos e eu expliquei que não trabalhava e o pai das crianças foi morto por al-shabaab em Março e deixou também com a barriga. Eles disseram que iam sair para a base e eu devia procurar um hospital porque a barriga já estava grande e eu tinha dito que dou parto à cesariana. Os chefes é que investigavam as pessoas. Tinham farda de militares, chapéu*

*preto. Informou aos outros membros sobre minha situação, destacaram algumas mães que estavam grávida e nos deixaram na vila de Mocímboa da Praia; eu era a mais jovem dos que foram deixados. Os homens e jovens foram levados para a mata. Tinham-nos encarcerado numa moagem, mas depois nos mandaram entrar numa casa porque diziam que queriam queimar a moagem. Ficámos retidos por 5 dias". CR3*

*"Eu vivia a 25 km da Vila. No dia do primeiro ataque, eles passaram da EPC de Mumu onde eu trabalhava. Eram 17 homens (uns levavam 3 AKMs, outros pistolas, uma granada). Pediram 20 litros de água para beber. Estavam sujos, não mostravam uma aparência de paz. Eu falei com meu colega que 'amigo, aqui a situação não está boa. Devemos sair um por um para eles não descobrir'. Eu saí para a casa do Director informar que tinha homens estranhos. Quando o meu amigo ficou abandonou o local também. Eles ficaram até 17h, rezaram na mesquita local com as armas deles. Depois da reza, partiram em direcção à Vila de Mocimbia da Praia. No dia 4 Março de 2019 (depois do 3/3), eles entraram em Mumu, atacaram e queimaram uma casa vizinha, eu a ver. Um vizinho foi baleado. O nosso Director Adjunto Pedagógico fugiu". J1*

Os depoimentos acima são apenas uma amostra do perigo de vida por que a população de Mocímboa da Praia passou durante as investidas militares, levadas a cabo por terroristas. As mensagens são carregadas de muita emoção e foram emitidas, acompanhadas de lágrimas nos rostos dos entrevistados. Conforme se pode constatar, o ambiente que se vive no cativeiro dos malfeitores é de muito medo e horror, facto que se pode provar, com base na primeira declaração (CR2), por sinal de uma mulher. O segundo depoimento (CR3), também de uma mulher, mostra uma aparente compaixão dos jihadistas em relação às mulheres grávidas, mas o mesmo se não pode dizer em relação às crianças, que são alvos privilegiados para o reforço das fileiras criminosas. A última fala (j1) pertence a um professor aterrorizado face à presença de homens armados, que usaram sua escola como local de pouso, antes de se dirigirem à Vila de Mocímboa, para mais uma incursão armada.

No que se refere à questão “Tem algum familiar que perdeu a vida, raptado ou com bem destruído? Se sim, como é que foi?”, os informantes (em número de 19) apresentaram uma série de depoimentos, os quais se transcrevem abaixo:

*“Sim, um irmão foi morto”. A3*

*“Quatro parentes foram levados. Tinham idades diferentes (tinham entre 14 e 15 anos) e ninguém ainda voltou”. J3*

*“Eu perdi minha casa, perdi também 8 cabritos. Como sabiam que eu era jardineiro, queimaram tudo”. J4*

*“Minha filha foi levada com seu filho de três meses”. J5*

*“Um familiar não. Mas sim, um vizinho que foi raptado e depois decolado”. M1*

*“Minha mãe sofreu com o bombardeio feito pelos FDS e meu irmão quando tentou sair de casa deparou-se com os homens armados e foi assassinado”. CR1*

*“Havia uma mamã que lhe foi arrancada suas filhas. Alguns jovens capturados tentaram fugir foram esfaqueados até a morte”. CR3*

As declarações anteriormente transcritas indicam as perdas registadas em consequência dos ataques de homens armados a Mocímboa da Praia, que se traduzem em assassinatos, como afirmaram A3, M1, CR1 e CR3; raptos, conforme indicaram J3, J5 e CR3; e destruição ou perda de outros bens, facto que foi apontado por J4. Embora ainda não existam dados oficiais sobre número de pessoas raptadas e de bens destruídos ou pilhados, informações de fontes disponíveis, entre dados fornecidos pelos mass media e documentos oficiais do Governo, apontam para cerca de duas mil pessoas que perderam a vida em resultado dos ataques terroristas.

### **3.12 Acolhimento das Forças de Defesa e Segurança pela população**

No tocante à pergunta “Como é que as populações de Mocimboa da Praia acolhem as Forças de Defesa e Segurança?”, houve uma série de sentimentos expressos, sendo de destacar os que a seguir se transcrevem:

*"Primeiramente, as FDS vinham desprotegidas. As populações não muanis recebiam bem as FDS. Mas, como o quartel das FDS estava localizado na zona de influência muani (zona costeira), eles sofriam muitas baixas. Eles vinham "rebocar" seus familiares, davam dinheiro, sem atacar". J1*

*"Não há boa relação, porque os soldados às vezes soldados são violentos (sobretudo violência física). Até tive meu amigo que perdeu a vida depois do terceiro ataque, num dia que regressava do bairro Nanduadua e cruzou com Militares e procuraram saber de onde saia e no dia seguinte recebeu-se informação que perdeu a vida e chegou a informação de ter sido morto através de uma baioneta; já houve casos em que arrancam bens das pessoas ou pedem dinheiro para as libertarem". CR1*

*"Em Namanja algumas pessoas que saiam das machambas cruzaram com homens das FDS e passaram a lhes interrogar e acusar que eram do al-shabaab. Um dos homens atacados com uma baioneta sobreviveu, mas os outros 4 morreram". CR2*

*"As populações desconfiam as Forças de Defesa e Segurança devido à sua forma de actuação". A1*

*"O fardamento das Forças de Defesa e Segurança e dos insurgentes são parecidos, isto cria dúvida as populações em distinguir que é inimigo ou não". A3*

*"Quando militar chegou em Chitiro estava viver bem com população, mas de repente não estava entender o que estavam a fazer esses militares, porque as vezes dispararam armas, coiso, população fugir depois dai população decidiu esses mesmos militares é que estão a nos matar, até nego para nos distrito disse tem que vir aqui levar vossos militares não queremos mais vossos militares, porque estão nos fazer guerra, esse é que era mensagem de Chitiro... disparavam para cima, mas há um dia mataram uma*



*“pessoas ai mesmo esses militares, era adjunto chefe do bairro. Era uma noite lhe levaram em casa dele tipo vamos assim a fazer coiso aqui há encontrar nossa aldeia depois quando chegaram aí no mato coiso, lhe matou aí mesmo aí de manhã quando amanheceu população há lhe mataram AlShabab, mataram Alshabab, enquanto são esses mesmos aí”. P2*

Os depoimentos anteriormente apresentados exprimem diversos sentimentos da população face à sua relação com as FDS, sendo que todas as pessoas que prestaram entrevistas grupais afirmam não ser pacífica. Este posicionamento não é de desprezar, embora uma parte significativa (54 informantes) tivesse considerado como sendo saudável sua relação com as FDS, conforme atestam as seguintes falas:

*“Recebíamos bem, tanto é que quando passavam na minha rua não manifestavam duma forma estranha, tinha um comportamento tanto muito agressivo com a população não de que vinham apoiar e se calhar não só encontrar os malfeitores na presença deles pah como a guerra é aquela mesmo eles também uma parte querem se defender por mais que esteja ligado que quem pode defrontar mas duma outra maneira também epá combatia, quanto mais ver que aqui talvez as posições estão assim então pelo menos desviar ou fugir sim mas ter que manifestar um comportamento negativo para com a comunidade isso nunca acompanhei”. K2*

A relação entre as FDS e a população de Mocímboa da Praia, durante o conflito armado, constituiu sempre uma grande preocupação por parte do Governo e de organizações associadas a direitos humanos. Na verdade, os relatos provenientes da zona de conflito são divergentes, como, aliás, se pode verificar nos depoimentos acima. Alguma literatura consultada chega mesmo a descrever a relação como precária, como, aliás, descreve Mosca (2021), na seguinte passagem: “As forças governamentais são também acusadas de violência e não respeito pelos direitos humanos junto das populações, jornalistas e pesquisadores” (p. 3).

Para compreender melhor o aspecto referente a ligação da população com as FDS foi colocada a questão “Qual é a sua opinião em relação à actuação das Forças de Defesa

e Segurança?”, da qual registaram-se muitos pronunciamentos a qualificar a actuação como negativa, conforme testificam as seguintes transcrições:

*"Noto que há fuga de informação entre as FDS pois quando pretendem ir actuar numa zona, eles sofrem emboscada por parte dos insurgentes. Outro facto é a farda que os insurgentes usam que é similar a farda das FDS o que dificulta a distinção; até algumas viaturas usadas são das FDS". CR1*

*"Actuação das Forças de Defesa e Segurança é muito negativo porque eles quando te interpela a população obrigam a se identificarem como uma das regras de vigilância. O mais caricato é que as FDS's pedem dinheiro e as populações indefesas e depois exigem dê-lhe o valor monetário caso o tenha arrancam os telefones que trazem consigo". M1*

*"Não é boa, porque os soldados não consideram a população, quando te encontram pedem dinheiro e se não tiver batem. Encontrar alguém com 10000,00Mt era considerado como membro do Al Shabab, violam as mulheres". A2*

*"A relação não é boa, os militares são violentos, eu tive um amigo que foi faqueado pelos militares". A3*

*"As populações não tinham problema, mas depois surgiu um problema. As FDS diziam 'nos viemos acabar este problema'. Mas acabar isso não foi para eliminar os terroristas, mas sim bater pessoas inocentes". J6*

*"Eles vasculhavam nas casas, e se encontrassem instrumentos de trabalho (enxadas, machados, catanas...) diziam que eram vocês mesmo que matam pessoas...que não tem sentimento'. Eles batiam quaisquer, quer na mesquita assim na rua e em casa. Aí não tinha polícia, soldado e esses que estavam no mato, todos atacavam da maneira dele". J7*

Conforme se pode constatar dos diferentes depoimentos anteriormente apresentados, existe um sentimento negativo por parte da população face à actuação das FDS, que se caracteriza por ser violenta. Tal comportamento revela o excesso de zelo por parte



dessas forças, na perspectiva de manutenção da ordem e segurança pública em Mocímboa da Praia.

### **3.13 Mecanismos de resiliência face aos ataques armados**

Visando compreender acções de resiliência das populações, foi colocada a seguinte questão: "Quais eram as formas de sobrevivência em Mocímboa da Praia e nas zonas de chegada?"

Reagindo à pergunta anterior, os informantes apresentaram várias declarações, das quais se destacam as seguintes:

*"Esta casa emprestamos. Não temos comida, as vezes o Governo dá comida, mas não é suficiente. O Governo deu apoio (farinha, feijão, milho). Ainda não temos machamba e nem insumos agrícolas. Outros deslocados já receberam mas nós ainda. Se o conflito terminar, nos seremos os primeiros a voltar a Mocímboa da Praia". J1*

*"Quando cheguei, agradeço, tenho tido apoio de pessoas. Vizinhos deram-me uma machamba". J4*

*"Quando estávamos lá em MdP o Governo trazia comida (óleo, milho, feijão etc.). Quando chegamos aqui conseguimos esta nossa casa aqui. Vivemos assim mesmo a maneira. Meu marido fazer maneira de comer tudo. O governo deu machamba e comida (feijão, farinha, óleo)". J7*

*"É difícil explicar, eu estou a viver graças ao meu salário e donativos, um donativo sem transparência, não existe fiscalização, parece campanha política. Acho que são formas de retirar o dinheiro dos cofres do governo, alguns ficarão ricos devido a essa guerra". A2*

*"Para sobreviver não é fácil, nem dinheiro para comer. Aqui cheguei sem nada e cheguei graças ao meu tio e agora ele não tem nada. Antes ia a praia para pegar peixe para se alimentar ou apanhava lenha para vender. Agora é necessário pagar matrícula, mensalidade e equipamento para estudar". CR2*

*"Os que têm possibilidade compram alguns produtos e material para capinar". CR3*

A partir dos depoimentos acima, pode-se depreender que as acções de resiliência dos informantes nas zonas de acolhimento são muito diminutas, estando a maioria a depender do apoio do Governo em géneros alimentares. Contudo, no meio destes, há quem se refere aos meios de trabalho como condição para a reconstrução da vida, como se pode constatar em J4, CR2 e CR3.

Contudo, em relação ao local de guerra, os entrevistados apontaram uma série de acções de resiliência, com vista a salvar suas vidas, tais como fuga para as matas, deslocações para locais considerados seguros, dentro e fora da província, autodefesa, permanência dentro das casas enquanto decorriam os ataques, insistência em desenvolver a actividade agrícola e de pesca e solidariedade mútua.

Em relação à pergunta "Será que você planeia regressar a Mocímboa?", algum número dos entrevistados respondeu afirmativamente, mas houve quem desse as seguintes respostas:

*"Eu não volto. Tenho minha machamba, todos os meus filhos estão aqui. Como tenho tudo aqui, eu não volto". J4*

*"Eu não volto. Mocímboa não é estrangeiro, eu posso viver em qualquer sítio dentro do país". J8*

Estas declarações revelam que parte considerável dos informantes não pretendem regressar a Mocímboa da Praia, após o fim do conflito armado, quer porque já se encontram devidamente instalados na zona de acolhimento quer porque desenvolveram um sentimento patriótico, que lhes permite viver à vontade em qualquer região dentro do território nacional.

### **3.14 Acções desenvolvidas pelo governo face aos ataques terroristas**

Sobre a questão "O que o Governo tem feito para resolver o problema?", a maioria foi unânime em dizer o seguinte:

*"O que o governo faz ainda é insuficiente". A3*

Esta resposta exprime o sentimento de desespero dos entrevistados, que querem ver a guerra terminada, exigindo para o efeito que o Governo faça mais. Instados a justificar a insuficiência da acção do governo, alguns informantes referiram-se à necessidade de envio de géneros alimentícios para Mocímboa da Praia, bem como para os locais de acolhimento onde a população se encontra. Daqui se pode tirar a ilação de que a insuficiência não está ao nível da capacidade defensiva das FDS, e sim na alimentação à população afectada pelos ataques armados.

No que se refere à pergunta "Na sua opinião, o que o Governo deve fazer para resolver o problema?", a maioria dos informantes apresentou os seguintes depoimentos:

*"Primeiro o governo deve procurar saber de onde a guerra parte e poder terminar sem uso massivo de armas". CR1*

*"Para mim o governo devia remover toda a gente e "limpar", duma vez, todos os malfeitores. O governo tem força. Mas uma vez que eles querem que os "chefes", falem com eles, o governo podia negociar para terminar a luta e ficarmos em paz, pois mesmo que nos leve para outra zona, não vamos ficar sossegados. Devia mandar carros para tirar todas as pessoas". CR2*

*"Se o governo conseguisse ter armas para poder bombardear a eles seria melhor, ainda mais assim que ninguém está lá seria fácil bombardear. Também nos arranjam um lugar para viver e para capinar". CR3*

*"O governo deve declarar o estado de emergência e pedir apoio internacional". M1*

*"Primeiro conhecer as causas dos ataques para depois combater". A3*

*"Ficarmos juntos, população com soldado. Conjugarmos esforços, as populações de ideias e os soldados tem pratica. Se isso acontecesse eu estaria disponível para ir à tropa". J6*

*"O governo deve explicar as populações o que esta a acontecer. Dizer as pessoas que esta a acontecer isso, aquilo...para as pessoas saberem. Devem sentar na mesa,*

*discutir e encontrar soluções para resolver o problema. Quando o problema acabar as pessoas voltam para terra e vão viver bem”.J8*

Face às declarações acima, depreendem-se várias opiniões avançadas pelos entrevistados para se acabar com a guerra em Mocímboa da Praia, desde as mais moderadas, que apontam para a necessidade de se identificar as causas, para depois terminar, sem uso massivo de armas, às mais radicais que avançam para a necessidade de remover toda a gente e acabar com os malfeitores.

### **Quadro 2 - Resumo dos resultados encontrados**

<b>Ord.</b>	<b>Categoria</b>	<b>Resultado</b>
1	Origem do grupo terrorista no Distrito de Mocimboa da Praia	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Primeiros sinais: 2012-2015.</li> <li>➤ Proveniência: estrangeiros (somaliano, queniano, etíope, tanzanianos e brancos) e Nacionais (Mwanis, Makondes, Macua e Machanganes);</li> <li>➤ Construção de mesquitas e Madrassas;</li> <li>➤ Desvio do comportamento em relação a doutrina islâmica clássica;</li> <li>➤ Fluxo do comércio informal;</li> <li>➤ Recrutamento de crianças para madrassas e jovens para escolas corânicas em Zanzibar e Arábia Saudita, treinamento militar e fragilidade de autoridades locais.</li> </ul>
2	Causas dos ataques	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Falha de Políticas públicas (pobreza, sentimento de exclusão, desemprego e índice de analfabetismo);</li> <li>➤ Questões Religiosas (radicalismo islâmico e construção de um califado)</li> <li>➤ Questões étnicas (Mwanis e Makondes)</li> </ul>
3	Aceitação dos insurgentes junto	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Existem pessoas que se simpatizam com o grupo de terroristas.</li> </ul>

Ataques terroristas em Cabo Delgado (2017-2020): as causas do fenómeno pela boca da população de Mocímboa da Praia

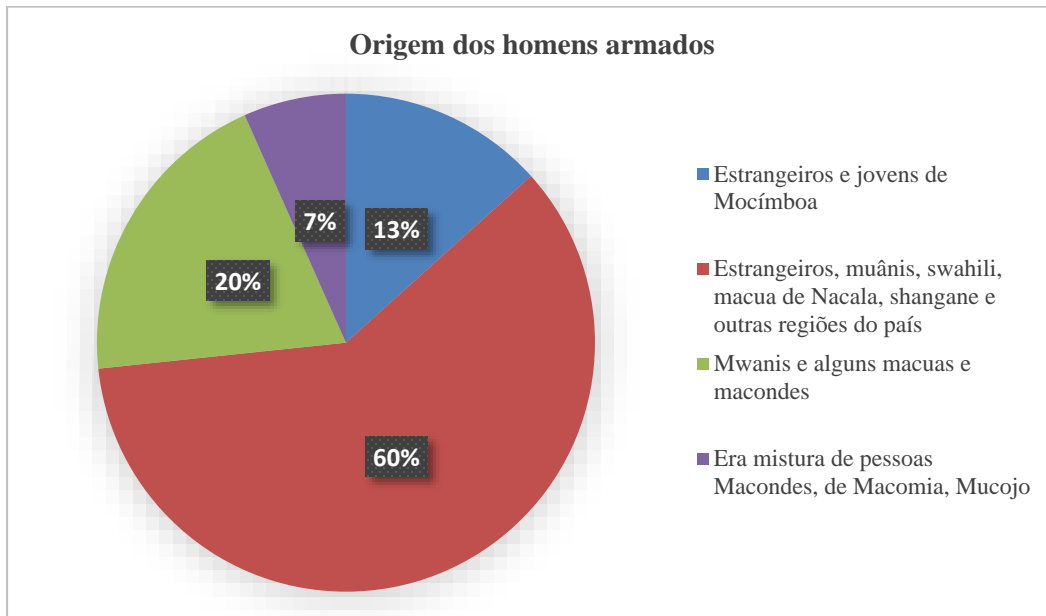
	a população de Mocímboa da Praia	
4	Formas de actuação dos terroristas	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Composição do grupo (jovens e adolescentes);</li> <li>➤ Envio antecipado de material bélico no local do teatro das operações;</li> <li>➤ Horário de ataque (de madrugada – 03/04 horas, noite – 17/21 horas).</li> <li>➤ Usam armas de fogo modernas, armas brancas (catanas e facas);</li> <li>➤ Uniforme semelhante com o das FDS;</li> <li>➤ Máscara (capuz);</li> <li>➤ Infiltração;</li> <li>➤ Decapitação;</li> <li>➤ Capturas selectivas de pessoas;</li> <li>➤ Uso de carros, motas, durante os ataques.</li> </ul>
5	Acções do Governo	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Envio das FDS;</li> <li>➤ Envio de géneros alimentícios para a população de Mocímboa da Praia e nos locais actuais de acolhimento</li> </ul>
6	Relação entre as FDS e as populações	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Não é boa;</li> <li>➤ Há relatos de extorsões;</li> <li>➤ Saques em residência após os ataques;</li> <li>➤ Violação de privacidade.</li> </ul>
7	Direitos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Agressões físicas;</li> <li>➤ Assassinatos a suspeitos de pertencerem ao grupo de terroristas.</li> </ul>

Ataques terroristas em Cabo Delgado (2017-2020): as causas do fenómeno pela boca da população de Mocímboa da Praia

8	Mecanismos de resiliência da população afectada	Em Mocímboa da Praia	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fuga para as matas;</li> <li>➤ Deslocações considerados para locais seguros, dentro e fora da província;</li> <li>➤ Autodefesa;</li> <li>➤ Permanência dentro das casas enquanto decorriam os ataques;</li> <li>➤ Insistência em desenvolver as suas actividades agrícolas e de pesca;</li> </ul>
		Nas zonas de chegada como deslocados	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Solidariedade mútua;</li> <li>➤ Pequenos negócios nos locais de acolhimento (venda de carvão, bolinhos, e quinquilharias em pequenas lojas);</li> <li>➤ Apoios de familiares;</li> <li>➤ Trabalhos nas machambas de proprietários locais</li> </ul>
9	Sugestões da população para o Governo		<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Conhecer as causas;</li> <li>➤ Encontrar os mentores e dialogar;</li> <li>➤ Pedir apoio militar externo;</li> <li>➤ Distribuição equitativa da riqueza;</li> <li>➤ Prestar atenção aos problemas de jovens.</li> <li>➤ Criar projectos para dar emprego aos jovens</li> </ul>

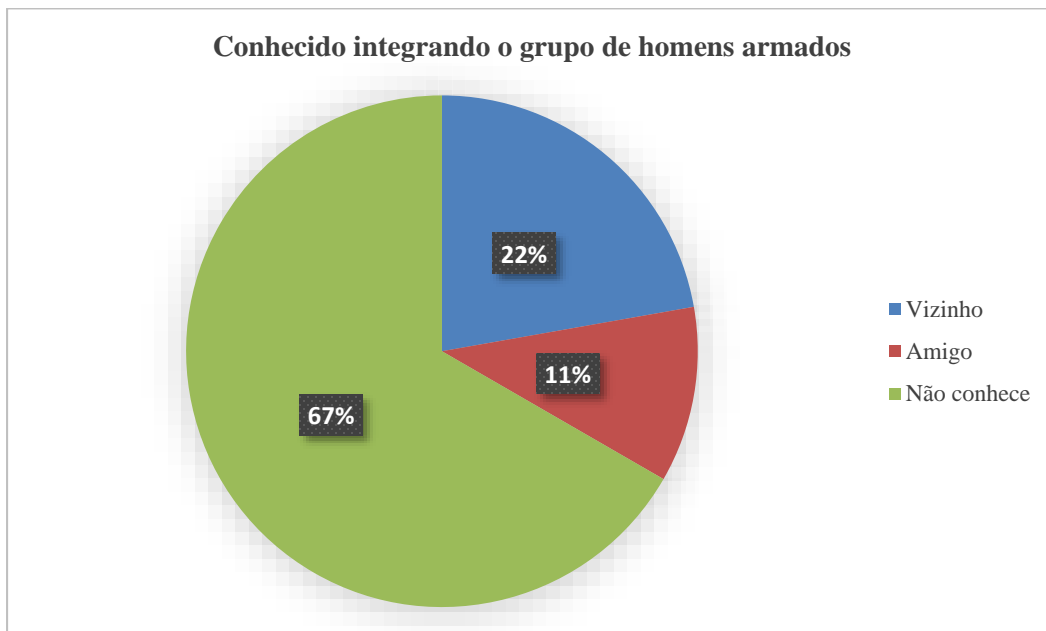
## Gráficos dos resultados encontrados

### Gráfico 1 - Origem dos homens armados



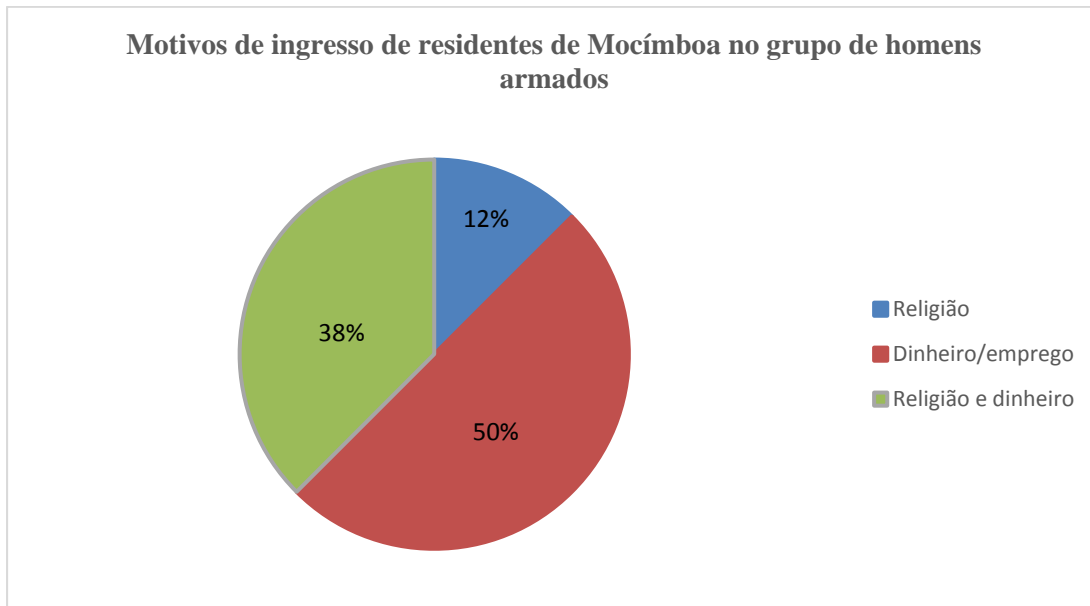
Fonte: Autores, 2020

### Gráfico 2 - Conhecido integrando o grupo de homens armados



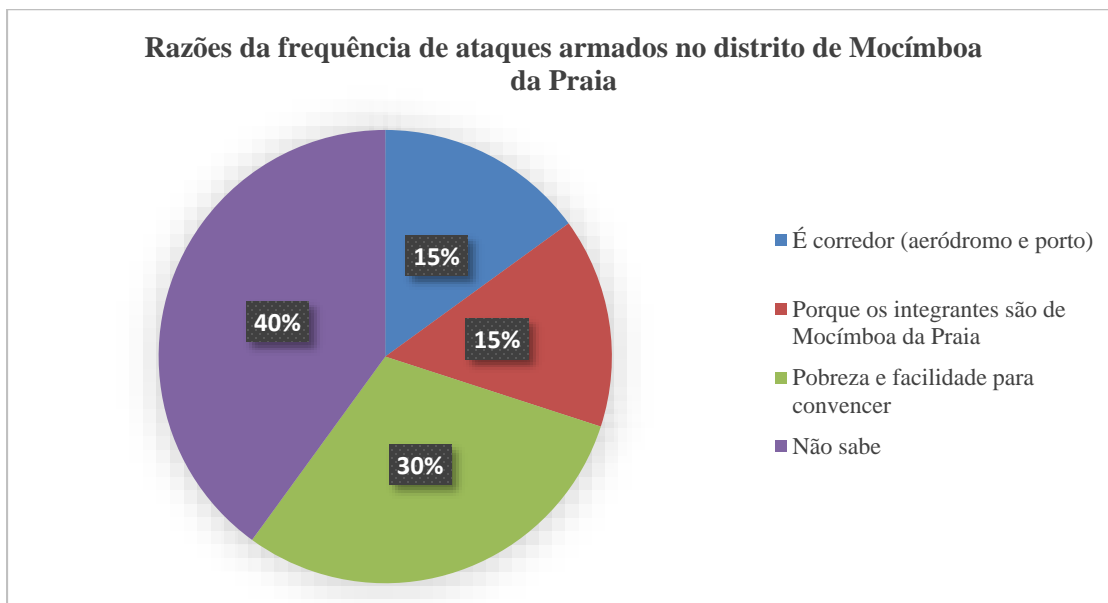
Fonte: Autores, 2020

**Gráfico 3 – Motivos pelos quais residentes de Mocímboa ingressam no grupo de homens armados**



Fonte: Autores, 2020

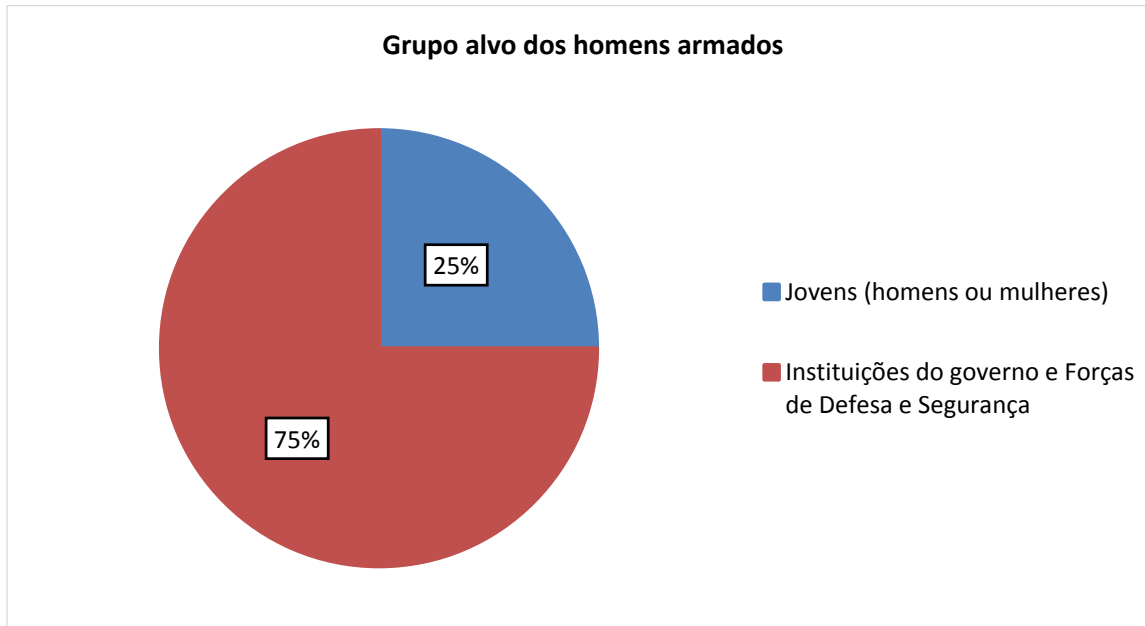
**Gráfico 4 - Razões da frequência de ataques armados no distrito de Mocímboa da Praia**



Fonte: Autores, 2020

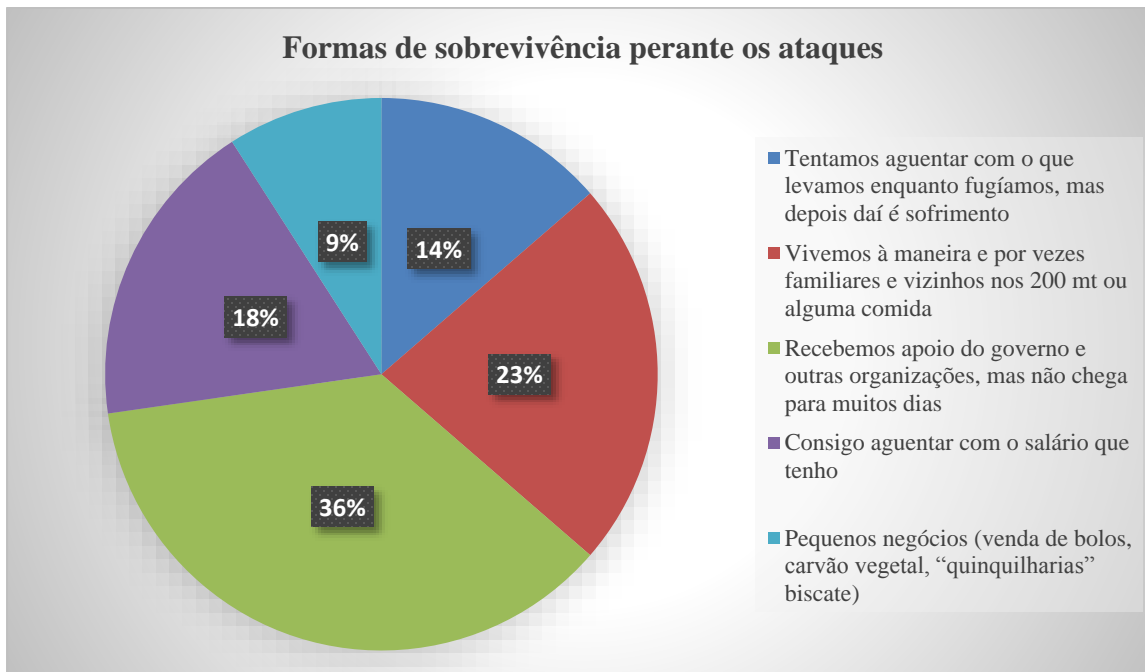


**Gráfico 5 – Grupo-alvo dos homens armados**



Fonte: Autores, 2020

**Gráfico 6 - Mecanismos de resiliência perante ataques**



Fonte: Autores, 2020

## **SEGUNDA PARTE**

## **CAPÍTULO IV - O DISTRITO DE MOCÍMBOA DA PRAIA: PERFIL GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E SÓCIO-CULTURAL**

Este capítulo apresenta a visão panorâmica do Distrito de Mocímboa da Praia, em termos da localização geográfica, o historial, divisão administrativa, características físico-geográficas e demográficas, aspectos culturais e etnolinguísticos, características económicas e sociais, o impacto das imigrações na formação de hetero-identidades, contactos e conflitos sociais e as maiores queixas das populações.

O foco da presente pesquisa é o distrito de Mocímboa da Praia, considerado como um dos epicentros dos ataques terroristas ao nível da província de Cabo Delgado. Por isso, neste capítulo são apresentados alguns elementos que permitem compreender as características do local de estudo.

### **4.1 Localização geográfica**

O Distrito de Mocímboa da Praia localiza-se no extremo nordeste da província de Cabo Delgado, sendo banhado pelo Oceano Índico.

Mocímboa da praia é um dos 17 distritos da província nortenha de Cabo Delgado e tem como principais fronteiras<sup>1</sup>:

- Norte: Distrito de Palma e Nangade;
- Sul: Distrito de Muidumbe e Macomia, este último através do Rio Messalo;
- Este: Oceano Índico;
- Oeste: Distritos de Nangade, Mueda e Muidumbe.

---

<sup>1</sup> INDE – Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (2009). Atlas de Moçambique. Vol. II, Editora Nacional de Moçambique, Maputo.

### Mapas 1 - Localização geográfica do Distrito de Mocímboa da Praia



Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

Com cerca de 3.494 km<sup>2</sup>, Mocímboa da Praia é um distrito costeiro cuja vila-sede foi elevada à categoria de autarquia, através da Lei 10/97 de 31 de Maio. Ao distrito integram-se algumas ilhas, como Tambuzi, Muichanga, Muinsune, Muicung e Mionge e Suna (MICOA, 2012).

#### 4.2 Breve Historial

Antes da penetração colonial portuguesa, o território que hoje corresponde ao distrito de Mocímboa da Praia era habitado por povos nativos de origem *bantu*. Entre os séculos IX e XIII, no contexto da expansão árabo-persa, e devido aos contactos regulares entre as populações autóctones ali fixadas e os comerciantes árabes e persas, verificou-se não apenas a integração dos nativos no circuito comercial árabo-persa, através de troca de vários produtos, mas também a adopção, por parte dos nativos, dos valores culturais árabes e sobretudo a sua conversão à religião islâmica.

De facto, entre os séculos VI e XIII, com o objectivo de expandir a fé islâmica e converter os infiéis ao islamismo, os árabes levaram a cabo um complexo e longo processo de expansão do islamismo (El Fasi & Hrbek, 2010, p.67). A expansão do islamismo culminou com a instauração de um vasto império islâmico e ao mesmo tempo a introdução de uma Nova Ordem Mundial Islâmica (Franco, 2006, p.197). Durante esse longo processo, sobretudo até aos finais século XIII, o islão não só se expandiu pelo interior de África e da Ásia, mas também o Índico se tornou um “oceano islâmico” (Alpers, 2014, pp. 40-68).

Nesse contexto, os povos do Oceano Índico, sobretudo os da costa oriental africana, entraram numa importante rede comercial entre o Golfo Pérsico, o sul da Ásia e a costa oriental da Índia. Toda a costa oriental africana, particularmente desde Lamu (Quénia) a Moçambique, foi dominada pelos comerciantes árabes, persas e suahilis. Diferentemente de outras partes de África, na região oriental africana, a penetração do islão foi mais intensa na costa do que no interior, devido à intensidade dos contactos comerciais, casamentos entre árabes e suaílis (El Fasi & Hrbak, 2010, pp. 109-111).

Ao nível da costa oriental africana, no geral, e de Moçambique, em particular, o processo de islamização remonta ao século VII e o mesmo resultou essencialmente da expansão da cultura e religião ou globalização árabe.

A presença árabe em Moçambique, sobretudo em Sofala, foi descrita pelo Al-Masudi no século X d.C. Nessa altura, Sofala era um vasto território abrangendo toda a costa centro e norte de Moçambique, onde se desenvolvia a mineração e trocas comerciais entre árabes, persas indianos e os *mwemutapas* (Governo da Província de Sofala, 2019).

O norte de Moçambique, devido à sua localização geográfica e a regularidade dos contactos com comerciantes árabes e suahilis, não esteve à margem do processo de islamização. No período anterior à presença colonial portuguesa, os territórios que hoje correspondem às províncias de Cabo Delgado e Niassa, estavam literalmente dominadas pelos comerciantes muçulmanos árabes e suahilis.

Aliás, Albuquerque (1934) descreve que “por todo o litoral e também próximo do Niassa, encontravam-se muitos árabes de Zanzibar, mais ou menos cruzados com macuas. Os chefes eram todos mestiços árabes ou arabizados e seguiam o maometismo (...). A propaganda muçulmana era muito activa e sempre animada por emissários vindos de Meca” (pp. 27-28).

Na região costeira de Nampula floresceram vários reinos afro-islâmicos, dentre os quais se destacaram os xeicados de Sancul, Quitangonha e Sangage, e o sultanato de Angoche (Neves, 2013, p. 15). De forma geral, a situação do islão no norte de Moçambique comprova o ambiente de tolerância e coexistência das diferentes ordens sunitas, xiitas, wahabitas e ismaelitas (Neves, 2013, p. 8). De facto, ao longo da história de Moçambique, essas diferentes ordens religiosas, fundadas no islão, coexistiram pacificamente, até ao século XXI. No entanto, a onda de ataques terroristas em curso no norte de Moçambique, inspirada no islamismo jihadista, suscita uma série de questões.

Ao nível de Mocímboa da Praia, o processo de islamização tem os seus efeitos notabilizados, não só por meio da religião muçulmana, mas também através de algumas práticas da cultura árabe que prevalecem até hoje no seio das populações, como o casamento baseado na virgindade da mulher (*harussi*) e acompanhado por um ritual matrimonial típico (*outoba*); um conjunto de danças feitas por mulheres, dentre as quais o *tufo* e a *sanía*. Estas danças são exibidas nos dias festivos, no primeiro corte de cabelo de um bebé, casamentos e noivados. A poligamia é também um dos vestígios socioculturais da presença árabo-persa na costa; por outro lado, a gastronomia, por exemplo, os bolos *boco-boco* ou *akni*, *djelebe*, dentre vários aspectos que caracterizam o dia-a-dia da população costeira de Mocímboa da Praia, constitui um dos legados da influência árabe.

Ademais, Santos (2010, pp. 54-55) descreve que o território de Mocímboa da Praia, através dos Sheiks na zona costeira e raptos no interior, sobretudo os que actuavam no planalto dos Makondes e zonas adjacentes, integrou-se no circuito do comércio de

escravos, no contexto do tráfico negreiro que abrangeu o Norte de Moçambique, sendo que a Ilha do Ibo era o ponto de partida de escravos para vários destinos, como, por exemplo, as ilhas do Oceano Índico, América Central. Este processo contribuiu para a construção e consolidação da influência económica e política das elites locais, sobretudo os sheiks, até ao início da luta de libertação nacional.

Ao escalar o planalto, o principal alvo dos raptadores eram os makondes. Uma vez raptados, estes eram levados à zona costeira. Em alguns casos, embora poucos, os cativos makondes capturados para serem vendidos como escravos conseguiam fugir; esta fuga podia ocorrer durante o percurso entre a zona planáltica e costeira ou depois de chegar à costa e antes de rumar às ilhas do Índico ou às Américas. É nessa perspectiva que Santos (2010), pressupõe que alguma parte da actual população maconde que se encontra na zona costeira do distrito de Mocímboa resulta das fugas.

A Companhia do Niassa, que vigorou de 1893 a 1929, subdividia-se em conselhos (Ibo e Pemba) e circunscrições (Macomia, Mecúfi, Mocímboa da Praia, Montepuez, Mueda, Quissanga e Tungué, que hoje é Palma). Portanto, Mocímboa da Praia era uma das circunscrições do Distrito de Cabo Delgado (Reis, s.d., 147).

Durante esse período, sobretudo a partir de 1894, Mocímboa da Praia foi um dos três e importantes postos alfandegários, geograficamente localizado no meio, entre dois outros postos (Quissanga e Palma), estabelecidos pela administração da Companhia (Medeiros, 1997, p.141).

Nos finais da década 40 do século XX, o colono português, António Vieira, estabeleceu relações com as comunidades locais e os comerciantes árabes, persas e hindus ali instalados. À semelhança de António Vieira, posteriormente, seguiu-se a fixação de outros colonos portugueses e a fundação de três postos militares na circunscrição de Mocímboa, nomeadamente: Ungare, Lalama e Chai (MAE, 2005).

Até aos meados dos anos 60, Mocímboa da Praia era uma pequena e importante cidade portuária, habitada por comunidades africanas, europeias, asiáticas, sobretudo indianas, que desenvolviam um pequeno comércio; tinha um aeródromo, uma ponte-

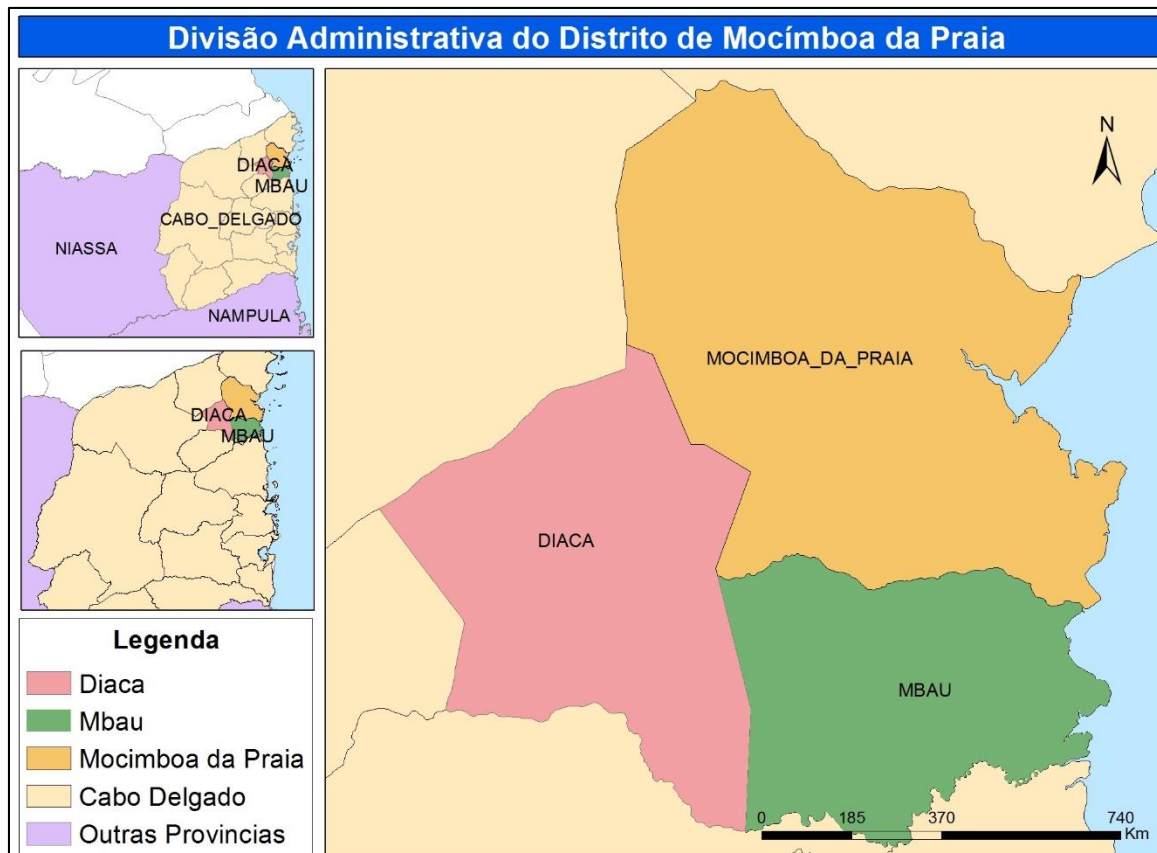
cais, armazéns portuários, algumas instalações militares e diversas ruas e habitações bem alinhadas (MICOA, 2012, p. 42). Nessa altura, de entre os vários produtos que eram comercializados em Mocímboa da Praia, destacavam-se a borracha, goma copal, amendoim, gergelim, madeiras e conchas (Ibid.).

Historicamente, a população de Mocímboa da Praia, sobretudo a da parte costeira, vive da pesca e do comércio. Maior parte dela professa a religião muçulmana e, devido a questões linguísticas e religiosas resultantes da influência árabe, tem fortes relações com os povos swahilis de Tanzânia.

### 4.3 Divisão administrativa

Mocímboa da Praia é dividido por três postos administrativos e sete localidades, compreendendo uma parte continental e outra insular (Manhiça, 2005; MICOA, 2012).

#### Mapas 2 - Divisão administrativa de Mocímboa da Praia





Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

O Posto-Sede ocupa o extremo norte e central e conta com as localidades de Mocímboa da Praia-Sede, Panga e Quelimane; o Posto Administrativo de Mbau ocupa o extremo sul e possui duas localidades: Mbau-Sede e Marere; o Posto Administrativo de Diaca, por sua vez, situa-se no extremo ocidental do distrito e possui igualmente duas localidades, a saber: Diaca-Sede e Nango. O Posto-sede assim como o de Mbau encontram-se banhados pelo Oceano Índico.

#### **4.4 Características físico-geográficas**

O distrito de Mocímboa da Praia apresenta um clima sub-húmido seco, cuja precipitação média mensal apresenta uma variação sazonal, com alternância entre período húmido (Dezembro a Abril) e período seco (Maio a Novembro). A média anual de precipitação e de temperatura é de 956mm e 25,4°C, respectivamente (MAE, 2005 e MICOA, 2012, p. 3). As variações térmicas e pluviométricas anuais no distrito de Mocímboa da Praia são significativas, sendo que grande parte do ano predomina temperaturas elevadas.

Mocímboa da Praia assenta-se em planícies costeiras com alturas inferiores a 25m, mas na transição para zonas interiores as cotas encontram-se entre 25 e 100m e apenas no interior é onde se encontram terrenos mais elevados, com altitude entre 500 e 1000 m (MICOA, 2012, p. 3). Portanto, o distrito de Mocímboa da Praia é maioritariamente de planícies e isso está associado ao facto de se encontrar junto à costa.

As planícies são dissecadas por alguns rios, podendo-se destacar o Messalo, Lubato, Ngudi, Lucoma, Quinhevo, Mpandagi, Njama e Muera.

Do ponto de vista geológico, no distrito ocorrem rochas do Quaternário e, por isso, os solos são maioritariamente arenosos. Contudo, na zona litoral, ocorrem solos argilosos de origem marinho-fluvial, dunas costeiras e areia de praia. Os recifes marinhos, corais e sedimentos ocorrem igualmente na costa do distrito (MICOA, 2012, p. 5).

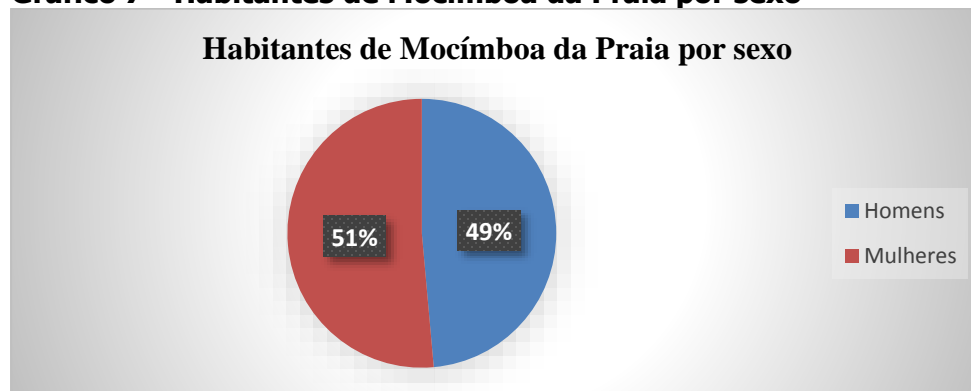
A vegetação é do tipo savana herbáceo-arbustivo e savana arbórea aberta, para além da flora e fauna marinha. Assim a flora do distrito é constituída por algas e ervas marinhas, mangais, vegetação dunar, terras cultivadas, savana aberta, capinzais em áreas pantanosas e florestas ribeirinhas (MAE, 2005, p.5). Estas características florestais contribuem para a abundância de espécies animais, entre mamíferos, aves, répteis e anfíbios.

Os principais recursos minerais de Mocímboa da Praia são o calcário, utilizado especialmente na indústria de construção. Outrossim, a região marinha ao largo do Distrito de Mocímboa da Praia foi concessionada para a prospecção de hidrocarbonetos, tendo sido feita a descoberta de gás natural em quantidades comerciais mais a norte do distrito, ao largo do Distrito de Palma. Foi igualmente encontrado o petróleo, porém em pequenas quantidades, não justificando a sua exploração comercial (MICOA, 2012, p. 5). Neste contexto, Mocímboa da Praia situa-se numa zona com riquezas minerais de grande valor económico.

#### 4.5 Características demográficas

O Distrito possui, com base no IV RGPH – Censo 2017, cerca de 127705 habitantes (equivalendo 5,6 % da população província), dos quais 62044 homens e 65661 mulheres. A densidade populacional é de 36,6 hab/Km<sup>2</sup>, o que está acima da média da Província, situada em 22.8 hab./Km<sup>2</sup> (INE, 2017).

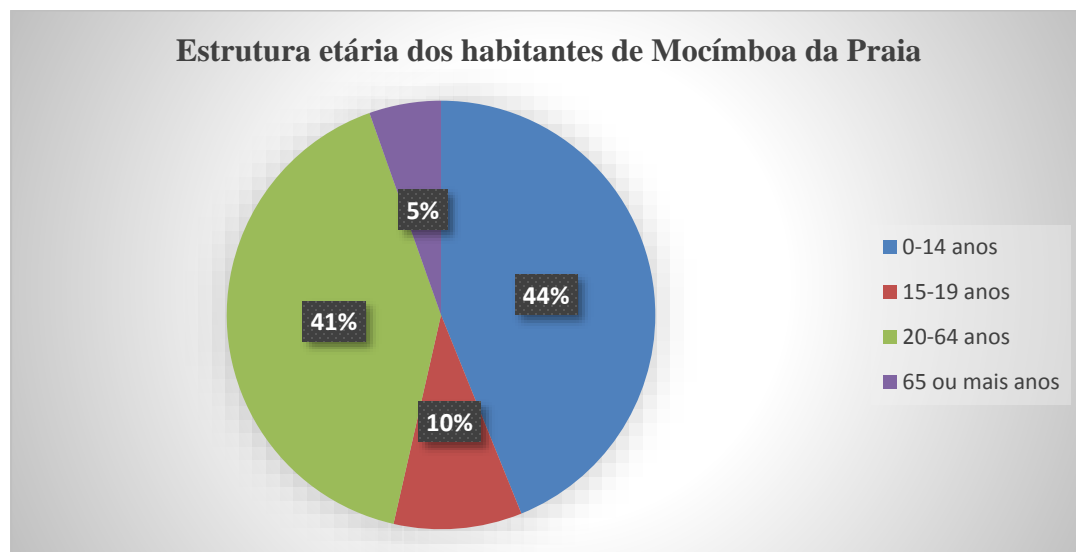
**Gráfico 7 - Habitantes de Mocímboa da Praia por sexo**



Fonte: Adaptado pelos autores, com base no Censo 2017.

Em termos etários, cerca de 44% dos habitantes de Mocímboa da Praia possui menos de 15 anos de idade, enquanto os restantes 56% distribui-se entre os jovens e adultos.

### Gráfico 8 - Estrutura etária dos habitantes de Mocímboa da Praia



Fonte: Adaptado pelos autores, com base no Censo 2017.

Nota-se que, exceptuando-se as crianças, um número significativo possui a considerada idade de trabalho (precoce, 15-24 anos; máxima, 25-54 anos; madura, 55-64 anos), perfazendo cerca de 51% (Index Mundi, 2020).

Todavia, devido aos ataques terroristas que se verificam principalmente em Mocimboa da Praia, o número de habitantes alterou bastante, pois muitas famílias deslocaram-se para zonas relativamente seguras.

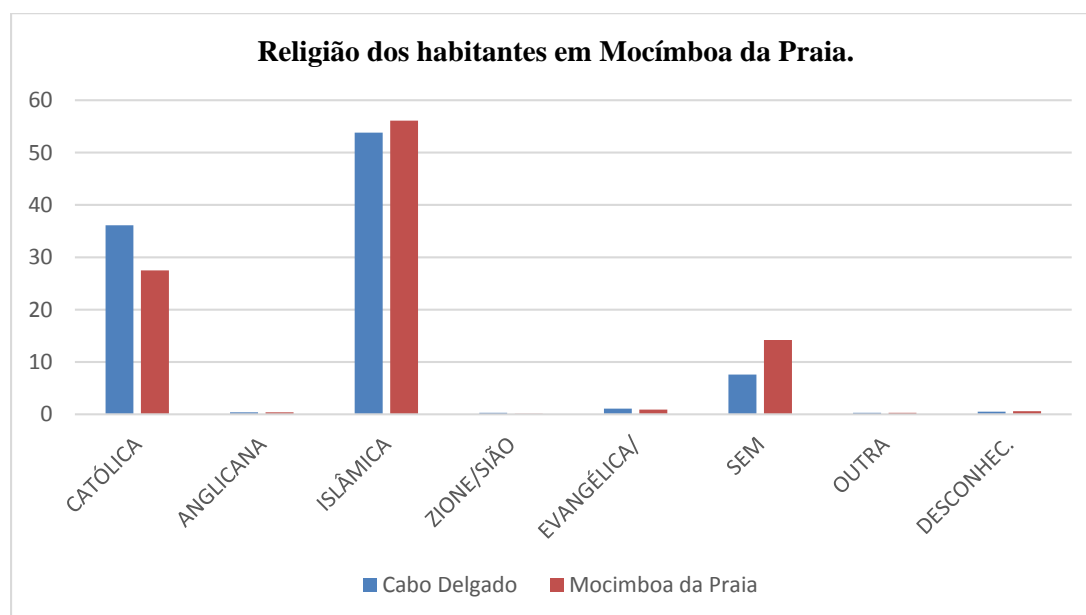
## 4.6 Aspectos culturais e etnolinguísticos

Como se referiu anteriormente, do ponto de vista politico-administrativo, o distrito de Mocímboa da Praia está subdividido em três postos administrativos: Diaca, Mbau e Mocímboa da Praia-Sede. Manhiça (2005, p. 25), descreve que cada um destes postos é maioritariamente dominado por grupos etnolinguísticos distintos. O Posto Administrativo de Diaca, localizado na parte norte-ocidental, é maioritariamente habitado e dominado pelos makondes; Mbau, situado na parte Sul do Distrito é dominado pelos makhuwas; e

o Posto Administrativo de Mocímboa da Praia-Sede, localizado na parte litoral, incluindo as suas localidades, Mocímboa da Praia e Quelimane, é dominado pelos muanis. Contudo, MICOA (2012, p. 33), considera que, apesar de existirem grupos etnolinguísticos makhuwa e yao, o Distrito de Mocímboa da Praia é dominado por makondes e muanis, os primeiros no interior e os últimos na parte costeira, sendo que os makhuwas e yaos (ou ajauas) representam grupos etnolinguísticos minoritários.

Em termos de religião, o distrito possui grande número de habitantes professando a religião islâmica, seguindo-se a religião católica e os sem religião.

### Gráfico 9 - Religião dos habitantes em Mocímboa da Praia



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do INE (2017)

O cenário de distribuição de habitantes por religião em Mocímboa da Praia é similar ao da província, embora neste último caso, a diferença entre crentes da religião islâmica e católica não seja maior como em Mocímboa da Praia.

Todavia, a organização básica do poder tradicional dos *muanis* é a tribo. Com a influência árabe, o representante máximo da tribo é o líder religioso. Este, além de ser líder religioso, também é, localmente, uma figura influente e muito respeitada do ponto de vista jurídico, político e económico. No período colonial, muitos desses líderes

tradicionais foram cooptados pelo sistema vigente para estar ao serviço do projecto colonial português.

#### 4.7 Características económicas e sociais

O distrito de Mocímboa da Praia é caracterizado por uma diversidade de aspectos étnico-culturais, sociais e económicos. Grande parte das habitações (84%) é de paus maticados, 10% de caniço, paus, bambu ou palmeira. Cerca 86% das casas são cobertas de capim, colmo ou palmeira. A taxa de analfabetismo (da população acima dos 15 anos que sabe ler/escrever) é de 47% (MICOA, 2012, p. 34).

Até 2010, o distrito da Mocímboa da Praia tinha apenas 49 escolas, das quais uma (1) secundária, leccionando de 8<sup>a</sup> a 12<sup>a</sup> classes; 4 unidades sanitárias, um hospital rural e 3 centros de saúde do tipo 2 (MISAU, 2011 apud MICOA, 2012).

#### Imagem 11 - Centro de Saúde (A), Hospital Rural em reabilitação (B)



Fonte: Governo do Distrito de Mocimboa da Praia (2019).

### Imagem 12 A e B - Salas de aulas



Fonte: Governo do Distrito de Mocimboa da Praia (2019).

Em termos de abastecimento de água, o distrito de Mocímboa da Praia tinha 205 fontes de água, entre furos mecânicos e fontenários. Deste número, 83 eram inoperacionais (MICOA, 2012). De facto, em Mocímboa da Praia, a questão de acesso à água é uma situação crítica que está muito longe de ser satisfeita; muitas comunidades ainda não têm acesso à água melhorada, como seja um poço coberto ou furo e, em muitos casos, os seus membros são sujeitos a caminhar cerca de 12 horas de tempo para chegar à fonte mais próxima (MAE, 2005).

O distrito está ligado à Rede Nacional de Energia (Cahora Bassa) e possui quatro bombas de abastecimento de combustíveis.

### Imagem 13 A e B - Abastecimento de água



Fonte: Governo do Distrito de Mocimboa da Praia (2019)



**Imagem 14 – Energia eléctrica (A) e posto de abastecimento de combustíveis (B).**



Fonte: Governo do Distrito de Mocimboa da Praia (2019).

Em termos de actividades económicas, a agricultura de sequeiro é a actividade dominante, particularmente para as populações do interior, e a pesca para os da costa. Trata-se de uma agricultura do sector familiar, através da qual as comunidades locais produzem tubérculos, como a mandioca, leguminosas com destaque ao feijão nhemba e amendoim; nas planícies aluvionares e estuarinas produzem os cereais, arroz, mapira e milho. Além disso, as populações de Mocímboa da Praia desenvolvem culturas de rendimentos, como o cajueiro e o coqueiro (MAE, 2005, p. 10).

A actividade pesqueira, que envolve as ilhas Muchanga, Quifuque, Mutondo e Madambula, é desenvolvida em moldes artesanais e o pescado serve para fins alimentares no seio das famílias dos pescadores, venda e troca com produtos agrícolas do interior, como milho, mapira, mandioca, arroz e feijão. A região costeira de Milamba é habitada maioritariamente por pescadores muanis, e é la onde se encontram as maiores oficinas de fabrico e reparação de barcos de madeira a nível do distrito. Curiosamente, a pesca não é exclusivamente uma actividade masculina, pois, nos períodos de maré baixa, as mulheres capturam peixe miúdo, camarão, caranguejo e polvo (Ibid., pp. 14-15).

### Imagem 15 - Actividade pesqueira



Fonte: Governo do distrito de Mocímboa da Praia (2019).

Localmente, em Mocímboa da Praia, as fábricas e oficinas de reparações dos barcos de madeira funcionam quase como operavam as corporações de ofício na Baixa Idade Media Europeia, onde, hierarquicamente, os mestres de ofício, oficiais ou companheiros e aprendizes desenvolviam um ofício trabalhando para um fim económico e social comum. Na parte costeira do distrito de Mocímboa da Praia, em Milamba, por exemplo, a indústria de fabrico e reparação de barcos funciona com uma hierarquia social semelhante, composta pelo Mestre (fundu), que é a pessoa especializada para a montagem do barco; o companheiro (calafate), que é o oficial ou assistente do mestre e ao mesmo tempo responsável pela cobertura das folgas deixadas pelo mestre durante o processo de montagem e os ajudantes ou aprendizes (*manwana funzi*), que ajudam quer ao mestre assim quer ao seu assistente ou companheiro.

A agro-pecuária é um sector muito restrito, as populações limitam-se à criação de animais de pequena espécie. As populações de Mocímboa da Praia também desenvolvem a carpintaria e o artesanato. Estas duas últimas actividades económicas,



enquanto meios de subsistência, complementam a agricultura e a pesca (Ibid., 2005, p. 12).

#### **4.8 Migrações, contactos, hetero-identidades e conflitos sociais**

Desde o período pré-colonial, as migrações das populações dos distritos do Norte da Província de Cabo Delgado para Tanzânia e vice-versa são normais e regulares, daí que Santos (2010), diz que as populações das duas margens do Rio Rovuma desenvolveram a cultura de atravessar a fronteira ao longo dos tempos. Naturalmente, essa cultura tem a ver com as ligações étnicas, culturais, económicas, históricas e sociais das populações das duas margens.

No passado colonial, quer fugindo de pagamento de imposto e de trabalho forçado, assim como buscando trabalho assalariado nas plantações ou procurando refúgio durante guerra colonial e a guerra civil, as populações de Mocímboa da Praia, Nangade e Palma migraram regularmente para a Tanzânia. Portanto, ao longo dos tempos, como descreve Santos (2010), as populações deste território desenvolveram a cultura de atravessar a fronteira, o Rio Rovuma, para vários fins.

Entre 2008 e 2009, devido à crise económica e instabilidade política na região oriental de África, muitos jovens de Congo, Somália, Tanzânia, Quênia e Uganda migraram para o Norte de Moçambique, à procura de melhores condições de vida. Devido ao facto destes imigrantes falarem a língua ki-swahili foram, localmente, rotulados de tanzanianos, independentemente da sua nacionalidade.

É nesta perspectiva que MICOA (2012, p. 33), diz que nos últimos anos Mocímboa da Praia tem sido ponto de passagem de imigrantes ilegais, que, através do Posto Fronteiriço de Namoto, em Palma, chegam a Mocímboa da Praia, através da Estrada Nacional R762. Muitos desses imigrantes provêm da região dos Grandes Lagos (Burundi e Congo) e do Corno de Africa (Somália e Etiópia). Há também relatos de entrada de imigrantes ilegais por via marítima vindos de Tanzânia, através de barcos à vela.

Este processo de imigração e instalação dos imigrantes das zonas de chegada, sobretudo no norte de Cabo Delgado, nem sempre resultou em boas relações com as comunidades locais. Em muitos casos, como descreve Santos (2010, p. 204), citando um residente local, os estrangeiros vêm a norte de Moçambique para trabalhar e melhorar as suas condições de vida, mas muitos deles desenvolvem actividades criminosas, dentre as quais roubos e assaltos. E, infelizmente, as práticas criminosas dos estrangeiros influenciam os jovens moçambicanos, geralmente desempregados.

Pelo facto de desenvolverem o comércio e prestarem serviços de condução e reparação de viaturas, muitos tanzanianos tornaram-se pessoas importantes, e ao mesmo tempo influentes, do ponto de vista económico e social, a nível local. Esta importância e influência económico-social levou, por um lado, a que a língua ki-swahili se tornasse relativamente mais forte que as línguas locais e, por outro lado, que se esvaziasse o poder das autoridades comunitárias locais, quer muanis assim quer makondes (Santos, 2010, p. 204). A ocupação de espaço, entre muanis e makondes, quer na cidade assim como no distrito, como um todo, é distinta e politizada; os muanis reivindicam a legitimidade de ocupar a terra porque são os donos, porque, historicamente, foram os primeiros a ocupar a terra, desde o período pré-colonial. Nesse período, quando ocuparam o território, o espaço ocupado passou a chamar-se de *va-Mwani* ou “terra dos muanis”, enquanto os makondes vinham do interior, ou melhor, do planalto dos makondes, para a “terra dos muanis” para fins comerciais e ficavam pouco tempo (Ibid., p. 213).

A forte ligação dos makondes com a Luta de Libertação, por via disso, a sua histórica lealdade a elite político-partidária da FRELIMO e os benefícios económicos e sociais dela resultante, através de participação em grandes projectos do capitalismo extractivista, faz com que sejam considerados, a todos os níveis (nacional e local), representantes de interesses capitalistas (Santos, 2020, p. 7). Associado a isso, tudo leva a crer que o sentimento do histórico conflito interétnico entre a população de Mocímboa da Praia e os makonde agudizou-se quando o Presidente Filipe Jacinto Nyusi “macondizou” o

Governo, sobretudo o aparelho de segurança do seu primeiro mandato presidencial dando, desse modo, enormes oportunidades de negócios aos makondes (Ibid., p. 9).

Devido a essas questões históricas, e relacionadas com a relação espaço-identidade, nota-se que a maior parte das famílias que ascendem dos muanis mais antigos ocupa as zonas mais antigas, geralmente mais próximas da praia, como, por exemplo, os bairros de Nanduadua e Milamba, enquanto bairros como Muengue e 30 de Junho são recentes, tem água canalizada e as casas apresentam características arquitectónicas diferentes, denotando melhores condições económicas e sociais dos seus habitantes maioritariamente makondes. Nota-se também que nas partes mais recentes da cidade as casas são mais grandes, estradas mais largas e rectas e os espaços mais infra-estruturados que nas partes mais velhas da cidade (Ibid.).

São essas questões históricas, espaciais e de identidade que perpassam constituem as linhas com que se coze a população do distrito de Mocímboa da Praia, enquanto uma sociedade multiétnica, diversa culturalmente e díspar em termos económicos e sociais. Ainda, segundo Santos (2010, pp. 217-218), a essas linhas é agregada a questão identidade religiosa, que localmente é muito forte entre os cristãos (makondes) e os muçulmanos (muanis). Por exemplo, as cerimónias fúnebres são autênticas montras, na medida em que são espaços em que a linha abissal que separa os makondes dos muanis é nítida e inquestionável.

Além disso, e tendo em conta a dimensão histórica colonial e pós-colonial, a identidade religiosa construída ao longo dos tempos tende, hoje, a influenciar a identidade política no sentido em que, politicamente, parte considerável dos makondes identifica-se como membros e simpatizantes do partido FRELIMO, enquanto grande parte dos muanis como do maior partido da oposição, a RENAMO. Portanto, a questão da identidade política é mais uma linha divisória.

Resumindo, a coexistência dos muanis com os makondes é caracterizada por quatro linhas abissais: a primeira tem a ver com a "linha da terra", onde os muanis se autoproclamam donos da terra e consideram os makondes como sendo vientes ou

invasores. A segunda é a “linha religiosa”, onde os muanis são maioritariamente da religião muçulmana convertidos pelos árabes, enquanto os makondes são cristãos católicos, devido ao processo de evangelização, levado a cabo pelas missões católicas. A terceira é a linha económico-social, segundo a qual os makondes são económica e socialmente mais favorecidos que os muanis; localmente crê-se que, pelo facto de os makondes estarem ligados ao partido no poder, têm mais oportunidades económicas e melhores condições de vida. A quarta e última linha divisória é a política. Esta seria o palco de contestação, manifestação política e ao mesmo tempo de queixas, por parte dos muanis, das acções de governação dos membros do partido FRELIMO.

Devido à ausência de mecanismos de reconciliação interétnica, estes factores têm reflexos multidimensionais nas relações entre muanis e makondes e a sua combinação faz com que Mocímboa da Praia seja sistematicamente um palco de fricções étnicas, religiosas e políticas. Geralmente, estas fricções são expressas na esfera político-partidária, onde os muanis contestam a governação que tem vindo a ser desenvolvida pelos governos da FRELIMO, desde a independência e, por via disso, queixam-se sistematicamente de falta de transparência no processo de gestão de recursos naturais, no funcionamento das instituições públicas e, sobretudo, nos processos eleitorais.

#### **4.9 Contestações e queixas da população**

Santos (2010) e Hanlon (2020), são unânimes em afirmar que Mocímboa da Praia tem uma forte história e memória de violência. Este processo de violência teve e continua a ter causas relacionadas historicamente com questões culturais, étnicas, económicas, religiosas e políticas. Com o transcorrer dos tempos, estes processos, quer no período colonial, incluindo o de luta de libertação, assim como no período pós-colonial, até aos tempos de hoje, dividiram os makondes e os muanis.

Nas últimas três décadas, sobretudo desde a introdução do multipartidarismo, a população de Mocímboa da Praia tem vindo a apresentar, de forma cada vez mais aberta e crescente, a sua insatisfação, contestação em relação aos processos de

governação e gestão de recursos naturais. Uma dessas formas é a simpatia com o partido da oposição. Por exemplo, muitos residentes de Mocímboa da Praia, durante o processo da campanha eleitoral, respeitante às últimas eleições municipais (2018), e gerais e multipardárias (2019) demonstraram a sua simpatia ao maior partido da oposição, a RENAMO. É neste campo político-partidário que se pode extrair as principais contestações e/ou queixas da população de Mocímboa da Praia em relação à governação da FRELIMO. E as mesmas podem constituir um terreno fértil de ocorrência de protestos com motivações político-partidárias. Aliás, devido a esse antagonismo político, a mistura com questões étnicas e religiosas, a população de Mocímboa da Praia, desde 2000, tem desencadeado várias formas de contestações e protestos pós-eleitorais.

Falando deste último aspecto, Hanlon (2020) e Santos (2010) descrevem, por exemplo, nas eleições municipais de 21 de Maio de 2005, as populações de Mocímboa da Praia, insatisfeitas com a forma como o processo eleitoral tinha sido conduzido e os resultados do mesmo, saíram à rua para protestar. Os protestos tiveram avultados danos humanos e materiais, 12 pessoas morreram, 47 ficaram feridas e 128 casas queimadas. Esta revolta, considera Santos (2010), foi a expressão, via política, de rivalidades de identidades e etnicidades, divisões religiosas e fossos económicos e sociais e gestão não transparente e não inclusiva das políticas locais e nacionais.

## **CAPÍTULO V - REVISÃO DE LITERATURA**

Este capítulo traz uma abordagem holística sobre o terrorismo. Em termos de estrutura, o capítulo, primeiro, apresenta o conceito terrorismo nas mais variadas acepções; segundo, traz um historial do terrorismo desde a antiguidade à contemporaneidade; terceiro, mostra as dinâmicas do terrorismo no mundo contemporâneo e na África contemporânea; quarto e último, aborda sobre o terrorismo em Moçambique.

### **5.1 Conceito de Terrorismo**

De acordo com a literatura disponível, o terrorismo tem mais de 2.100 anos de existência. Em termos etimológicos, a palavra *terrorismo* resulta da associação do termo do Latim *terrere* e o sufixo francês *isme*. *Terrere significa* “assustar” ou “tremor” e *isme* refere-se à prática. Nesta análise, terrorismo é visto como acto de criar pavor ou pânico.

O termo terrorismo foi criado durante a Revolução Francesa do Reinado do Terror (1793-1794) em que um grupo de rebeldes, os Jacobinos, o usou ao retratar auto-reflexivamente as suas acções. O Reinado do Terror foi uma campanha de violência em grande escala por parte do Estado francês; entre 16.000 e 40.000, pessoas foram mortas em pouco mais de um ano. Não é surpreendente, então, que a Convenção Nacional Francesa tenha proclamado em setembro de 1793 que “o terror está na ordem do dia”.

Maximilien Robespierre, um dos pioneiros da Revolução Francesa, declarou em 1794 que “o terror nada mais é do que justiça, pronta, severa, inflexível”. A primeira definição oficial de terrorismo em francês foi fornecida vários anos depois. Em 1798, os franceses lançaram o suplemento para o dicionário da Académie Française, uma instituição de elite erudita em francês sobre assuntos relacionados com a língua francesa. Neste suplemento, o termo foi explicado como “système, régime de la terreur” (ou seja, “governo do terror”).

Existem várias definições do termo terrorismo, não havendo uma definição completa e isenta de apreciação crítica. Várias individualidades ou grupos tentaram responder à questão “o que é terrorismo?” Para responder, recorreram à seguinte frase “um terrorista nos olhos de uma pessoa pode ser considerado um lutador pela liberdade da outra”. Por exemplo, o líder de Al-Qaeda, Osama bin Laden é considerado no mundo ocidental como terrorista e no mundo árabe é tido como alguém que luta pela justiça social e económica. Outros exemplos, no caso de Samora Machel, em Moçambique, e Nelson Mandela, na África do Sul, foram considerados Terroristas pelo governo colonialista, mas libertadores dos seus povos.

Autores como Schmid and Jongman (1988) reuniram mais de cem definições académicas e oficiais sobre o terrorismo e examinaram-nas para identificar as principais componentes, como a *violência*, que agrega 83,5% das definições; *objectivo político*, que agrega 65%; causando *pânico e terror* em 51%; arbitrariedade e segmentação indiscriminada em 21%; e a vitimização de civis, não combatentes, neutros ou forasteiros em 17,5%.

Dessas componentes, depreende-se que o terrorismo “é um método que inspira ansiedade, acção violenta repetida, empregada por indivíduos (semi-) clandestinos, grupos ou actores estatais, por razões idiossincráticas, criminais ou políticas, em que, em contraste com o assassinato, os alvos directos da violência não são os alvos principais. As vítimas humanas imediatas da violência geralmente são escolhidas aleatoriamente (alvos de oportunidade) ou selectivamente (representativos ou alvos simbólicos) de uma população-alvo e servem como geradores de mensagens” (Schmid & Jongman, 1988).

Numa outra perspectiva, Weinberg e Eubank (2006, p. 3) ressaltaram que a publicidade e a psicologia estão no cerne do terrorismo. Com base nestes autores, o terrorismo é um tipo de violência com motivação política em que a publicidade, o envio da mensagem desempenha um papel crucial.

Merari (1993) descobriu que, nos EUA, na Grã-Bretanha e na Alemanha, há três elementos comuns que existem nas definições de terrorismo desses países: (1) o uso de violência, (2) objectivos políticos e (3) o objectivo de propagar pavor em uma população-alvo.

Alexander (1976) defendeu que terrorismo é o uso de violência contra alvos civis aleatórios, a fim de intimidar ou criar pavor generalizado para alcançar objectivos políticos. Em contraste com a definição proposta por Alexander, o Departamento de Defesa dos EUA apresenta uma definição um pouco mais extensiva, segundo a qual o terrorismo é "o calculado uso de violência ilegal ou ameaça de violência ilegal para inculcar o medo/temor, com intenção de coagir ou intimidar governos ou sociedades na busca de objectivos que geralmente são político, religioso ou ideológico."

A última definição está mais próxima do conceito de terrorismo universalmente mais aceite, que é o seguinte: terrorismo é o uso de violência para criar pavor (i.e, terror, medo psíquico) por razões (1) políticas, (2) religiosas ou (3) ideológicas. O terror é intencionalmente dirigido a alvos não combatentes, tais como civis ou símbolos icónicos, e o objectivo é alcançar o maior número de publicidade acessível para um grupo, causa ou indivíduo.

O terrorismo é também uma guerra assimétrica. Guerra assimétrica refere-se ao uso de violência aleatória / imprevisível por um grupo fraco (ou seja, com uma força menor) contra um poder mais forte (ou seja, militar, governo ou mesmo a sociedade em geral) para obter vantagem. A guerra assimétrica é travada entre lados totalmente desiguais. A força menos poderosa não ataca a força mais poderosa sob as regras convencionais de guerra, porque pode não vencer seguindo essas táticas. Esta relação tem um valor substancialmente político, ou seja, faz com que o mais forte denomine ao mais fraco de terrorista e o inverso não sucede, refere Siteo (2019, p. 4), tal como aconteceu no período de lutas de libertação dos países africanos. Este assunto vai ser desenvolvido nos itens que se seguem.



Portanto, a definição de terrorismo é socialmente construída, depende tanto de quem define. Vários grupos tentaram definir de acordo com os seus objectivos e características. Na sessão seguinte, far-se-á a distinção entre o terrorismo e a insurgência, para, mais tarde, se descrever o grupo que opera em Cabo Delgado, avaliando-se o seu *modus operandi*, que os pode caracterizar como terroristas ou insurgentes.

## 5.2 Terrorismo e Insurgência

A insurgência é uma luta político-militar prolongada, movida para subverter ou pôr em causa a legitimidade de um governo constituído, através da ocupação do poder e controlo total ou parcial dos recursos de um território, por meio do uso de forças militares irregulares e políticas ilegais de organizações<sup>2</sup>. O denominador comum para a maioria dos grupos insurgentes é seu objectivo de obter o controlo de uma população ou de um determinado território, incluindo seus recursos. Como ocorre, por exemplo, com o grupo que opera em Mocímboa da Praia.

Os grupos insurgentes costumam perseguir alguns objectivos comuns para enfraquecer a legitimidade do governo e reforçar sua própria posição no seio da população, ou seja, os insurgentes procuram:

- Reduzir a capacidade do governo de fornecer à população segurança e serviços públicos, educação e justiça. Um grupo insurgente pode tentar suplantar o governo por fornecer serviços alternativos às pessoas, ou pode-se contentar com retratar o governo como impotente;
- Obter o apoio activo ou passivo da população. Nem todo o suporte tem que ser - ou provavelmente será - conquistado por verdadeiros simpatizantes; o medo e a intimidação pode resultar na aquiescência de muitas pessoas;

---

<sup>2</sup> *Guide to the Analysis of Insurgency* (2012), publicado pelo governo de EUA.

- Levar o governo a cometer abusos que levem civis neutros para os insurgentes e solidificar a lealdade dos apoiantes dos insurgentes;
- Minar o apoio internacional ao governo e, se possível, obter reconhecimento internacional ou assistência para a insurgência.

A insurgência é principalmente uma competição política pela legitimidade, mas o violento aspecto da luta na maioria das vezes alerta os observadores para a existência da insurgência. A guerra insurgente é caracterizada pela falta de linhas de frente, batalhas sequenciadas ou campanhas; uma estratégia prolongada, muitas vezes durando mais de uma década; e táticas militares não convencionais, incluindo guerrilha, guerra, terrorismo ou limpeza étnica. A distinção entre civis e os combatentes fica confusa na insurgência, muitas vezes resultando em proporcionalmente mais baixas de civis do que as sofridas em conflitos convencionais.

### **5.2.1 Tipos comuns de insurgentes**

Os objectivos de uma insurgência geralmente se enquadram em cinco categorias:

- Insurgências revolucionárias - buscam substituir a ordem política existente com um sistema totalmente diferente, muitas vezes implicando na transformação de estruturas económicas e sociais;
- As insurgências reformistas - não visam mudar a ordem política existente, mas, em vez disso, procuram obrigar o governo a alterar suas políticas ou empreender reformas políticas, económicas ou sociais;
- Insurgências separatistas - buscam independência para uma região específica. Em alguns casos, a região em questão ultrapassa as fronteiras nacionais existentes;
- As insurgências de resistência - procuram obrigar uma potência ocupante a retirar-se de um determinado território;

- As insurgências comercialistas - são motivadas pela aquisição de riqueza ou recursos materiais; o poder político é simplesmente uma ferramenta para aproveitar e controlar o acesso à riqueza;
- Insurgências politicamente organizadas - desenvolvem uma estrutura política complexa, antes ou ao mesmo tempo, elas começam a realizar operações militares contra o governo. Esses grupos enfatizam a consolidação do controle de território, através do uso de governos paralelos, em vez de por meio do poder militar. O componente militar da organização politicamente.

Portanto, os ataques que ocorrem em Mocímboa da Praia, que desalojaram toda a população, confundem-se, por um lado, com os ataques de insurgentes, tendo em consideração as características do termo e aquilo que acontece no terreno, sobretudo a ausência de objetivos do grupo, e, por outro, com ataques de movimento terrorista, devido aos seus *modus operandi*.

### **5.2.2 O Extremismo Religioso**

O sentido de extremismo, do ponto de vista do Shareeah, é pouco conhecido. A grande maioria é influenciada pelo entendimento cristão (que é fundamentalismo) e o entendimento secularista (que é radicalismo).

O Extremismo islâmico é desvio de normas e princípios islâmicos originados pela falta de entendimento do alcorão ou ensinamentos proféticos, ou simplesmente pela interpretação errónea do alcorão. Por exemplo, os extremistas, baseando-se no primeiro versículo revelado para o Maomé, concluíram de forma errónea que os seus filhos não podem frequentar estudos seculares salvo a religião. Dadas as suas características, o grupo de Al-Shabaab de Mocímboa da Praia pode ser considerado de extremista. Esta análise associa-se à abordagem, segundo a qual:

Islão é religião de paz e segurança. O exemplo ilustrativo do Islão consta no Alcorão em três versículos em que Deus menciona o

nome de Islão<sup>3</sup>. A palavra Islão deriva da palavra Árabe *salama* ou *salima*. Isto significa segurança, paz e protecção. Segundo a literatura islâmica<sup>4</sup>, o islão não obriga ninguém a aceitar o islão, a partir desta ideia nota-se que o uso da violência está contra os princípios islâmicos; no entanto, há grupos que se desviam de tais princípios, como é o caso do grupo que opera em Cabo Delgado, que opera de modo extremista.

Neste sentido, o extremismo não é associável a nenhum sentido do termo Islão, quer lexical, quer literal. A seguir, discutem-se os conceitos de fundamentalismo e radicalismo islâmico, com enfoque no grupo extremista que opera em Cabo Delgado.

### 5.2.3 Fundamentalismo e Radicalismo Islâmico

O conceito de fundamentalismo sofreu transformações ao longo do tempo e é dependente da perspectiva e de orientação do investigador. Fundamentalismo teve origem dentro do protestantismo norte-americano no começo do século XX, quando se determinou pelos protestantes que a fé cristã exigia acreditar no que foi escrito na Bíblia na sua totalidade. Hoje em dia, o termo é usado para designar outros movimentos parecidos em outras religiões, por exemplo, o fundamentalismo islâmico.

A origem do fundamentalismo islâmico é atribuída a escolas de jurisprudência ortodoxas (*madh'hab*), com destaque para o *hanbalismo* de Ahmad Ibn Hanbal, entre os séculos VIII e IX (780-855), que desenvolve uma interpretação deveras rigorosa da lei islâmica, influenciando Ibn Taimiyya no século XIV, e pouco mais tarde Ibn Taimiyya inspirou os *wahhabitas* (Demant, 2013, p. 48). Muhammad ibn Abdal Wahhab (1703-1782) no século XVIII começou a pregar a estrita obediência ao alcorão e ao *hadith*<sup>5</sup>, assemelhando-se aos seguidores de Ahmad ibn Hanbal, e a rejeição de práticas ou interpretação inovadoras ilegítimas. No século XIX, surge o *salafismo* como resposta à

---

<sup>3</sup> Deus diz: “Para Deus a religião é o islam.” [Alcorão, 3:19]; “Hoje, completei a religião para vós, tenho-vos agraciado generosamente, e vos aponto Islam por religião” [Alcorão, 5:3]; E “Ele vos denominou muçulmanos, antes deste e neste (Alcorão), para que o Mensageiro seja testemunha vossa, e para que sejais testemunhas dos humanos” [Alcorão, 22:27].

<sup>4</sup> Alcorão.

<sup>5</sup> Hadith: é interpretado como dito ou acção do profeta Maomé, ou simplesmente algo que ele viu ser feito em vida sem mostrar rejeição ou desdém.

influência europeia no mundo islâmico, linha de pensamento que advoga adesão e observância rigorosa, literal, à doutrina islâmica.

Os autores usam um termo diferente para identificar o mesmo conceito, a este termo atribui-se-lhe o nome de radicalismo islâmico. Segundo Etienne (1987, p. 168), os fundamentalistas islâmicos advogam o uso da *sharia* "A Lei Islâmica" como único fundamento de organização da sociedade. A perspectiva do fundamentalismo é a do estado teocrático que pressupõe a imposição profunda da *sharia* a uma sociedade secularizada e a oposição a um estado democrático e laico (ver Philipini, 2016).

Em 1982 surge no Egipto a Irmandade Muçulmana egípcia (Jamiatul-Ikhwanal-Muslimun). Esta sociedade tinha o objectivo de libertar a nação islâmica do controle dos infiéis ou descrentes (*Kafir*) e estabelecer um Estado Islâmico Unificado, cujas figuras proeminentes foram Hassan al'Banna e Sayyd Qutb. Há, portanto, cinco pontos que marcam fundamentalismo emergente na ideologia islamita de Sayyd Qutb, a saber: primeiro, *antiapologia*, uma ideia centralista no islão ou seja, o islão é suficiente a si mesmo, restringindo-se apenas em fontes internas e não precisando harmonização com outras ideologias; segundo, o *antiocidentalismo*, que significa rejeitar os valores de cultura ocidental e até contra-atacar as suas influências no mundo islâmico; terceiro, o *literalismo*, este pressupõe que o texto sagrado deve ser entendido tal como está escrito, sem abrandamento de seus conteúdos normativos; quarto, a *politização*, isto é, formação de um estado islâmico cuja constituição é o próprio Alcorão, base de toda a legislação, tendo como governante um muçulmano devoto e autêntico; e quinto, o *universalismo*, quer dizer, o Islão aspira a revirar todos os lugares até o "jihad" islamizar o mundo inteiro (Demant, 2004, pp. 204-210).

Desta forma, o radicalismo islâmico entende-se, segundo Philipini (2016), como um movimento expressivo do século XX e de resistência violenta ao modelo de civilização ocidental, aspirando um mundo governado sobre os preceitos da "Sharia". Através destas abordagens, depreende-se que os termos radicalismo e fundamentalismo são usados de forma sinónima.

#### **5.2.4 Tipos de Terrorismo**

O terrorismo pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer altura. O terrorismo pode ser cometido por um indivíduo ou um grupo, cujos objectivos variam entre religiosos e políticos ou nacionais. E pode ser classificado em terrorismo internacional vs terrorismo doméstico.

O terrorismo doméstico é praticado por nacionais no seu território, enquanto o terrorismo internacional é praticado por grupos ou indivíduos de diferentes países, como, por exemplo, o ataque de 11 de Setembro de 2001, em que dois aviões sequestrados colidem com as torres gémeas do *World Trade Center*. Logo depois, o Pentágono é atingido por um terceiro avião sequestrado. Um quarto avião sequestrado suspeito de ser destinado a um alvo de alto perfil em Washington, D.C., bate em um campo no sul da Pensilvânia. Os ataques matam 3.025 cidadãos americanos e outras nacionalidades.

Como exemplo de terrorismo doméstico, pode-se citar um ataque que ocorreu numa manhã, pelas 10:34, em 19 de Abril de 1995, quando um policial de Oklahoma, Charlie Hanger, estava a patrulhar na Interstadual 35 e parou um Mercury Marquis verde-limão em alta velocidade, para o norte, em direcção à fronteira do estado. Não só o motorista estava a violar o limite de velocidade, mas seu carro também não tinha placa. Pior ainda, o motorista tinha uma pistola semiautomática Glock, carregada em um coldre por cima do ombro.

Sem perder tempo ou correr riscos, Oficial Hanger imediatamente levou o motorista sob custódia, um homem de 27 anos, chamado Timothy McVeigh, um dos terroristas responsáveis pelo bombardeiro do Edifício Federal de Alfred P. Murrah na cidade de Oklahoma. Os explosivos que McVeigh e seu companheiro plantaram em um camião alugado derrubou o prédio de nove andares, tirando a vida a 168 pessoas inocentes, incluindo 19 crianças. Ao longo da história, indivíduos desesperados, como Timothy McVeigh, recorrem ao terrorismo como estratégia para alcançar seus objectivos políticos ou pessoais. Terrorismo foi usado, não apenas pelos fracos e marginalizados

para derrubar regimes políticos impopulares e provocam mudanças sociais, mas também pelos fortes, ricos e poderosos, com o propósito de manter sua posição de vantagem na sociedade.

### **5.3 Breve Historial do Terrorismo**

De acordo com a literatura, é difícil datar o surgimento das primeiras acções terroristas como hoje entendemos. O que se sabe é que o recurso ao emprego do terrorismo, no sentido de causar pavor e medo, não é algo novo. Enquanto fenómeno, ele teria origens desde a evolução das primeiras civilizações ligados, sobretudo os movimentos de luta pelo poder, dos oprimidos ou injustiçados contra os regimes, de aparelhos coercivos do Estado, que recorrem a ele como instrumento de intimidação, bem como lutas inter-religiosas.

Quanto às primeiras manifestações, a história regista entre os séculos I a. C e II, no Médio Oriente, na altura em que o Reino de Israel esteve sob domínio do império Romano, notabilizou-se a revolta dos zelotes, que tentavam proteger a tradição judaica, e do seu setor mais radical, os sicários, que assassinavam tanto autoridades romanas como hebreus que colaboravam com a ocupação romana. Os zelotes eram uma das quatro seitas “filosóficas” da Judéia e a mais popular entre a geração mais jovem. Estes atacavam outros judeus que consideravam insuficientemente escrupulosos em sua piedade, tomando o terror como um instrumento. Como organização política, eles procuraram conquistar a independência de seu país. Aqui os objetivos religiosos eram indissociáveis de objetivos políticos (Chaliand & Blin, 2007).

Na época medieval, ainda no Médio Oriente, entre Palestina, Síria e Egito, nos séculos XI e XIII), um movimento denominado “os assassinos”, liderado pelo Velho da Montanha, Hassan ibn Sabbah, um muçulmano ismaelita ordenava assassinatos contra sunitas e cristãos. As lutas religiosas prefiguram um campo ideológico para o domínio do poder político dentro dessas civilizações. Nesse sentido, os assassinos, como referem Chaliand e Blin (2007), prefiguram em um grau notável a dinâmica da maioria dos

movimentos que recorreram a táticas terroristas ao longo dos séculos, ligados à história das grandes religiões monoteístas, nomeadamente judaísmo, cristianismo e islamismo. Estas duas últimas consideradas universalistas, pretendiam expandir as suas ideologias, recorrendo a lutas sangrentas. Nessas lutas, os assassinos respeitavam aqueles que aceitavam seus dogmas e excluía todos aqueles que não seguiam as doutrinas.

Na segunda metade do século XVIII, dois eventos marcaram na história de acções terroristas, o primeiro, em 1763 Thugs, seita de ladrões e assassinos indianos atacaram as autoridades britânicas e viajantes indianos endinheirados no período em que a Índia esteve sob o domínio do império Britânico. No segundo período da Revolução Francesa, aparece pela primeira vez a palavra terrorismo nas investigações académicas, no escrito *Letters on a Regicide Peace* ou simplesmente "Cartas sobre uma paz regicida", do filósofo irlandês Edmund Burke. Nesse escrito, Burke criticava o período da "Revolução Francesa" conhecido como "Terror", ou seja, o período em que os jacobinos estiveram no poder, de 1792 a 1794. Burke classificava como "terroristas" as perseguições e sentenças de morte na guilhotina levadas a cabo pelos jacobinos liderados por Robespierre e Saint Just para esmagar a contra-revolução 17 mil guilhotinados e 300 mil detidos ou aprisionados<sup>6</sup>.

Desde 1789, período da Revolução Francesa, o termo "terrorismo" passou a se disseminar por outros países e a ser empregue em outras situações, como a *guerrilha*, ou *guerra irregular*, tal como ocorreu na Espanha no início do século XIX, quando a Península Ibérica foi invadida pelas tropas napoleônicas. A resistência espanhola a Napoleão fez-se de forma não sistemática, isto é, sem recursos e estratégias militares convencionais, incluindo emboscadas, ataques com armas improvisadas, sabotagens, sequestros, etc.

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/as-origens-do-terrorismo-na-historia,a3d842ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. acessado no dia 26/12/2020.



Nos finais do século XIX, noutros países e em outras ideologias, o termo foi apelidado de terrorismo revolucionário e terrorismo nacionalista separatista. Foi comum em algumas regiões da Europa a ação terrorista de indivíduos ligados à ideologia anarquista, no caso do francês *François Claudius Köenigstein*, conhecido como *Ravachol*, que explodiu uma bomba na casa do promotor público da França, *M. Bulot*, em 27 de março de 1892<sup>7</sup>.

De modo semelhante, muitos grupos comunistas da transição do século XIX para o XX, sobretudo os “bolcheviques”, que faziam a Revolução na Rússia, em 1917, valeram-se de métodos de guerrilha e terrorismo. Nas décadas que se seguiram, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, muitos focos revolucionários comunistas que se valiam dos mesmos métodos apareceram, entre eles, as *FARC-EP*, na Colômbia, a *Fração do Exército Vermelho*, na Alemanha, e a *ALN* (Ação Libertadora Nacional), no Brasil.

Já no século XX, houve a variação nacionalista e separatista do terrorismo. Um caso emblemático foi o do grupo sérvio *Mão Negra*, cujo membro, Gravilo Princip, assassinou o arquiduque do Império Austro-húngaro, *Francisco Ferdinando*, em 1914, facto que acabou por desencadear a Primeira Guerra Mundial.

Outro facto considerado acto terrorista foi protagonizado pela Alemanha nazista (entre 1933 e 1945), o terror pardo (cor da camisa dos militantes da SA nazista) foi desencadeado contra comunistas, judeus, ciganos etc, como parte da política de exclusivismo genético e ideológico do Partido Nazista liderado por Adolf Hitler, onde foram mais de 6 milhões de mortos, a maioria em campo de extermínio ou por fuzilamento<sup>8</sup>.

Compõem outros grupos de terrorismo o *IRA* (Exército Republicano Irlandês), que lutava pela independência contra os irlandeses protestantes, apoiados pela Grã-Bretanha em 1960, na Irlanda, e *ETA* (Pátria Basca e Liberdade), na Espanha, no

---

<sup>7</sup> <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/terrorismo.htm>. Acessado no dia 25/12/2020.

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/as-origens-do-terrorismo-na-historia,a3d842ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. acessado no dia 26/12/2020.

período da ditadura de Franco, com objetivo de atingir a independência dos países bascos espanhóis, respectivamente.

No mesmo período, foram consideradas terroristas as resistências anticoloniais e movimentos nacionalistas que lutavam pela independência em África, como é o caso da Argélia, durante o domínio do império Francês. A FLNA (Frente de Libertação Nacional da Argélia) enfrentava as tropas colônias francesas com guerrilha como organizava atentados a bomba em Paris, tentando atingir a independência nacional perdida em 1831, tendo cessado o terror com a independência, em 1962. Na África oriental sob domínio do colonialismo britânico, o Movimento Mau-Mau no Quênia lutava contra os britânicos. E na África Austral a Frente de Libertação de Angola e de Moçambique lutavam contra as tropas coloniais portuguesas. Ambos cessaram os atentados e ataques com a obtenção da independência, em 1975.

Portanto, as organizações terroristas têm normalmente objectivos e motivações muito precisos, estando presentes reivindicações políticas, sociais e nacionais, confinando, normalmente, as suas actividades num determinado território ou país e os seus membros são normalmente recrutados num grupo populacional delimitado, em função das causas específicas do grupo, sejam ideológicas religiosas ou nacionais (Tomé, 2004, p.176).

O caso particular do *terrorismo islâmico*, que tem vindo a ser abordado em várias investigações académicas, é um pouco mais complexo de tratá-lo. Isso porque houve, e ainda há, grupos que estão mais próximos do terrorismo nacionalista do que propriamente do terrorismo com fundamentação tipicamente religiosa. E passou a ser estudado enquanto um fenómeno específico e não apenas como uma forma de violência política, como exemplo, a *OLP* (Organização para Libertação da Palestina) e seus derivados: *Frente Popular para Libertação da Palestina e Setembro Negro*, na segunda metade do século XX.

Oito membros desta última organização palestina Setembro Negro invadiram o dormitório da delegação israelense nos Jogos Olímpicos de Munique, fazendo onze

atletas reféns. O grupo exigia a libertação de mais de 230 palestinos, presos em Israel, e de diversos membros da Facção do Exército Vermelho, presos na Alemanha Ocidental, o que se deveu à resistência, à época, de uma importante ligação entre os movimentos de libertação existentes na Palestina e grupos de esquerda como o Baader-Meinhof. Quando a polícia alemã tentou um resgate forçado, resultou na morte de todos os atletas israelenses, bem como de cinco dos palestinos e de um policial (Oliveira, 2019).

Portanto, ao longo da década de 1970, como refere Oliveira, o debate acerca de sequestros, uso de bombas e de reféns, que estava centrado nas discussões sobre insurgência, passou a se estruturar em torno do conceito de terrorismo. Em função disso, os estudos sobre terrorismo herdaram as características principais dos estudos sobre insurgência, o que parece bastante evidente, especialmente se considerarmos que o termo “terrorismo” (e mais frequentemente ainda o termo “terror”), era usado de forma recorrente na literatura sobre contra insurgência, sendo tratado, todavia, como uma tática ou ferramenta utilizada para atingir um determinado fim; tratava-se, portanto, apenas de um estágio pontual em um processo mais amplo de insurgência ou revolução, e não de uma característica definidora da identidade de um indivíduo ou de um grupo de atores específicos.

Ao longo da década de 1980, o terrorismo estabeleceu-se como um assunto de grande relevância internacional, sobretudo para a política dos EUA. O tema, que já havia sido alvo de intensos debates nas eleições que levaram Ronald Reagan ao poder, ganhou ainda mais importância por conta do contexto – de Guerra Fria – em que se inseria, especialmente quando o então Secretário de Estado, Alexander Haig, em sua primeira conferência de imprensa oficial, acusou a União Soviética de treinar, financiar e equipar o terrorismo internacional (Woodward, 1987).

Nesse sentido, o terrorismo internacional passou a ser tratado, pelos EUA, a partir de uma “lógica de guerra”, inserindo-se em uma dinâmica de retaliação, em que eventos considerados como ataques terroristas eram respondidos com ações militares. A

literatura aponta dois exemplos mais claros da aplicação dessa lógica de retaliação militar ao terrorismo. Primeiro, o bombardeio americano à Líbia, em 1986, denominada Operação *El Dorado Canyon*, que contou com a participação da Força Aérea, da Marinha e dos Fuzileiros Navais dos EUA. O referido ataque, foi uma resposta à explosão de uma bomba em uma discoteca em Berlim naquele ano o que, de acordo com o governo dos EUA, teria sido financiado pelo governo de Muammar Kadafi, que foi responsável pela morte de dois soldados americanos. O segundo exemplo foi um bombardeio realizado no Iraque, em 1993, no qual um centro de inteligência iraquiano foi destruído como retaliação pela suposta elaboração de planos para um atentado contra o então ex-presidente, George H. W. Bush (Oliveira, 2019).

No fim do século XX e princípios do século XXI, ou seja, no mundo contemporâneo, surgiram os grupos terroristas no Oriente Médio que realmente fundamentam suas ações em premissas religiosas do Islão, como a *jihad* (combate espiritual, guerra santa) e a *sharia* (lei islâmica derivada do Alcorão). Esses grupos têm por alvo todos aqueles que não se ajustam à interpretação que eles dão a essas premissas religiosas. Os grupos mais impactantes que representam essa diretriz são a Al-Qaeda e o Estado Islâmico que a seguir nos iremos ocupar, grupos estes que são considerados e enquadrados no novo tipo de terrorismo.

#### **5.4 Terrorismo no Mundo Contemporâneo**

Na época contemporânea, vincula-se um novo tipo de terrorismo, que se distingue por seu alcance operacional. Enquanto os grupos tradicionais teriam uma orientação geográfica territorial, restringindo sua atuação à sua região de origem, o novo terrorismo seria amplamente transnacional não só em sua atuação, mas também em sua orientação (Pillar, 2001).

Tal significa que, o novo terrorismo teria deixado de ser um instrumento subnacional de mudança política, passando a ser um instrumento cujos métodos geralmente transcenderiam as fronteiras nacionais possuindo, desta forma, uma agenda geográfica

muito mais ampla, associada a uma ideia de revisão do *status quo* global e ao estabelecimento de uma nova ordem mundial de cariz religiosa. Nesse sentido, o “novo terrorismo seria mais do que uma ameaça para estados individualmente, e representaria um desafio para o sistema internacional como um todo” (Oliveira, 2019).

De acordo com Rapoport (2002, p. 8), a abordagem de um novo tipo de terrorismo ganhou forma ao longo da década de 1990 e robusteceu-se de certa maneira a partir dos atentados de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos. Este acto enquadra-se na quarta onda de terrorismo, cujo autor denomina *onda religiosa*. Outras ondas entre a primeira e a terceira o autor chamou de *anarquista* (que teve início no final do século XIX), *anticolonial* (que teve início a partir do Tratado de Paz de Versalhes, assinado em junho de 1919) e onda da *Nova Esquerda* (que teria tido como elemento motivador a Guerra do Vietnã, especialmente a partir do sucesso dos *vietcongs* contra os EUA 1954-1975), respectivamente.

Os principais eventos que caracterizam a onda religiosa são nomeadamente a Revolução Iraniana e a resistência afegã à invasão soviética, ambos em 1979, que teriam demonstrado que a componente religiosa passaria a ter, na época, mais apelo político do que o *ethos* revolucionário precedente. Os grupos terroristas faziam passar a sua mensagem através de sequestros e assassinatos, mas houve também um aumento expressivo nos ataques massivos a instalações militares e governamentais, sobretudo das potências ocidentais, nomeadamente os EUA – e também uma “inovação” nas suas acções, o uso de atentados suicidas. No entanto, a quarta onda marcou a consolidação de um dos mais importantes grupos terroristas da história da humanidade, a *Al Qaeda*, constituído maioritariamente por muçulmanos sunitas (Rapoport, 2002).

Apesar da crítica feita ao Rapoport sobre o terrorismo do novo tipo, que não há nada de realmente novo no que diz respeito ao uso da violência por grupos fundamentalistas religiosos, porque constitui uma característica cíclica a motivações anteriores. E a considerar-se nesse sentido, que a religião não é a principal causa, embora seja frequentemente utilizada pelas organizações terroristas como uma ferramenta para

recrutamento e em outros esforços ao serviço do objetivo estratégico mais amplo. A nossa abordagem enquadra-se no terrorismo da quarta onda. Porque deve-se levar em consideração que o terrorismo se apresenta, amplamente, como um problema político, calcado em desigualdades sociais e económicas de desenvolvimento, em que se instrumentaliza a religião, como sucede com o grupo terrorista que opera em Mocimboa da Praia.

A esse respeito, Crenshaw salienta que, apesar do aspecto religioso servir como grande catalisador do terrorismo contemporâneo e de ter grande importância na atração de adeptos, a religião é apenas uma justificativa ideológica para legitimar a violência empreendida pelos grupos em questão, os quais possuem, na verdade, objetivos que são primariamente políticos (Crenshaw, 2010).

Portanto, os estudos corroboram que, desde as origens dos grupos terroristas contemporâneos, há compartilhamento de ideologias religiosas comuns, que remontam com a Revolução Iraniana de 1979, a resistência antissoviética no Afeganistão como nos referimos e, ao estabelecimento da rede Al-Qaeda por Osama Bin Laden no Paquistão, em 1988. Com o objetivo de realizar o *Jihad* islâmico (Guerra Santa) e a criação de Estados islâmicos, essa organização se estabeleceu como uma grande opositora à influência ocidental no mundo e a todos os governos e actores que representassem uma ameaça aos interesses do Islã, especialmente Israel e os Estados Unidos. Desenvolvendo, então, uma forte motivação antiocidental e antiamericana, a rede Al-Qaeda, com bases no Paquistão, no Afeganistão e momentaneamente no Sudão durante os anos 1990, passou a oferecer auxílio a grupos muçulmanos que estivessem enfrentando governos seculares e que não compartilhassem da ideologia islâmica (Gioridan, 2017; Oliveira, 2019).

Deste modo, conforme argumenta González, nas últimas décadas produziu-se uma espécie de “efeito contágio” das atividades de grupos terroristas islâmicos, que foram se difundindo do Grande Oriente Médio em direção a regiões sensíveis da África Transaariana e Ocidental (em territórios que se estendem da fronteira Mauritânia-Mali

até a Somália e do sul da Argélia até o norte nigeriano). Tais grupos aproveitaram as características estruturais políticas, económicas e sociais dessas áreas para se instalar, angariar adeptos e propagar o movimento jihadista (González, 2016).

O terrorismo contemporâneo está relacionado com contexto histórico, social, tecnológico e político em que ele está inserido, bem como às especificidades dos objetivos de quem emprega esta tática, sendo a lógica do fenómeno, em si mesma. No entanto, é mais correto e preciso enxergar o desenvolvimento desse processo como um fenómeno mais amplo de “antiglobalização”, de disputas entre as nações ricas e as nações menos desenvolvidas no âmbito externo e entre as elites privilegiadas e as classes, etnias e minorias marginalizadas no âmbito doméstico. Atores extremistas como a Al-Qaeda e o Estado Islâmico não seriam capazes de infringir tantos danos se não tivessem o suporte de sociedades e grupos que não tiveram acesso aos benefícios do mundo globalizado.

O terrorismo contemporâneo não deve, portanto, ser considerado como um fenómeno unicamente religioso; antes de qualquer coisa, ele se expressa como a continuação da disputa moderna entre os detentores de poder e os actores periféricos, sejam eles estatais ou não. A religião é utilizada apenas como instrumento ideológico de mobilização e, no continente africano, especialmente, não existe nada mais comum do que o uso da tradição religiosa como ferramenta de ordem política e de mobilização social (Gioridan, 2017). Um assunto que vamos desenvolver muito mais, no item que segue.

## **5.5 Terrorismo na África Contemporânea**

Neste subcapítulo, pretende-se exemplificar e trazer para a realidade aspectos formativos e evolutivos-chave de principais movimentos terroristas contemporâneos que operam em África no geral e a sua relação com movimento terrorista que actua no norte de Moçambique desde 2017.

Em comparação com a temporalidade proposta por Rapoport (2002), que classifica a evolução do terrorismo a nível internacional, alguns autores identificam duas ondas de terrorismo no continente africano (Clapham, 2003), ao passo que outros elencam mais de três ondas que marcam a história do terrorismo na África (Makinda, 2007). Esta disparidade de periodização do terrorismo em África está relacionada, por um lado, com a mesma ambiguidade de periodização do terrorismo a nível internacional e, por outro lado, da própria definição que é também complexa, não se sabendo ao certo o que é terrorismo e quando é que se notabilizam as primeiras actividades terroristas.

Os primeiros sinais não ocorrem na onda *a anarquista* Rapoport (2002), todavia de acordo com Clapham e Makinda, registam-se na onda *anticolonial*, período em que os movimentos nacionalistas de luta de libertação foram considerados de terrorismo no olhar das potências coloniais europeias (Clapham, 2003; Makinda, 2007).

Elementos dessa onda foram já identificados desde o final da década de 1920, especialmente no Egito aquando do surgimento da “irmandade muçulmana”, ganhando força concomitantemente à intensificação das lutas dos povos africanos por suas independências. A libertação do domínio dos brancos, seja por governos coloniais, ou por regimes coloniais locais, proporcionou uma causa pela qual os africanos estiveram preparados para se engajar em violência ideologicamente necessária, incluindo terrorismo onde necessário”, apenas em casos excepcionais esse recurso tenha sido usado (Oliveira, 2019).

Não obstante, a História de África mostra vários exemplos nesse sentido, nomeadamente, o movimento Mau-Mau em Quênia, a partir do início da década de 1950, que lutava pela independência do país e que foi marcado pelo uso da violência por ambos lados. Foi portanto legitimado pelo governo britânico como movimento terrorista (Clapham, 2003; Makinda, 2007). No mesmo ano, teve lugar em Argélia, Frente de Libertação Nacional (FLN), que lutava pela independência argelina, e a Organização Armada Secreta (OAS), que buscava a preservação da Argélia francesa,



para além do próprio uso sistemático de táticas de terror pelas forças francesas ao longo da guerra de independência (Makinda, 2007).

Na África do Sul sob o regime de *Apartheid*, emergiu em 1961 *Umkhonto we Sizwe* o braço armado do Congresso Nacional Africano (CNA), partido de Nelson Mandela, conotado que usava práticas terroristas em suas ações, pois, realizava sabotagens, atentados e ataques a alvos militares e civis (Clapham, 2003). Outros grupos nacionalistas considerados terroristas, a que fizemos referência anteriormente, citam-se os movimentos de resistência às autoridades coloniais portuguesas, especialmente em Moçambique e em Angola, com a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), respectivamente (Makinda, 2007).

Um dado curioso, todos esses grupos que se enquadram na onda anticolonial, a caracterização dos grupos como terroristas partiu das autoridades coloniais. Em certo sentido, pode-se dizer que houve um processo de securitização em que o agente securitizador era o poder colonial, a audiência era a sua população e, sobretudo, a comunidade internacional, mais do que a própria população africana e, o objeto referente era o Estado colonial (Oliveira, 2019).

Após as independências, como previu Ki-Zerbo no seu livro História da África Negra, “período de problemas” dos estados africanos, teriam tido lugar conflitos generalizados intra-estatais a nível do continente, período considerado a segunda onda do terrorismo. Nesse âmbito, o uso de práticas terroristas teria sido verificado na Nigéria (por parte dos secessionistas de Biafra, na Guerra Civil que se estendeu de 1967 até 1970), em Angola (por parte da União Nacional para a Independência Total de Angola, UNITA, da década de 1970 até os anos 1990), em Moçambique (pela Resistência Nacional Moçambicana, RENAMO, de 1976-1992) e, no Sudão (pelo Exército Popular de Libertação do Sudão, EPLS, a partir da década de 1980).

Na Etiópia segundo Makinda, registaram-se nesse período eventos terroristas, a partir da revolução de 1974, que destituiu o imperador Haile Selassie do poder e inaugurou um regime militar comandado por Mengistu Haile Mariam. A derrubada de Selassie

havia sido orquestrada por dois grupos, o Movimento Socialista Pan-Etíope (MEISON) e o Partido Revolucionário do Povo Etíope (PRPE). A partir deste acto, a Etiópia mergulhou-se num conflito civil, marcado pelo recurso frequente à utilização de práticas terroristas, protagonizadas por divergência daqueles dois grupos que outrora derrubaram o imperador Salassie (Clapham, 2003).

No terceiro momento, a literatura elenca um paralelismo entre a segunda e a terceira onda, que significa, o terrorismo nesta onda é identificado no continente a partir da década de 1970 e, seria responsável por mudar de forma significativa o perfil do fenómeno na África, pelo facto de ter adquirido um carácter internacional, sobretudo a partir da transposição do conflito Israel palestino para a realidade africana (Clapham, 2003; Oliveira, 2019). Na medida em que alguns Estados africanos fizeram parte da Liga Árabe e da Organização da Conferência Islâmica (OCI), bem como das relações pós-coloniais afro-árabes e ao activo envolvimento da Organização da Unidade Africana na discussão de tal questão (Mazrui, 1985; Makinda, 2007).

Além desses eventos, Oliveira nos aborda em relação ao sequestro de um avião comercial francês com cerca de 250 passageiros, que saíra de Atenas com destino a Kampala, em Uganda, em 1976, num esforço colaborativo entre a Frente Popular para Libertação da Palestina (FPLP) e o governo de Idi Amin, em Uganda, que demonstra um inequívoco carácter transnacional adquirido pelo terrorismo no continente africano. Para o autor, o sequestro foi solucionado por uma iniciativa de resgate de forças israelenses, organizadas a partir de instalações quenianas, o que contribuiu para piorar ainda mais as já deterioradas relações diplomáticas entre Quênia e Uganda. Em dezembro de 1980, em resposta ao resgate realizado pelas forças israelenses, a FPLP realizou um atentado à bomba a um hotel em Nairóbi, Quênia, que era de propriedade de uma família israelense, reforçando ainda mais o envolvimento da África em uma dinâmica ligada ao terrorismo gerada fora do continente (Oliveira, 2019).

O terrorismo em África teria se consolidado, a partir dos anos 1990, com a influência do grupo Al-Qaeda no continente. Quando então o governo de Omar Al-Bashir, no Sudão,

passou a abrigar Osama Bin Laden, a instalar as suas bases no país. Isso contribuiu para o estabelecimento de laços da Al-Qaeda com diversos grupos africanos (Makinda, 2007). Em virtude dessa abertura, em 1992 após a anulação das eleições na Argélia, os membros da Al-Qaeda teriam sido responsáveis por diversos atentados terroristas no continente africano, desde os países do Shael até à África do Sul (Makinda, 2007).

Significa que a onda terrorista se espalhou por quase todo continente. Em 1996 e 1997, ocorreram ataques terroristas no Egito (tendo como alvos diversos turistas), e em 1998, no Quênia e na Tanzânia (com atentados à bomba às embaixadas dos EUA em Nairóbi e Dar-es-Salam, respectivamente), para além da tentativa de destruir a embaixada estadunidense em Kampala, Uganda (Cilliers, 2002).

Portanto, desde os anos 1990 e principalmente ao longo dos anos 2000 é verificada uma diferença, nesse sentido, a transformação de alguns grupos que usavam táticas terroristas que até então actuavam apenas domesticamente, e que teriam passado a buscar e compartilhar objectivos transnacionais com outros grupos, especialmente a Al-Qaeda (Oliveira, 2019). Dentre esses grupos, poderiam ser destacados o Al-Qaeda do Magrebe Islâmico (AQIM) que é fruto da união do Grupo Salafista de Pregação e Combate (GSPC) com a Al-Qaeda; o Boko Haram, formado na região norte da Nigéria; o Movimento para a Unidade e Jihad na África Ocidental (MUJAO); e o Al Shabaab, formado na Somália e diretamente vinculado à Al-Qaeda (Nkwi, 2015). Voltaremos a abordar esses grupos.

### **5.5.1 Por que terrorismo em África?**

Como se fez referência algures, nas últimas décadas em África produziu-se uma espécie de “efeito contágio” das atividades de grupos terroristas islâmicos, que se foram difundindo do Grande Oriente Médio em direção a regiões sensíveis da África Transaariana e Ocidental.

Teriam então emergido grupos terroristas contemporâneos, de cariz fundamentalista islâmico, que se manifestam em oposição contra o Estado secular e o mundo ocidental,

buscando assim em África uma forma mais pura do Islã (Clapham, 2003; George & Ylonem, 2010). Também estão ligados simultaneamente a factores políticos, crises socioeconômicas e elementos da conjuntura internacional (George e Ylonen, 2010). Ademais, estão ligados a condições internas dos estados africanos, nomeadamente, altos índices de pobreza, falta de oportunidades econômicas e políticas, impactos prejudiciais dos Programas de Ajuste Estrutural, contradições étnicas, radicalização religiosa, incapacidade governamental de controle territorial, falta de legitimidade e porosidade de fronteiras (Mills, 2007; González, 2016).

Combinam-se assim para criar um ambiente propício para a constituição e desenvolvimento dos grupos terroristas em África, que usam a violência como uma forma de reivindicar os seus direitos e a igualdade perante as oportunidades, nesse sentido, a religião é instrumentalizada para passar as suas mensagens.

Curiosamente, este efeito contágio ocorre em regiões ricas em recursos minerais no geral e em regiões ricas em recursos petrolíferos em particular. Como é o caso de Moçambique, o terrorismo coincide com a descoberta de hidrocarbonetos na bacia de Rovuma, no norte da Província de Cabo Delgado, onde se concentram grandes empresas multinacionais, concessionadas para explorar o referido recurso. O que leva a uma reflexão é o *porquê o terrorismo em Moçambique no exacto momento da descoberta de recursos?* Nesse ítem, quais os principais grupos.

### **5.5.2 Quais são os principais grupos terroristas em África?**

Os casos emblemáticos de grupos terroristas de tendência islâmica constituídos na África contemporânea, são nomeadamente:

#### **5.5.2.1 Al-Qaeda do Magreb Islâmico (AQMI)**

Este grupo vem perpetrando as suas incursões na Argélia e no Mali. O grupo teve suas origens nos anos 1990. O seu braço forte é o sub Grupo Islâmico Armado (GIA) de feitio mais radical que, se opõe fortemente a qualquer compromisso com o regime no

poder e empreendem ataques violentos não só em postos militares, mas também contra civis. O GIA logo tomou a frente do movimento *jihadista* na Argélia, mobilizando as camadas islâmicas mais empobrecidas da sociedade e declarando guerra inclusive à FIS (Gioridan, 2017).

Alguns líderes emergentes que rejeitavam os ataques a civis acabaram, então, se desligando do GIA e constituíram o Grupo *Salafista* para Pregação e Combate (GSPC), em 1998, herdando no processo parte da estrutura de comando do GIA e de sua rede internacional de células terroristas, inclusive na Europa. Hassan Hattab, principal dirigente do GSPC, permitia apenas ataques contra alvos militares e acabou angariando apoio da Al-Qaeda de Bin Laden, abraçando, então, a ideologia da *Jihad* global (George & Ylonen, 2010).

Na óptica de George e Ylonen (2010), o GSPC foi o grupo islâmico que passou a chamar maior atenção na Argélia nos anos 2000, tanto pelas suas ligações com a Al-Qaeda, quanto pelas suas actividades, que se tornaram cada vez mais internacionalizadas, apesar dos objetivos doméstico de implantação de um Estado islâmico ainda persistirem. No início dos anos 2000 e após a instauração da Guerra ao Terror pelos EUA, o grupo *jihadista* passou a voltar suas operações para o sul, em direção a Estados da zona do *Sahel*, como o Níger, a Mauritânia e, principalmente, o Mali (George & Ylonen, 2010). Sob a liderança mais radical de Sahraoui a partir de 2003, o grupo afirmou ser responsável por inúmeros ataques, em sua maioria contra alvos militares, além de estar envolvido em atividades regionais de tráfico e contrabando, que auxiliavam no seu financiamento (Harmon, 2010).

### **5.5.2.2 Boko Haram**

Uma organização fundamentalista e terrorista que procura a imposição da lei islâmica (sharia) no norte da Nigéria através da força e da violência.

O grupo terrorista *Boko Haram* tem sua origem no Califado de Sokoto, criado no início do século XIX no norte do país e em zonas do Níger, representou a base da resistência

islâmica ao domínio colonial britânico e ao governo secular e obteve forte apoio da população em seu propósito de implantar a lei islâmica da *Sharia*. Espalhou-se na região de Kano para outros estados setentrionais, o grupo procurava incitar as populações menos abastadas a utilizar de meios violentos contra membros da elite e não muçulmanos, com a intenção de derrubar o governo secular, implantar a lei islâmica nacionalmente e aderir ao movimento *jihadista* global contra a influência cultural ocidental (Sodipo, 2013; Agbiboa, 2013). No entanto, foi nesse prisma que em 2002 se estabeleceu o *Boko Haram*, fundado pelo clérigo Mohammed Yusuf na cidade de Maiduguri, em Borno, nordeste nigeriano (Solomon, 2015).

À semelhança do grupo terrorista que actua no Norte de Moçambique, como rezam as narrativas, a insurgência de grupos terroristas de tendência islâmica é largamente favorecida pela frágil estrutura política e socioeconômica da Nigéria, herança da unificação artificial realizada pela ex-metrópole inglesa de sub-regiões com intensas diferenças étnicas e culturais, ou seja, as regiões norte e nordeste do país, de população predominantemente muçulmana, não possuem acesso suficiente aos recursos estatais e veem-se inseridas em um contexto de extrema pobreza, de possibilidades educacionais limitadas e de marginalização política em relação ao sul do país, cristão e com melhores índices de desenvolvimento (Gioridan, 2017).

Dessa forma, diferenças ideológicas de ordem étnica e religiosa acabam somando-se às disparidades socioeconômicas regionais e produzem o ambiente necessário para o advento do extremismo e da radicalização. Como sublinha Isa, “a percepção de negação de direitos e de dominação por outros criam as bases para os conflitos identitários, e as identidades se tornam altamente politizadas quando se trata de questões de controle político e poder econômico” (ISA, 2010).

Na mesma linha de grupos extremistas de cariz Islâmica, *a luta do Boko Haram para implantação da lei da Sharia na Nigéria deve também ser vista como uma luta por justiça social e inclusão, com a religião sendo utilizada como um veículo para a mobilização das massas* (Solomon, 2015).

No quadro de conflitos e atentados violentos, com um pavor a nível internacional, as estatísticas mostram que teriam morto mais de 700 pessoas em 2009 e, em 15 de Abril 2010, os Membros do grupo *Boko Haram* terão capturado mais de 300 meninas em uma escola no norte da Nigéria. De 2009 a 2015, geograficamente ampliaram as suas operações, tendo alcançado inclusive a capital Abuja, através de um atentado na sede da ONU em junho de 2011. E em 2012 mataram mais de 900 pessoas (Agbibo, 2013).

### **5.5.2.3 Al-Shabaab**

É um grupo terrorista fundamentalista jihadista com sede na Somália. Tem suas raízes na instabilidade política e social que o país conheceu ao longo da história. Entretanto, a Somália como Estado é constituído por um sistema de governo clânico. Desde o período colonial, essa estrutura social de clãs foi desrespeitada, motivo pelo qual provocou a desestabilização do país após a independência, o que terá facilitado a imposição do regime ditatorial de Siad Barre.

O imperador Barre, nas suas políticas, buscou uma aproximação com a URSS e tinha um discurso a favor da abolição dos clãs, pois defendia que o sistema clânico era prejudicial à identidade do povo somali como um povo só e unificado. As políticas do ditador culminaram no surgimento de diversos grupos opositores ao governo que defendiam a manutenção dos clãs (Cardoso, 2012).

Com o derrube do Barre do poder, restou um grande vácuo político a ponto de a Somália se tornar num estado falhado. Os diferentes grupos passaram a viver de forma anárquica, entretanto, disputavam a tomada da liderança do Estado. Essa grande instabilidade foi somada com a questão religiosa e alguns senhores de guerras e líderes de organizações passaram a defender que a Somália deveria se tornar um Estado islâmico, gerando grande desconforto do Governo Federal de Transição (GFT) instaurado por contribuição da ONU e também pelos países vizinhos.

O confronto entre a União de Tribunais Islâmicos e a Etiópia gerou um desmembramento por parte da UTI, o que levou ao surgimento de uma facção religiosa

e armada identificada como Al Shabaab, que, na altura era como o braço armado de UTI. Até hoje o grupo Al - Shabaab, busca instaurar a Sharia como o maior poder político dentro do governo da Somália (González, 2020).

A sua base social de apoio é grandemente da população rural que está sob seu controle, e a mesma prefere a "segurança" oferecida pela Al-Shabaab como alternativa. Pois o grupo consegue "organizar" as estruturas sociais de acordo com suas concepções e não o vazio jurídico oferecido pelas autoridades regionais e federais. No entanto, como sucede em outros contextos muitas pessoas veem a Al-Shabaab como uma alternativa para sua subsistência. Além do apoio ao nível local, acredita-se que o grupo tem ligações com a Al-Qaeda.

Autores como González referem que as suas ações militares continuam a se concentrar nos ataques a instalações, bases e comboios da AMISOM, das forças quenianas nas regiões de Gedo e Alto Jubba. Seus objetivos civis estão concentrados no assassinato de figuras políticas, líderes locais e líderes de clã (anciãos ou anciãos de clã) que apoiam o governo federal. Os *modus operandi* são mantidos por meio do uso de carros-bomba, artefatos explosivos improvisados, emboscadas, colocação de minas e ataques contra postos de controle em estradas, instalações de hotéis e prédios do governo (González, 2020).

Entre o ano 2013 e 2017, o grupo executou vários ataques. Em 2013 por exemplo, o grupo invadiu um shopping center de waste gate em Nairobi, no Quênia, onde 60 pessoas perderam a vida. (Dw: 12.2020). No ano de 2017, executou o pior ataque de sua história, quando em outubro daquele ano, explodiu dois carros-bombas e um caminhão na capital da Somália, Mogadíscio, onde 358 pessoas morreram e 228 foram feridas (González, 2020). Tornando num grupo muito violento e temido na região da África Oriental.

No que refere ao armamento e fontes de financiamento, Al-Shabaab tem usado armas modernas deixadas pelas forças etíopes, helicópteros e carros de combate soviéticos. São financiados por doações estrangeiras, em particular de seus apoiadores somalis na



diáspora e daqueles que se tornaram delinquentes devido às suas atividades criminosas transnacionais (uso de redes de tráfico de drogas e armas); cobrança de taxas nas áreas que estão sob seu controle e pela pirataria, que sequestra marinheiros e lucra com a cobrança de resgate.

Ainda se refere que as fontes de autofinanciamento do grupo são fornecidas pelo sistema tributário e pelo trabalho dos tribunais da Sharia. O sistema de arrecadação de tributos faz parte da ordem administrativa das regiões controladas e é considerado mais “justo” que o governo. Ao mesmo tempo, eles administram um sistema judicial baseado na Sharia e devido ao mau funcionamento do sistema legal no país, muitas pessoas recorrem aos Tribunais da Al-Shabaab quando não estão satisfeitas com uma decisão de um tribunal governamental e secular (González, 2020).

Em termos de relação deste grupo, como o de Mocimboa da Praia, os estudos sustentam que ainda não há provas que legitimem a ligação entre estes. O nome Al-Shabaab, que é atribuído ao grupo de Mocimboa da Praia, deve-se ao seu radicalismo. Isso porque qualquer pessoa radical em Mocimboa era conhecida como Al-Shabaab, antes mesmo de o grupo começar a atacar.

#### **5.5.2.4 Exército de Resistência do Senhor**

Também conhecido por Movimento de Resistência do Senhor, o Exército de Resistencia do Senhor é um grupo sectário cristão e militar do norte de Uganda. Foi formado em 1987, após o fim da Guerra Civil de Uganda, e está envolvido em uma revolta armada contra o governo de Uganda, no que é hoje um dos conflitos mais longos da África. É liderado por Joseph Kony, que se proclama o “porta-voz” de Deus e um *médium* espiritual, principalmente do Espírito Santo, que os Acholi acreditam que pode representar-se em muitas manifestações. Em 2011, o presidente Obama enviou 100 forças especiais dos Estados Unidos para Uganda para ajudar a capturar o líder do LRA Joseph Kony, mas não conseguiram (BBC news, 2020).

### **5.5.2.5 Janjaweed**

É um grupo de milícias que opera em Darfur, Sudão. Conforme a definição das Nações Unidas, os *janjaweed* são criminosos que se apresentam como árabes, embora sejam em geral provenientes de tribos africanas nômadas de fala árabe. Desde 2003, envolveram-se em conflitos sangrento de Darfur, que opõe uma população árabe muçulmana do Sudão e os não árabes da região devido às questões de distribuição de terras e recursos.

O conflito em Darfur resultou em uma crise humanitária com diversas mortes e refugiados. No ano de 2004, foi assinado um Acordo de Cessar-Fogo, organizado pelo Chade, além da criação de uma missão da União Africana, a AMIS. As obrigações da operação estavam inteiramente relacionadas ao conflito na região de Darfur. Mais tarde, porém, o mandato foi entregue à ONU na missão UNAMID (Missão das Nações Unidas e da União Africana para Darfur), inaugurando uma operação de paz híbrida, chefiada tanto pela organização regional, quanto pelas Nações Unidas (Melos et al, 2014).

## **5.6 Formas e Fontes de Financiamento do Terrorismo**

Para se financiarem, os grupos terroristas dispõem de elevada capacidade operacional, no qual se incluem meios técnicos e humanos especializados e modelos estruturais e funcionais complexos que lhes conferem mobilidade e descrição, mediante as empresas de fachada, contas secretas, acções fraudulentas, contabilidades paralelas, fraude contra seguradoras, fraude bancária, realização de pagamentos de elevados montantes em numerário, utilização de produtos de moeda eletrônica (que é cada vez mais considerada como um substituto das contas bancárias), “crimes fiscais” relacionados com impostos diretos e indiretos, utilização de serviços do setor do jogo, entre outros (Silva, 2016).

Entretanto, Silva apresenta dez principais meios de financiamento do terrorismo, nomeadamente, (a) estado patrocinador; (b) narcotráfico; (c) tráfico de seres humanos e *Smuggling*; (d) doações e extorsões; (e) organizações sem fins lucrativos; (f) o contrabando e o descaminho; (g) contrafacção de produtos e de documentos e crimes financeiros; (h) empresas de fachada (i), os sequestros (j) cibercrime.

### **5.6.1 Estado patrocinador**

Em relação ao estado como principal fonte de financiamento, Silva (2016) faz menção que existem países que financiam directa e/ou indirectamente grupos terroristas. A prossecução de estratégias de política interna (nos casos de “Terrorismo de Estado”) ou de política externa, levam, muitas vezes, determinados Estados a financiarem directamente organizações terroristas que, por meio da prática terrorista, procuram alcançar os seus objetivos políticos. Outros países, por meros interesses económicos e financeiros, adquirem produtos (por exemplo petróleo, ouro, joias, obras de arte, etc.) ou vendem (por exemplo armas) às organizações terroristas, contribuindo indirectamente para a prossecução do seu financiamento e apoio logístico.

É o caso de países como o Afeganistão, na sua relação com os Taliban<sup>9</sup>. Outros utilizam “esquadrões da morte”, serviços secretos, milícias paramilitares, com o objetivo de a impor o seu regime no seio da população por meio de violência incutindo o medo e o terror. Outros exemplos citam-se: a Indonésia, a Índia, o Sri Lanka, o Chile, a China, a Birmânia, a Argélia, a Síria, o Irã<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Bianco, Alexandre Solon. 2005. *Os Circuitos de financiamento do terrorismo*. Lisboa: Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Relatório de mestrado para a cadeira de Relações Internacionais. p. 37.

<sup>10</sup> Wilensky, Alfredo Héctor e Januário, Rui. 2003. *Direito Internacional Público Contemporâneo: Responsabilidade Internacional do Estado: Terrorismo Internacional: Direito Internacional do Ambiente: Processo de Integração Europeia e os Parlamentos Nacionais*. Lisboa: Áreas editora. p.159.

### **5.6.2 Narcotráfico**

Estima-se que grande parte dos grupos terroristas, na busca de financiamento, estejam directamente relacionados com as atividades do tráfico de droga mundial, resgates, na sequência de sequestros e de diversas práticas de extorsão.

### **5.6.3 Tráfico de seres humanos e *smuggling***

O tráfico de seres humanos e *smuggling* (ou apoio à imigração ilegal) serão também um dos setores mais rentáveis, logo a seguir ao tráfico de droga. A esperança de uma vida com melhores condições, a fuga aos conflitos armados, entre outros fatores, tem levado milhões de cidadãos a recorrer a grupos de crime organizado para facilitar a sua entrada em vários territórios (Silva, 2016).

### **5.6.4 Doações e extorsões**

As doações de quantias monetárias, bens ou serviços por parte de simpatizantes, colaboradores, benfeitores, empresas, governos, partidos políticos e pelos próprios membros dos grupos terroristas, representam mais uma das formas de financiamento de terrorismo. Uma das formas de camuflar os benfeitores é a doação feita para entidades sem fins lucrativos que guardam conexões extremistas. A título de exemplo, temos o caso inglês, em que a polícia daquele país detectou que as doações efetuadas a mesquitas e madrassas têm como destino grupos terroristas de índole Islâmica (Bianco, 2005, p. 41).

### **5.6.5 Organizações sem fins lucrativos**

As organizações sem fins lucrativos têm contribuído de forma significativa para a prossecução do financiamento do terrorismo, servindo como canais para fundos terroristas, tal como consta na recomendação especial VIII do GAFI, nomeadamente:

(i) por organizações terroristas que se apresentem como legítimas; (ii) para explorar entidades legítimas como meio de financiamento do terrorismo, nomeadamente com o propósito de evitar medidas de congelamento de ativos, e (iii) para dissimular ou ocultar o desvio de fundos destinados a fins legais para organizações terroristas”.

O objetivo das diversas organizações é realizar uma determinada missão, com um intuito não lucrativo, mas, cobram taxas a determinados eventos sociais e culturais como forma de angariação de fundos, sendo que parte desses capitais é desviado para operações terroristas (Bianco, 2005).

### **5.6.6 O Contrabando e o descaminho**

Quando se fala de contrabando e descaminho, está-se no âmbito de tráfico diverso, na qual se enquadram atividades, tais como: o contrabando de álcool e de tabaco, passando pelo tráfico de armas, pessoas, órgãos, até ao furto, roubo e viciação de veículos e propriedade intelectual.

No que toca ao tráfico de armas, existe uma grande preocupação relativamente ao tráfico de armas nucleares, biológicas e químicas, a partir da Rússia, por dar a possibilidade dos grupos terroristas prosseguirem as suas atividades (Bianco, 2005, p.47.).

O descaminho consiste na colocação de produtos legais à disposição da sociedade de consumo, sem as devidas autorizações legais, pagamento de impostos ou taxas devidas pela importação ou exportação, resultando em grandes lucros que poderão servir a prossecução do financiamento do terrorismo (Bianco, 2005).

### **5.6.7 A Contrafação de produtos e de documentos e crimes financeiros**

Investigações efetuadas pelos EUA apontam a contrafacção de produtos (por exemplo, músicas e filmes) com possível relacionamento de associações criminosas em simbiose com organizações terroristas. Por sua vez, também a contrafacção e falsificação de

documentos de identificação pessoal estão intimamente ligadas às redes islâmicas ligadas à imigração ilegal, podendo servir dois fins: apoio à imigração ilegal; e apoio de movimentações criminosas diversas, nas quais se incluem os terrorismos (Bianco, 2005, p.489).

### **5.6.8 Empresas de fachada**

As empresas de fachada são utilizadas como meio privilegiado de lavagem de capitais, nas quais são injetados dinheiros ilícitos, ficando estas numa posição privilegiada em relação às empresas concorrentes, tendo em conta o desafogo financeiro em que vivem.

As consequências são: (i) ao nível macroeconómico, afetando os mercados e a estabilidade dos chamados mercados emergentes; (ii) ao nível microeconómico, provocando situações de concorrência desleal e perturbação da circulação dos bens no mercado, pela prática de preços baixos e políticas comerciais, que a concorrência não consegue acompanhar; (iii) ao nível político, representa uma séria ameaça ao Estado de Direito Democrático, uma vez que o branqueamento de capitais está normalmente associado à criminalidade organizada e ao financiamento do terrorismo; (iv) representa também uma ameaça à boa administração da justiça, tendo em conta a adversa dificuldade em identificar e punir os autores dos crimes conexos ou precedentes ao branqueamento e ao financiamento do terrorismo<sup>11</sup>.

### **5.6.9 Os sequestros**

Os sequestros são práticas comuns entre as organizações terroristas, e poderão servir vários propósitos em simultâneo: a recolha de capitais como meio de negociação (por

---

<sup>11</sup> Mendes, Paulo de Sousa. 2007. O branqueamento de capitais e a criminalidade organizada. In: *Estudos de direito e segurança*. André Inácio. [et al.]. Coord.: Jorge Bacelar Gouveia, Rui Pereira. Coimbra: Almedina. p. 343.

exemplo, a libertação de agentes terroristas a cumprir pena de prisão); servir a execução de um acto terrorista (por exemplo, a exposição mediática do sequestro e assassinio das vítimas); e outros propósitos, que estejam diretamente relacionados com os objetivos políticos da organização terrorista em causa. Os exemplos desta prática são hoje do conhecimento comum, como sejam os sequestros de jornalistas, militares ou mesmo turistas<sup>12</sup>.

### 5.6.10 Cibercrime

Estritamente ligados à actividade dos grupos de crime organizado, em geral, está a utilização do ciberespaço na prossecução das suas atividades ilícitas, o qual é referência da crescente internacionalização e atuação em rede dos grupos terroristas. Para além do *World Wid Web* (vulgarmente conhecido por “www”), nas quais são utilizadas as redes sociais, *blogs e web sits*, a *Dark Web* é um lado da Web denominado *Deep Web* dedicado à ciber criminalidade, cuja detecção dos utilizadores se revela inviável e cujo acesso é, em geral, limitado àqueles que instalam um software específico, como o *Freenet*, o *The Onion Router* ou o I2P. A navegação no mundo da ciber criminalidade pode ser assim facilmente livre, anónima, cifrada e potencialmente indetectável (Ramalho, 2014).

A *dark Web* segundo Ramalho passou, assim, a ser dedicada à difusão e comercialização de pornografia infantil e de material protegido por direitos de autor, bem como ao ensino de técnicas de fabrico de explosivos e à proliferação de grupos terroristas, tráfico de drogas, de armas, de documentos falsos, e de outros materiais ilícitos, bem como fóruns Jihadistas e páginas que comercializam dados relativos a cartões de crédito obtidos através de esquemas de *phishing*.

---

<sup>12</sup> Jornal de Notícias - *Autenticidade do vídeo do Estado Islâmico é altamente provável*. (01/02/2015) [consultado em 19/10/2015] disponível em: [http://www.jn.pt/Pagina\\_Inicial/Mundo/Interior.aspx?content\\_id=4375351](http://www.jn.pt/Pagina_Inicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4375351).

Embora existam várias fontes de financiamento para o caso particular do terrorismo em Moçambique de acordo com a informação recolhida no terreno por Habibe, Forquilha e Pereira (2019), o financiamento das actividades do grupo dos Al-Shabaab vinha essencialmente de duas fontes: a) economia local ilícita; b) doações. As doações vinham de pessoas com ligações às lideranças do grupo em Mocímboa da Praia. As transferências dos valores monetários eram feitas via electrónica: Mpesa, Mkesh, Mmola. Das duas fontes mencionadas, a primeira (economia ilícita) era a que movimentava avultadas somas de dinheiro para financiar o grupo dos Al-Shabaab (Lara 2007, p. 65).

Com efeito, à semelhança do que acontece em outros países que enfrentam o extremismo violento, o financiamento do grupo dos Al-Shabaab em Mocímboa da Praia e distritos circunvizinhos (pelo menos nos momentos iniciais) estava muito ligado a uma economia local ilícita, com ligações a redes clandestinas de tráfico de madeira, carvão vegetal, rubis, marfim, entre outros produtos (Sitoe, 2019).

## **5.7 Terrorismo em Moçambique**

O terrorismo em Moçambique insere-se num contexto amplo e complexo do terrorismo global, movido, de acordo com as declarações dos seus protagonistas, pelo fundamentalismo religioso.

Regista-se, em várias regiões do continente africano, o recrudescimento de ataques de grupos radicais islâmicos, cuja principal acção é o terrorismo. Geralmente, as investidas dos grupos, também conhecidos por *jihadistas*, inspiram-se na ideologia fundamentalista do *Al-Qaeda* e do Estado Islâmico (EI).

Em relação ao grupo que opera em Moçambique, a sua radicalização não se sabe, ao certo, quando iniciou. De acordo com os primeiros estudos, os sinais começaram a fazer-se sentir nos finais de 2015 (Habibe, Forquilha e Pereira, 2019), através de manifestação de desrespeito de um número crescente de jovens muçulmanos a outros muçulmanos, entrando em mesquitas de sapatos e empunhando armas brancas. Assim,



ao serem rejeitados pelos chefes religiosos locais, em resposta, construíram suas próprias mesquitas, enquanto desenvolviam um forte sentimento anti-estado, mostrando forte oposição aos sistemas de ensino e de justiça. Devido a essas atitudes, estranhas ao islamismo regular, as populações locais passaram a designá-los de *Al-Shabaab*<sup>13</sup> (Maquenzi & Feijó, 2019).

Este clima de tensão entre o grupo radical e as populações locais foi crescendo e desembocou em actos de violência, culminando, conseqüentemente, com a expulsão dos jovens radicais de algumas zonas. A partir dos finais de 2015, os jovens do grupo radical começaram a transformar-se em células militares. E, quando as autoridades governamentais locais se aperceberam da situação, destruíram as mesquitas e detiveram alguns membros que estavam a receber treinos militares (Morier-Genound, 2019 apud Maquenzi & Feijó, 2019).

Nos dias 5 e 6 de Outubro de 2017, registaram-se ataques em Mocímboa da Praia contra esquadras policiais e alvos civis. Tais ataques, conduzidos por um grupo de homens armados e com vestes islâmicas, resultaram na morte do Director Nacional de Reconhecimento da Unidade de Intervenção Rápida (UIR), homens da Polícia da República de Moçambique (PRM) e de civis, bem como a destruição de residências da população (cerca de 50 famílias desabrigadas), vandalização de igrejas e suspensão da ordem pública na vila (Siteo, 2019). Presume-se que este ataque tenha sido uma reacção às detenções levadas a cabo pelos agentes da lei e ordem a jovens que recebiam treinos militares. O grupo atacou, com recurso a armas de fogo, o Comando Distrital da Polícia da República de Moçambique e os Serviços Penitenciários na Vila de Mocímboa da Praia (Maquenzi & Feijó, 2019).

Desde os dias 5 de Outubro de 2017, os ataques terroristas estenderam-se até ao presente momento, tendo ampliado o raio de acção para outros distritos do Norte da

---

13 Termo localmente adoptado para designar os terroristas em Cabo Delgado. Literalmente, em português, “O Al-Shabaab” significa “A juventude”, e, é um movimento terrorista afiliado ao Al-Qaeda enraizado na Somália e que foi denominado terrorista. Este movimento opera e tem redes no Quênia através do Grupo da Juventude Muçulmana (GJM), bem como mantém contactos com o Centro Juvenil Muçulmano de Ansar (CJMA) da Tanzania (Navanti Group, 2013).

Província de Cabo Delgado, nomeadamente, Macomia, Quissanga, Muidumbe, Nangade e Palma.

### **5.7.1 Características do Grupo de Al-Shabaab de Mocímboa da Praia**

O grupo dos Al-Shabaab de Mocímboa da Praia usam uma indumentária como turbantes brancos, amarrados à volta da cabeça; envergam batas e calças curtas de cor preta, que se estendem um pouco abaixo dos joelhos; a maior parte deles tem cabelos rapados e barba grande; não levavam os seus filhos às escolas formais, mas simplesmente às escolas corânicas (madrassas) por eles construídas; sempre andavam munidos de armas brancas (como facas e catanas) para simbolizar a jihad; incitavam à violência e desrespeito pelas lideranças comunitárias, particularmente os Álimos, a quem chamavam “káfir”; e não aceitavam dialogar com estruturas governamentais nem com outros grupos diferentes do seu.

Além disso, nas suas famílias era obrigatório assistir a vídeos dos discursos do clérigo queniano Aboud Rogo, que pregava um Islão radical. As suas mulheres eram obrigadas a cobrir todo o corpo e a tapar a cara com burcas.

### **5.7.2 Relação com outros grupos**

Um elemento que os autores apontam em termos de semelhança com outros grupos do mesmo tipo está na organização hierárquica e gestão territorial, pois o grupo dos Al-Shabaab em Mocímboa da Praia, na fase posterior (da militarização), também estabeleceu a sua estrutura organizacional na base de células relativamente autónomas e com cadeia de comando flexível (Menkhaus, 2008; Pereira, 2013; Monteiro, 2012; Roque, 2010), assim como o grupo de Al-Shabaab da Somália.

Entretanto, o grupo dos Al-Shabaab em Mocímboa da Praia, devido à sua característica peculiar de ocultar os seus objectivos, de não reivindicar os seus ataques, diferencia-se muito de outros movimentos terroristas. Porque, tratando-se de “movimento terrorista

de orientação islâmica radical tem a particularidade de procurar ao máximo veicular a sua causa, de tal modo que, sempre que toma espaço, realiza um ataque terrorista, procura fazer-se notar através da reivindicação do ataque, ao mesmo tempo que se faz conhecer os objectivos por detrás do movimento que protagoniza tais ataques, como sucede na Nigéria e na Somália, por exemplo, onde o Boko Haram e o Al-Shabaab, respectivamente, recorreram aos meios de comunicação social – rádio, televisão ou plataformas de internet – para disseminar a sua ideologia”. Desde a sua formação até aos dias de hoje, o grupo que actua em Mocímboa da Praia ainda não veio ao público expressar abertamente as suas pretensões e nem a narrativa que motiva a sua causa, muito menos fez alguma reivindicação aberta dos ataques ocorridos naquela vila, bem como em outras vilas do Norte da província de Cabo Delgado, facto pelo qual o autor designa terrorismo sem rosto (cf. Siteo, 2019, p. 7).

Os movimentos terroristas de orientação islâmica radical, que protagonizam ataques ao nível internacional, como são os casos do Al Qaeda e do estado Islâmico, bem como o *Boko Haram*, o *Al-Shabaab* e *Janjaweed* e *Ansar Edinne*, etc, em África, têm reivindicado frequentemente os seus ataques, acto que não ocorre com o grupo que opera em Mocímboa da Praia. Este facto suscita dúvidas na opinião pública e entre investigadores questiona-se, nesse sentido, se realmente se trata de terrorista islâmico radical (Siteo, 2019), ou são simplesmente criminosos, ou amantes de guerras com interesses ocultos, na perspectiva de desestabilizar a região e apoderar-se de recursos, dado que a mesma região é rica em recursos naturais, nomeadamente, minerais, petrolíferos e fauna e bravia.

### **5.7.3 Questões étnicas, o que se sabe?**

Como sucede em muitos países de África, as clivagens étnicas entre as comunidades do país foram e continuam a ser um obstáculo significativo no processo da construção de uma identidade nacional como se pretende no projecto de unidade nacional, no qual todos os grupos étnicos se revejam (Habibe, Forquilha & Pereira, 2019). Às vezes, a

competição política das elites, por um lado, para acesso ao poder e, por outro, para acesso aos recursos recorre a linhas étnicas.

A esse respeito, estudos referem que esta competição encoraja muitas vezes o recurso à manipulação das identidades étnicas para ganhos políticos, fazendo com que alguns grupos étnicos se sintam excluídos dos processos de tomada de decisão. No caso da Mocímboa da Praia, tal manifesta-se, sobretudo, através dos mecanismos de distribuição de cargos públicos e recursos. O grupo étnico mwani sente-se excluído em termos de representação política e benefícios económicos, em relação ao grupo étnico makonde (Siteo, 2019, p. 10; Mosca, 2020, p.1; Habibe, Forquilha e Pereira, 2019, p. 26; Rogério, 2020, p. 83).

Em termos de motivações, por exemplo, dos jovens que foram parar ao grupo de *Al-Shabaab* em Mocimboa da Praia, não são necessariamente atraídos pela religião ou pela ideologia do grupo, como tal. O conhecimento que muitos dos jovens tinham sobre a teologia islâmica era claramente superficial. A adesão a grupos da natureza dos *Al-Shabaab* de Mocímboa da Praia não requer, por parte dos jovens aderentes, um conhecimento sofisticado, do ponto de vista ideológico basta que tenham o sentido e o compromisso em relação aos princípios que o grupo defende. De forma mais específica, o que tinha peso para o envolvimento dos jovens no grupo era, entre outros aspectos, o encanto e o sentimento de “estar a lutar por alguma coisa” que eles viam em grupos da natureza dos *Al-Shabaab*. As narrativas fazem uma relação entre o estado precário dos serviços de educação a nível local e a vulnerabilidade da zona em termos de penetração de ideologias religiosas de tipo radical (Habibe, Forquilha & Pereira, 2019, p. 26).

Portanto, grupos clandestinos de moradores radicalizados, principalmente em Mocímboa da Praia, insatisfeitos com sua posição na sociedade, falta de integração económica e relações hostis com certos grupos étnicos considerados «dominantes», encontram no islamismo radical uma base para expressar o sentimento de exclusão.

#### **5.7.4 Causas do Terrorismo**

Estudar as causas de terrorismo é muito mais complexo, quanto à origem e a definição. Para Pinheiro (1982), existem quatro possíveis causas do terrorismo, nomeadamente, políticas, económicas, sociais e ideológicas.

Sob ponto de vista político e económico, o autor aponta o descrédito da própria política e dos políticos, no seio de vastas camadas da população, especialmente as mais jovens propiciado por um discurso enfadonho e repetitivo, muitas vezes demagógico, sem resultados práticos visíveis, esse *modus operandi* faz nascer nos jovens mais agressivos ou fanáticos o desejo de se filiarem em organizações que ofereçam o atractivo da acção imediata, como é o caso das organizações terroristas. As graves tensões existentes no seio das sociedades modernas (o desemprego em escala elevada, as deficiências que prolongam demasiado o ensino, mas sem que este dê preparação ou garantias para a vida prática, as dificuldades para conseguir o primeiro emprego, as injustiças que geram ódios, a corrupção que desespera, etc), constituem um entrave nas camadas mais vulneráveis e propicia actos de violência.

Ao nível ideológico, Pinheiro sustenta que os meios da comunicação social, em especial os audiovisuais contribuem para exaltação da violência que, vem juntar-se a sedução exercida pelos comportamentos extremistas. A existência de legislações extremamente permissivas, que contribuem para a supressão ou adormecimento de certos instintos morais, pode abrir de certo modo espaço à prática da violência.

Ao nível social, são dois aspectos que o autor aponta, nomeadamente, a desumanização da vida nas sociedades modernas, especialmente nas grandes cidades, e o paradoxo da liberdade e da tolerância. Este último Pinheiro refere que, as sociedades democráticas as mais afectadas, os insurgentes se aproveitam da liberdade e da tolerância, reinantes naquelas sociedades, para deflagrar e prosseguir a acção violenta, precisamente quando pareceria mais natural e lógico recorrer à contestação pacífica de possíveis injustiças. Assim, é no seio das sociedades democráticas que o terrorismo se revela mais repulsivo.

Para além dos factores apontados por Pinheiro, Sinai (2007) identifica outros motivos organizados em quatro níveis: individual, grupal, social e governamental. E Crenshaw (2012) diferencia entre fatores “pré-condicionantes” e “precipitantes”. Não obstante a miscelânea de motivos ou categorizações, pode-se dividir as causas do terrorismo em dois grupos gerais:

- (i) Os factores contextuais relativos ao contexto em que determinado grupo ou indivíduo se insere;
- (ii) Os factores individuais relacionados a psique.

No grupo dos factores contextuais, destaca-se a vulnerabilidade das sociedades ou com determinadas condições ou políticas governamentais que afectam diretamente a qualidade de vida dos cidadãos, nomeadamente, “os aspetos socioculturais, como a religião, a história, ou os usos e costumes (...) influenciam as atitudes coletivas (...) que podem favorecer sentimentos de intolerância, de radicalismos nacionalistas, religiosos ou ideológicos, podem dar lugar a surtos de violência e, eventualmente, alimentar a prática do terrorismo” (Martins, 2010, p. 46).

Nos países da OCDE, os sentimentos de injustiça social ou de insatisfação em geral com o sistema político são as variáveis fundamentais que potenciam o terrorismo. Enquanto, nos países “em desenvolvimento”, os fatores causais potenciadores estão sobretudo relacionados com conflitos políticos internos (GTI, 2015). Países que possuem baixas taxas de alfabetização e escolarização, em contextos de pobreza extrema, conflitos étnicos ou em que não estejam assegurados os direitos sociais e civis, são mais propensos a demonstrações ativas de descontentamento e, em última instância, à ocorrência de atividades terroristas (Sinai, 2007).

Este correlato entre o terrorismo e a (falta de) condições socioeconómicas não é suportado pelas investigações empíricas, como demonstra o estudo de Alan Krueger 2007 apud Atran (2008) que “(1) não é a pobreza ou os baixos níveis educacionais que constituem as causas para o terrorismo, mas, antes, a privação de liberdade política; e

(2) as democracias são o tipo de regime político mais visado porque os terroristas procuram visibilidade e são o mais responsivo e tolerante ao debate público” (p. 4).

No grupo dos factores individuais, os motivos destacados apoiam-se nas teorias da Psicologia. Actualmente, do ponto de vista psicológico, os conceitos-chave para entender os factores que levam indivíduos a juntar-se a determinados grupos ou a desenvolver atos de natureza terrorista são o “motivo” (emoção, desejo, necessidade psicológica ou impulso) e a “vulnerabilidade” (suscetibilidade, tentação). Segundo Borum (2004), a literatura aponta três fatores proeminentes: (1) a percepção de injustiça ou humilhação; (2) a necessidade de ter uma identidade estável ou desejo de *status quo* e (3) a necessidade de pertença acrescenta também “a oportunidade para a ação” e a “aquisição de uma recompensa material”.

Embora a literatura aponte para factores de várias ordens nomeadamente psicológica, ideológica, filosófica, política e socioeconómica, os estudos, sublinham que as raízes do terrorismo não estão no indivíduo, mas nas circunstâncias mais amplas em que os terroristas vivem e agem. Nesse sentido, as razões que levam um indivíduo a juntar-se a um grupo extremista são externas e não necessariamente internas ao indivíduo. Entretanto, enfatiza-se a importância de reconhecer as condições sociais, em vez de ver as pessoas como predispostas para actos atrozos como aqueles relacionados ao terrorismo (Bandura, 2002; Hinds, 2013; Cotte, 2015; Mcculough et al., 2017).

As razões que levam indivíduos a unirem-se e participarem em grupos extremistas violentos, bem como os condutores da radicalização, diferem de país para país e de grupo para grupo. Nesse sentido, o que pode motivar os Somalis a alistarem-se ao grupo Al-Shabaab somali pode ser diferente dos factores que motivam Moçambicanos a unirem-se ao grupo dos Al-Shaabab. Isso enfatiza a necessidade de que cada caso de extremismo violento seja bem estudado e entendido de modo a encontrar-se soluções mais realistas e adaptadas ao contexto (Siteo, 2019).

Nesse caso, o grupo de terrorista que opera no Norte de Moçambique, pesquisadores do IESE Habibe, Forquilha e Pereira (2019) sustentam que os jovens que se juntaram

ao grupo é devido as promessas de pagamento de valores monetários, emprego e, em alguns casos, bolsas de estudo no estrangeiro, não só, mas também alicerçados pela pobreza, desemprego e baixa escolaridade, fantasias pessoais, busca de aventura, camaradagem e criação de uma nova ordem e questões identitárias baseadas em etnia.

### **5.7.5 Formas de actuação dos grupos terroristas**

O grupo terrorista denominado Al-shabab em Mocímboa da Praia actua basicamente com recurso a ataques e emboscadas a esquadras e comboios policiais por grupos numerosos de homens empunhando armas brancas (catanas) e armas de fogo. Mas também uma característica saliente são os ataques às igrejas, destruição de residências das populações e invasão aos edifícios governamentais. Para estas finalidades, recorrem catanas, machados, martelos, flechas, armas de fogo do tipo AK-47, caçadeiras de dois canos, Mauser português e Shotgun (Jornal Notícias, 2018).

Essa forma de actuação parece um misto de terror e de guerrilha. O conflito iniciou com ataques violentos de aparente puro banditismo e roubo de alimentos as pessoas e medicamentos contra instituições do Estado. Posteriormente, surgiu uma estratégia de filosofia reivindicativa (Estado Islâmico e anti-Estado/poder constituído), assente nas versões/interpretações que instrumentalizam a religião, como base do pensamento/filosofia mobilizadora, em regiões onde existe a predominância de população islâmica marginalizada e pobre (Mosca, 2020).

Surge, com maior evidência, que os ataques são mais enfocados em instituições do poder e, crescentemente, difundindo o islão em versão radical ou diferente da existente no país. A actuação dos insurgentes parece ter ganho apoio, mesmo que parcial, de segmentos da população, sobretudo jovens pobres e sem perspectivas de futuro. As acções militares deixaram de ser do tipo de guerrilha e violência furtiva, e passaram a ser uma guerra de ocupação temporária de territórios (o que pode indicar a existência de alguma base social de apoio). Os insurgentes atacam, sucessivamente, sedes distritais (escolas, postos de saúde, posto de polícia, quartéis), subtraem armamento e



viaturas do exército e da polícia e retiram-se dos locais do teatro de operações (cf. Mosca, 2020).

Segundo Oliveira e Giudice (2018), os grupos terroristas utiliza métodos como as redes sociais e a própria internet para divulgar seus actos e atrair jovens para fazer parte de seus propósitos. Embora “as redes sociais desempenhem um papel importante, o grupo de terroristas de Mocimboa actuam a partir de infiltração e criação de laços de casamentos, redes informais de amigos, madrassas, mesquitas, negócios nos mercados informais e algumas associações informais de base comunitária de jovens muçulmanos” (Habibe, Forquilha & Pereira 2019). No uso das redes sociais nunca se chega a ter certeza como ela realmente funciona, isto é, como são estabelecidas as relações dentro do grupo e quem é o líder (Oliveira & Giudice, 2018).

A forma de actuação do grupo terrorista que opera em Mocimboa da Praia, é considerado atípico, pelo facto, de não se assemelhar com outros grupos terroristas em África. Para esta natureza de movimentos terroristas, suscita enormes dúvidas de que realmente se trate de um grupo terrorista.

## **Conclusões**

Desenvolvida a pesquisa, extraíram-se as seguintes conclusões:

No que se refere às causas dos ataques terroristas em Cabo Delgado, constatou-se que os homens armados não possuem uma agenda clara, mas, no meio de toda esta zona de penumbra, parece sobressair a intenção de implantação na região de uma doutrina religiosa muçulmana de cariz radical, por meio da subjugação ou eliminação das instituições estatais, bem como da religião muçulmana clássica. Associado a isso, encontram-se também alguns elementos conducentes a causas de natureza económica, sobretudo em discursos que remetem para revolta perante uma alegada situação de pobreza e discriminação.

Em relação às percepções das populações sobre ataques levados a cabo por terroristas neste ponto do país, conclui-se que estas em geral nada sabem, apesar de em certos depoimentos terem apontado a intenção dos terroristas estabelecerem o estado islâmico na região, como forma de controlar os recursos emergentes em Palma.

Sobre as formas de actuação do grupo terrorista ao nível local, constatou-se que são diversas, variando desde a propagação de mensagens enganosas, segundo as quais pretendem libertar a região da má governação da Frelimo, distribuição dos terroristas por pontos estratégicos, cercando a cidade, até à infiltração nas famílias, horas antes dos ataques, todos os membros da família são submetidos ao cárcere privado, usando as mulheres como cozinheiras.

Quanto às fontes de financiamento e as formas de transacções financeiras usadas pelos terroristas, não foi possível obter uma resposta concreta no seio dos informantes, tendo ficado apenas a impressão de que o grupo alvo de financiamento são jovens, os quais se transformam em agentes económicos, em pouco tempo, e que as transacções financeiras são feitas na maior parte dos casos por via da plataforma *mpesa*.

Relativamente ao nível de aceitação da presença dos terroristas em Mocímboa da Praia, apesar de existir uma divergência de opiniões, os dados colhidos do campo revelam ter

havido certa simpatia da população em relação aos insurgentes, pelo menos no princípio e as semanas seguintes dos ataques, facto que se pode justificar, não só por muitos dos atacantes serem “filhos” da região, mas também pela estratégia por eles manifestada, que consistia na aparente protecção dos civis e ataque a alvos militares.

Sobre o facto de Mocímboa da Praia constituir o epicentro dos ataques terroristas, constatou-se haver uma conjuntura de factores que contribuem para o efeito, sendo de destacar a aparente aceitação de que os terroristas gozam na região; a intenção dos terroristas de ocupar a zona, dada a sua localização geoestratégica; e o facto de muitos jovens de Mocímboa da Praia terem aderido ao grupo terrorista.

## **Recomendações**

As constatações decorrentes do estudo permitem avançar com as seguintes recomendações:

Há uma necessidade de se fazer um estudo aprofundado sobre Mocímboa da Praia, do ponto de vista histórico, incluindo as migrações, as miscigenações e a actividade religiosa, para depois se encontrar formas de como consolidar a governação naquele distrito.

Torna-se necessário mobilizar-se recursos com vista a implantar unidades industriais e outras infraestruturas geradoras de emprego em Mocímboa da Praia, para a ocupação de jovens, evitando-se, desta forma, sua vulnerabilidade.

A formação técnico-profissional afigura-se importante para os jovens da Província de Cabo Delgado, em geral, e para os do Distrito de Mocímboa da Praia, em particular, de modo a dotá-los de um know-how que lhes permita ser absorvidos pelas empresas multinacionais que operam na província, com particular realce para o projecto de exploração de petróleo e gás de Palma e a mineradora Ruby Mining de Montepuez.

As instituições de ensino têm uma responsabilidade acrescida na mobilização dos jovens para não aderirem a projectos obscuros de terroristas, que os podem aliciar por via de valores monetários, tendo por finalidade destruir bens públicos, habitações, ou até tirarem a vida a outros concidadãos.

As estruturas dos bairros devem mobilizar constantemente as comunidades a redobram a vigilância, denunciando às autoridades toda e qualquer movimentação estranha que possa ocorrer no seio das famílias.

As comunidades e os líderes locais, em colaboração com as autoridades governamentais locais, devem trabalhar de forma conjunta e permanente para controlar e denunciar quaisquer sinais de práticas religiosas desviantes ou de radicalização de jovens dentro e fora das suas jurisdições.

O Governo de Moçambique precisa, com urgência, de traçar estratégias e intensificar os mecanismos de cooperação com os países vizinhos, da região da SADC e, sobretudo com países africanos que têm experiência no combate ao terrorismo, de modo a pedir apoios e colher experiências no combate ao fenómeno.

É também urgente que se melhore o sistema de controlo das fronteiras terrestres e marítimas para evitar que pessoas estranhas entrem no país com material bélico ou outros engenhos, que perturbem a ordem e a tranquilidade das populações.

Há necessidade de se desenvolver programas de modernização das FDS por forma a ter capacidade e estratégias combativas e material bélico que possa fazer face às investidas dos terroristas.

## **Bibliografia**

Agbibo, D. (2013). The Ongoing Campaign of Terror in Nigeria: Boko Haram versus the State. *Stability: International Journal of Security & Development*. v. 2, n. 3, p.1-18.

Agencia Ecclesia (06/07/2020). Igreja de Mocimboa da Praia foi destruída num ataque armado. Disponível em <https://agencia.ecclesia.pt/portal/mocambique-igreja-de-mocimboa-da-praia-foi-destruida-num-ataque-de-grupos-armados-a-vila/>. Acessado a 11 de Janeiro

Albuquerque, M. de (1934). Moçambique 1896-1898. Vol. II. Portugal: Divisão de Publicações e Biblioteca. Agencia Geral das Colónias.

Alexander, Y. (1976). *International Terrorism: National, Regional and Global Perspectives*. New York: Praeger, p. xiv.

Alexander, Y. (1976). *International Terrorism: National, Regional and Global Perspectives*. New York: Praeger, p. xiv.

Alpers, E. A. (2014). *The Indian Ocean in World History*. Oxford: Oxford University Press.

Atran, S. (2008). Who Becomes a Terrorist Today? Perspectives on Terrorism. Vol. 2. Nº. 5. Pp. 3-10. Disponível em: <http://www.terrorismonalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/35/html>. Acessado no dia 25/11/2020.

Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bianco, A. S. (2005). *Os Circuitos de financiamento do terrorismo*. Lisboa: Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Relatório de mestrado para a cadeira de Relações Internacionais.

Borum, R. (2004). *Psychology of Terrorism*. University of South Florida (USF). Disponível em: <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/208552.pdf>. Acessado dia 25/11/2020.

Cardoso, N. C. F. (2012). *Conflito armado na Somália: Análises das causas da desintegração do país após 1991*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais). Porto Alegre: FCE- UFRGS.

CDD (26/04/2020). Política Moçambicana: Filipe Nyusi falhou no seu dever de proteger a população dos ataques armados em Cabo Delgado. Domingo, Ano 2, nº 51.

Chaliand, G. & Blin, A. (2007). Introduction. In: Chaliand, Gérard; Blin, Arnaud. *The history of terrorism: from antiquity to al Qaeda*. Berkley: University of California.

Cilliers, J. & Sturman, K. (2002). An Overview And Introduction. In: Cilliers, Jakkie; Sturman, Kathryn (Eds.) *Africa And Terrorism:Joining The Global Campaign*. Pretoria: Institute For Security Studies, Cap. 1, 2002.

Clapham, C. (2003). *Terrorism in Africa: problems of definition, history and development*. v.10, n.2, p. 13-28.

Crenshaw, M. (2010). Introdução: o terrorismo visto como um problema de segurança internacional. In: Herz, M. & Amaral, A. B. do (Org.). *Terrorismo e Relações Internacionais: perspectivas e desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio: Edições Loyola. p. 25-46.

Crenshaw, M. (2012). «Chapter 7: The causes of terrorism». In Horgan, J. e Braddock, K. (2012). *Terrorism studies: a reader*. Londres: Routledge. Pp. 99-114.

Demant, P. (2013). *O mundo muçulmano*. 3. ed. São Paulo: Contexto.

EL PAÍS INTERNACIONAL, “Só quero ir para casa”, diz a menina alemã que se uniu ao Estado Islâmico em Mossul. 2017. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/23/internacional/1500839407\\_085023.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/23/internacional/1500839407_085023.html).

Acesso em: 07 de janeiro de 2019.

Étienne, B. (1987). *L'islamisme radical*. Paris: Hachette.

George, E. & Ylonen, A. (2010). Armed Islamist Groups in Egypt, Algeria and Morocco. In: Okumu, Wafula; Ikelegbe, Augustine (Ed.). *Militias, Rebels and Islamist Militants: human insecurity and state crises in Africa*. Tshwane: Institute For Security Studies p. 341-364.

Giordani, F. B. (2017). *África Ocidental e a Agenda Securitária: Determinantes Históricos e a Emergência do Terrorismo Contemporâneo*. Porto Alegre: FCE- UFRGS.

González, Y. S. (2016). El Terrorismo em África: un nuevo factor de desestabilización y de inseguridad en el continente. In: VISENTINI, Paulo Fagundes; Pereira, Analúcia Danilevicz; Migon, Eduardo Glaser (Org.). *A (in)segurança da África e sua importância para a defesa do Brasil*. Porto Alegre: NERINT-UFRGS. p. 213-232.

González, Y. S. (2020). Main Trends of Terrorism in Africa Towards 2025. *Brazilian Journal of African Studies*. Porto Alegre. v. 5, n. 9. p. 53-83.

GTI (2015). Global Terrorism Index: Measuring and Understanding the Impact of Terrorism. *Institute for Economics and Peace*. Disponível em: <http://economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2015/11/Global-Terrorism-Index-2015.pdf>. Acessado no dia 27/08/2020.

*Guide to the Analysis of Insurgency* (2012), publicado pelo governo de EUA

Habibe, S; Forquilha, S. & Pereira, J. (2019). *Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique: o Caso de Mocímboa da Praia*. Cadernos IESE nº 17. Maputo: IESE.

Hanlon, J. (ed.) (2020). Mozambique new reports and clippings.



Harmon, S. (2010). From GSPC to AQIM: the evolution of an Algerian islamist terrorist group into an Al-Qa'ida affiliate and its implications for the Sahara-Sahel region. *Association Of Concerned Africa Scholars Bulletin*. v. 85, p. 12-29.

Horgan, J. (2007). «Chapter 6: Understanding terrorist motivation: a socio-psychological perspective». In Ranstorp M. *Mapping Terrorism Research: State of the art, gaps and future direction*. Nova Iorque: Routledge. Pp. 106-126.

INDE – Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (2009). Atlas de Moçambique. Vol. II, Maputo: Editora Nacional de Moçambique.

INE - Instituto Nacional de Estatística (2012). Estatísticas Distritais: Estatísticas do Distrito de Mocímboa da Praia. Maputo: INE

Isa, M. K. (2010). Militant Islamist Groups in Northern Nigeria. In: Okumu, Wafula; Ikelegbe, Augustine (Ed.). *Militias, Rebels and Islamist Militants: human insecurity and state crises in Africa*. Tshwane: Institute For Security Studies. p. 313-340.

Joint Chiefs of Staff DOD (2008). *Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*. Washington, D.C.: DOD.

Joint Chiefs of Staff DOD (2008). *Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*. Washington, D.C.: DOD.

Jornal de Notícias - *Autenticidade do vídeo do Estado Islâmico é altamente provável*. (01/02/2015) Disponível em: [http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content\\_id=4375351](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4375351). Acessado em 19/10/2015.

Jornal Notícias. (2018, Abril 05). Retrieved Abril 19, 2018, from <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/politica/77009-apreendidos-em-mocimboa-da-praia-tribunal-decide-destino-dos-bens-dos-atacantes.html>.

Lara, A. (2007). *O Terrorismo e a Ideologia do Ocidente*. Coimbra: Almedina.

Lopes, J. A. (2017). *O terrorismo e o contraterrorismo: A influência da ONU e União Europeia no combate à radicalização na França e no Reino Unido (2001-2017)*. Lisboa: FCSH-UNL. Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais.

MAE – Ministério da Administração Estatal (2005). Perfil do Distrito de Mocímboa da Praia. Maputo: MAE.

Makinda, S. (2007). History and root causes of terrorism in Africa. In: OKUMU, Wafula; Botha, Anneli (Eds). *Understanding Terrorism in Africa: in search for an African voice*. Pretoria: Institute for Security Studies, cap. 2, p. 15-23.

Manhiça, H. N. (2004). O papel das comunidades locais na gestão dos recursos naturais: Estudo de caso do Distrito de Mocímboa da Praia. Monografia de Licenciatura em Geografia. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.

Maquenzi, J. & Feijó, J. (2019). *Pobreza, Desigualdades e Conflitos no Norte de Moçambique*. Documento de Trabalho nº 76. Maputo: OMR.

Martins, R. (2010). *Acerca de «Terrorismo» e de «Terrorismos»*. IDN Cadernos. Instituto da Defesa Nacional. Nº 1. Pp. 7-115. Disponível em: [http://www.idn.gov.pt/publicacoes/cadernos/idncaderno\\_1.pdf](http://www.idn.gov.pt/publicacoes/cadernos/idncaderno_1.pdf). Acessado 5/12/2020.

Mazrui, A. (1985). The third world and international terrorism: preliminary reflections. *Third World Quarterly*. v.7, n.2, p.348-364.

Melos, A. et al. (2014). *Atores militares não-estatais e forças militares estrangeiras no continente africano*. UFRGSMUNDI: Porto Alegre. 129-154.

Mendes, P. de S. (2007). O branqueamento de capitais e a criminalidade organizada. In: *Estudos de direito e segurança*. André Inácio. Coord.: Jorge Bacelar Gouveia, Rui Pereira. Coimbra: Almedina.

Menkhaus, K. (2008). *Somalia: A Country in Peril, a Policy Nightmare*. Disponível em [https:// www.wilsoncenter.org/event/somalia-country-peril-policy-nightmare](https://www.wilsoncenter.org/event/somalia-country-peril-policy-nightmare). Acedido a 14 de Dezembro de 2020.

Merari, A. (1993). Terrorism as a Strategy of Insurgency. *Terrorism and Political Violence*, 5 (4), 213–251.

Merari, A. (1993). Terrorism as a Strategy of Insurgency. *Terrorism and Political Violence*, 5 (4), 213–251.

MICOA – Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental (2012). Perfil Ambiental e Mapeamento do Uso Actual da Terra nos Distritos da Zona Costeira de Moçambique: Distrito de Mocímboa da Praia. Maputo: MICOA/Impacto.

Mills, G. (2007). Africa's New Strategic Significance. In: DAVIS, John (Ed.). *Africa and the War on Terrorism*. Hampshire: Ashgate Publishing Limited. p. 17-27.

Monteiro, A. (2012). *Dinâmicas da Al Shabaab*. Nação e Defesa. Nº 131 – 5ª série, p. 155-173. Disponível em

[https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7666/1/NeD131\\_AnaMonteiro.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7666/1/NeD131_AnaMonteiro.pdf)>.

Acedido a 14 de Dezembro de 2020.

Morier-Genoud, E. (2019). Tracing the history of Mozambique's mysterious and deadly insurgency. *The Conversation*. Disponível em <http://theconversation.com/tracing-the-history-of-mozambiques-mysterious-and-deadly-insurgency-111563>.

Mosca, J. (2020). *Contributo para uma análise integrada do conflito em cabo delgado. Em processo o estabelecimento de um Estado militar, com o risco de um Estado falhado, nas zonas de conflito?* DESTAQUE RURAL Nº 86 27.

Navanti Group. (2013). *Somalia's Al-Shabaab: Down but not Out*. Homeland Security Policy Institute (HSPI). pp. 1-16.

Nkwi, W. G. (2015). Terrorism in West African history: a 21st century appraisal. *Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations*. Porto Alegre, v.4, n.8, p. 78-99.

Oliveira, C. G. de & Giudice, D. S. (2018). *A Geopolítica Da Guerra Do Grupo Estado Islâmico: A Ameaça Do Terror Sem Rosto*. Sociedade e Território – Natal. Vol. 30, N. 2, p. 31-57. ISSN: 2177-8396.

Oliveira, G. Z. De. (2019). *A Securitização do Terrorismo Internacional Após 11 De Setembro de 2001: O Caso da África*. IFCH-UFRGS: Porto Alegre.

Pereira, A. (2013). "Somalia: Santuário Terrorista? O caso da Al-Shabaab". Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Africanos. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Pham, P. (2012). *A Ameaça Crescente do Boko Haram. Centro de Estudos Estratégicos de África*. pp. 1-8. Disponível em <https://africacenter.org/wpcontent/uploads/2016/06/ASB20PT-A-Amea%C3%A7a-Crescente-do-Boko-Haram.pdf>.

Philipini, R. A. S. (2016). *Islão e Islamismo: Boko Haram uma ameaça fundamentalista no continente africano*. Inter@ciência.

Pillar, P. (2001). Terrorism Goes Global, *Brookings Review*. v.19, n.4, 2001.

Ramalho, D. S. (2014). *A investigação criminal na Dark Web*. Revista de concorrência e regulação - Ano IV. n.º 14/15. Lisboa: Almedina.

Rapoport, D. C. (2002). 'The four waves of rebel terror and September 11'. *Anthropoetics: The Journal of Generative Anthropology*, 8:1, 1–19.

Rogério, N. (2020). *O Cabo do Medo: DAESH em Moçambique (Junho 2019-2020)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Roque, P. (2009). The battle for Mogadishu: Revealing Somalia's fluid loyalties and identities. *African Security Review*. 18, ( 3), p.74-79.

Santos, A. M. S. (2010). History, Memory and Violence: Changing patterns of group relationship in Mocímboa da Praia, Mozambique. Thesis in presented for the degree of Doctor of Philosophy in Social Anthripology at St Antony's College. University of Oxford: Trinity Term.

Schmid, A. & Jongman, A. (1988). *Political Terrorism: A New Guide to Actors, Authors, Concepts, Data Bases, Theories, and Literature*. Amsterdam: North Holland, Transaction Books.

Schmid, A. & Jongman, A. (1988). *Political Terrorism: A New Guide to Actors, Authors, Concepts, Data Bases, Theories, and Literature*. Amsterdam: North Holland, Transaction Books.

Silva, N. C. T. da. (2016). *A Produção e Gestão de Informações na Investigação e Perseguição Criminal ao Financiamento do Terrorismo*. Ciências Jurídico- Universidade de Lisboa Faculdade de Direito. Dissertação de Mestrado em Ciências Jurídico-Forenses.

Sinai, J. (2007). «Chapter 2: New Trends in Terrorism Studies: Strengths and weaknesses». In Ranstorp M. *Mapping Terrorism Research: State of the art, gaps and future direction*. Nova Iorque: Routledge. Pp. 31-50.

Sitoe, R. (2019). *Terrorismo em Moçambique? Que soluções de políticas? Um olhar aos ataques de Mocímboa da Praia*. Revista Moçambicana de Estudos Internacionais – RMEI. ISSN: 2616-2105, Vol. 1, Nº 01.

Sodipo, M. O. (2013). Travar o Extremismo no Norte da Nigéria. *Resumo de Segurança em África*, Washigton, DC: Centro de Estudos Estratégicos de África, v. 26, p.1-8.

Solomon, H. (2015). *Terrorism and Counter-Terrorism in Africa: Fighting Insurgency from Al Shabaab, Ansar Dine and Boko Haram*. Hampshire: Palgrave Macmillan.

Tomé, L.L. (2004). *Novo Recorte Geopolítico Mundial*. EDIUL ed. Lisboa.

Weinberg, L. and Eubank, W.L. (2008). 'Problems with the Critical Studies Approach to Terrorism', *Critical Studies on Terrorism*, 1(2).

Wilensky, Alfredo Héctor e Januário, Rui. (2003). *Direito Internacional Público Contemporâneo: Responsabilidade Internacional do Estado: Terrorismo Internacional: Direito Internacional do Ambiente: Processo de Integração Europeia e os Parlamentos Nacionais*. Lisboa: Áreas editora.

Woodward, Bob. (1987). *Veil: The Secret Wars of the CIA 1981 – 1987*. New York: Simon & Schuster.

## **Links**

<http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/cabo-delgado/>, Acesso de 09 de Dezembro de 2020.

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/terrorismo.html>. Acessado no dia 25/12/2020.

[https://www.indexmundi.com/pt/mocambique/distribuicao\\_da\\_idade.html](https://www.indexmundi.com/pt/mocambique/distribuicao_da_idade.html), Acesso de 09/12/2020.

<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/as-origens-do-terrorismo-na-historia,a3d842ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. acessado no dia 26/12/2020.